



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - UAHG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

KEILA NASCIMENTO ALVES

**DE CARNE, PEDRA E DESEJOS: IMAGENS DE CORPOS FEMININOS
NO COTIDIANO URBANO DE JACOBINA - BA (Década de 1930)**

CAMPINA GRANDE

2016

KEILA NASCIMENTO ALVES

DE CARNE, PEDRA E DESEJOS: IMAGENS DE CORPOS FEMININOS NO
COTIDIANO URBANO DE JACOBINA - BA (Década de 1930)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, área de Concentração História, Sociedade e Cultura, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira.

CAMPINA GRANDE

2016

KEILA NASCIMENTO ALVES

DE CARNE, PEDRA E DESEJOS: IMAGENS DE CORPOS FEMININOS NO
COTIDIANO URBANO DE JACOBINA - BA (Década de 1930)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História. Área de Concentração: História, Sociedade e Cultura.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (PPGH/UFCG)

Orientador

Prof.^a Dr.^a Olívia Moraes de Medeiros Neta (UFRN e PPGEPI/IFRN)

Examinadora Externa

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza (PPGH/UFCG)

Examinador Interno

AGRADECIMENTOS

Durante o percurso da pesquisa recebi o apoio de muitas pessoas e instituições, que de diversos modos contribuíram para a concretização desta dissertação. Desse modo, quero aqui registrar meus agradecimentos:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa.

Aos fazedores de sonhos: aos professores e professoras. Em especial ao professor Dr. Washington Drummond (UNEB e PPG-AU/UFBA) pelo incentivo à pesquisa historiográfica de modo criativo e crítico. Ao professor Dr. Iranilson Buriti (UFCG) pela solicitude no acompanhamento e orientação da pesquisa. E ao professor Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza (UFCG) pelas sugestões de leituras pertinentes à pesquisa, pelas aulas ministradas na disciplina Cultura e Cidade, pela participação e contribuição na banca de qualificação.

Aos colegas e amigos do mestrado. Em especial àqueles que em tão pouco tempo de convivência tornaram-se para mim portos seguros: Magno Oliveira, Clébia Araújo, Janaína Maia e Tamires Andrade. Ao amigo Cássio Cerqueira (PPGL-UFPB), pela atenção durante o processo seletivo e que se estende ao momento da escrita. Ao amigo Cosme Neto pelas horas de conversas sobre nossas pesquisas e pela parceria no Estágio-Docência.

Ao moço de olhos de horizontes. Em terras um tanto áridas aos pés de poesias e outras inventividades, so(u)rrio em lágrimas de festejar pelos nossos diálogos sobre luas, política e sobre nossas pesquisas historiográficas. Muito contribuíram para escrita desse trabalho. Pelo companheirismo. Por sonharmos juntos muitas viagens pelos chapadões do Brasil e mundo afora.

Aos amigos e familiares desses sertões de flores vermelha - alaranjadas dos pés de mulungu e de flores róseas e brancas das barrigudas. E de outras paragens. Pela atenção e carinho.

Aos companheiros da Residência Universitária da UNEB em Jacobina (BA) pelo acolhimento nos dias que fiquei em Jacobina, para então viajar a Campina Grande (PB). Pelo carinho e incentivo. Também pela consultoria multidisciplinar via WhatsApp.

Aos amigos de agora (do tempo da graduação 2009-2013), pelo encorajamento, conversas, acarajés, vinhos... Desejo que nossa amizade enverede por outras escritas minhas e vossas.

RESUMO

Na presente dissertação problematizamos como as escrituras jornalística e publicitária, médica, administrativa e legislativa instituíram imagens de cidade e de corpo e comportamentos femininos exemplares em Jacobina na década de 1930. Cidade em progresso e civilidade. Corpos saudáveis, belos e produtivos. Papéis femininos delimitados ao matrimônio e a maternidade. Eis a cidade e os corpos almejados pelos homens das letras, do comércio, das leis e da ciência. Observamos, portanto a existência de uma complexa rede discursiva institucional que procurava disciplinar a cidade e seus praticantes. No entanto, no corpo a corpo do cotidiano, na cidade vivenciada pululam usos e práticas heterogêneas que fissuram a pretendida ordem urbana e padronização dos corpos e comportamentos femininos. Dessa forma, compreendemos a cidade como campo de assimétricas relações de forças e como espaço praticado. (CERTEAU, 2012). Dialogamos com os teóricos Michel Foucault e Michel de Certeau no sentido de compreendermos que o corpo é uma superfície sobre a qual se inscrevem normas culturais. Corpo esquadrihado. Corpo inscrito pela cultura. Pensamos que o corpo é principalmente agente social. Corpo vivo. Corpo heterogêneo. Corpo que no cotidiano joga com os regimes disciplinares. Elencamos como fontes de pesquisa à urdidura dessa narrativa historiográfica os seguintes vestígios: o jornal *O Lidador*, *O Código de Posturas* e algumas fotografias das décadas de 30 do século XX. Dentre os gêneros textuais presentes no jornal *O Lidador*, damos uma atenção especial às publicidades comerciais de revistas, de medicamentos e de produtos de embelezamento, de lojas de vestuário e acessórios, também de serviços odontológicos e médico - cirúrgicos. Ao adotarmos esse conjunto de vestígios como fontes históricas, compreendemos que em sua temporalidade e constituição social, essas possuíram um papel ativo na composição de modos de vida, concepções de corpo e cidade.

Palavras chave: Jacobina, corpo feminino, publicidade, cidade.

ABSTRACT

In this master dissertation, we question how written newspapers and their advertisements, medical writings, and administrative and law documents constituted mechanisms for creating images of town and female body and behaviors supposed to be proper to Jacobina, during the decade of 1930. Town of progress and civility. Beautiful, productive and healthy bodies. Social female roles limited to marriage and motherhood. That was the town and those were the body standard desired from men; especially those who developed activities in relation to the letters, commerce, law and medicine. Then, it was observed the existence of a complex, discursive institutional network that aimed to rule the town and its citizens. However, in daily life contact, in the experienced town, a variety of practices and usages emerged that contrasted with the desired urban order, the body pattern and the female behaviors. By this, we understood the town as a field of asymmetric power relations, and as a place of usages (CERTEAU, 2012). We employ theories by Michel Foucault and Michel de Certeau to explain the body as a surface in which the cultural rules are made present. A scrutinized body. A body molded by culture. An alive body. A heterogeneous body. A body disciplined daily. We used as research sources to write this historical narrative texts from newspaper *O Lidador*, The Code of Conduct and some photographs from the decades of 1930b. Between the textual genres found in newspaper *O Lidador*, we focused on the commercial advertisements of magazines, medicines, beauty products, clothes and women's accessories shops, also advertisements of dentistry services of and medico-surgical procedures. In adopting these texts as historical research sources, we understood that their temporality and social structure had an active role into the molding of daily life behaviors, and concepts of body and town.

Keywords: Jacobina, female body; advertisement, town.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Praça da Matriz (fotografia).....	p.28
Figura 02: Construção da Ponte Manoel Novaes (fotografia).....	p.33
Figura 03: A ponte Manoel Novaes será concluída! (notícia de O Lidador).....	p.34
Figura 04: Vista do Hospital Antonio T. Sobrinho (fotografia de O Lidador).....	p.55
Figura 05: Anúncio depurativo Yantol.....	p.61
Figura 06: Anúncio Elixir de Nogueira.....	p.63
Figura 07: Anuncio Cafiaspirina: dor de dente.....	p.64
Figura 08: Anuncio Cafiaspirina: enxaquecas	p.66
Figura 09: Anúncio Cafiaspirina: enxaquecas	p.67
Figura 10: Anúncio Vigor Uterino.....	p.68
Figura 11: Anúncio Fluxo Sedatina.....	p.69
Figura 12: Anúncio Regulador Gesteira: Os nervos pegando fogo.....	p.71
Figura 13: Anúncio Regulador Gesteira: Os médicos parteiros e as mulheres.....	p.72
Figura 14: Anúncio Dr. Oswaldo Monteiro Pirajá.....	p.74
Figura 15: Anúncio Dr. Pericles Laranjeira Barbosa.....	p.76
Figura 16: Anúncio Dr. Florivaldo Barberino.....	p.76
Figura 17: Anúncio Dr. Angelo Mario Brandão.....	p.78
Figura 18: Anúncio Farmácia Santa Tereza.....	p.80
Figura 19: Fotografia de Braulio Alves (fotografia de O Lidador).....	p.94

Figura 20: Anúncio Gabinete dentário de Alano Araujo.....	p.95
Figura 21: Anúncio Colgate: Mau hálito, o grande empecilho.....	p.100
Figura 22: Anúncio Colgate: O mau hálito causa grande desgosto.....	p.101
Figura 23: Anúncio Sabonete Palmolive.....	p.103
Figura 24: Anúncio Sabonete Palmolive: Cuidado, meu bem!.....	p.104
Figura 25: Anúncio Sabonete Palmolive: Se você procura amor.....	p.105
Figura 26: Pessoas no Coreto da Matriz (fotografia).....	p.110
Figura 27: Anúncio Loja de Jacob.....	p.112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.11
1. CAPÍTULO I: EM PAPEL E CIMENTO: “A CIDADE” E SEUS CAMINHANTES.....	p.22
1.1. Imprensa como propulsora e defensora do progresso.....	p.23
1.2 Na senda do progresso: intervenções materiais e sociabilidades.....	p.26
1.2.1 Praça da Matriz em Jacobina: sociabilidades e conflitos.....	p.28
1.2.2 De desejos e cimento: ponte Manoel Novaes.....	p.30
1.3 Nas vibrações da vida universal: rádio e cinema.....	p.35
1.4 Entre as lâmpadas e os fífós: energia elétrica e iluminação pública.....	p.39
1.5 Pela cidade vivida: os rios... os banhistas... as lavadeiras.....	p.43
1.6 Fora da higiene não há progresso e civilidade.....	p.53
2. CAPÍTULO II PRESCRIÇÕES DE CORPOS E COMPORTAMENTOS FEMININOS NOS TEXTOS E ANÚNCIOS DE MEDICAMENTOS.....	p.57
2.1 Escrituras médicas e publicitárias: corpos esculpidos.....	p.57
2.2 Sangue limpo - depurativos do sangue: Elixir de Nogueira e Yantol.....	p.60
2.3 Das unhas do sofrimento ao bem estar: “Tome D. Comadre Foi com essa tá de CAFIASPIRINA que Sá Zinha arribou”.....	p.64
2.4 “A vida assim é um inferno!”: o útero e os ovários, e as mulheres tem medo de enlouquecer?.....	p.68
2.5 Mulheres e o útero: serviços médico, cirúrgico e de parto.....	p.73
2.6 Corpos aflorados: Mulheres de vida livre, Isabel e Francisca.....	p.81
3 Capítulo III JULIETAS BONITAS E ARTEIRAS: TEXTOS E ANÚNCIOS DE EMBELEZAMENTO.....	p.91

3.1 Sorriam: “... cuidar dos dentes equivale a cuidar da saúde”.....	p.92
3.2. Sorria: “sinto-me tão feliz” com meus dentes limpos e fortes.....	p.96
3.3. Estava triste, tristonha... mas uma semana depois com meu hálito primaveril o amor e a felicidade chegaram.....	p.99
3.4. “Se você procura amor?”: cuide-se!.....	p.104
3.5. Corpos vestidos de sedas e crepes: anúncios de lojas jacobinenses de roupas, tecidos, calçados e acessórios.....	p.108
3.6 Julietas delinquentes: “abrasando” no cais do Rio do Ouro e “brincando” com a honra.....	p.115
4. Considerações finais.....	p.121
Fontes.....	p.125
Referências.....	p.126
Anexos.....	p.132

INTRODUÇÃO

Por esses dias, entre fins de julho e início de agosto (2015), vivo sensações já vividas. Um sentir/lembrar corporal com olhos abertos às altas horas da noite, com risos, dores de cabeça e estados febris. Um sentir que as voltas que o mundo dá deixam nossas vidas bagunçadas. Tal sentimento de inquietação sobreveio com a leitura do romance *O Caçador de Pipas* do escritor Khaled Hosseini e com a lembrança que um dia disseram-me que engenharia civil não é curso para mulheres.

O personagem narrador de *O Mundo* que sente frio na sua infância e por anos a fio, afirma: “... Aquele que sofreu com o frio quando era pequeno, sentirá frio pelo resto da sua vida, porque o frio da infância permanece por toda a vida...” (MILLÁS, 2009, p. 13). O pequeno Juanjo tremia de frio e o adulto escritor Juanjo Millás através das lembranças, da escrita ou mesmo sem meio nenhum, sentia fisicamente as alegrias e dores da sua infância. Sentia o frio dos talheres, dos lençóis e da casa de sua infância. Por esses dias também sinto frio. Um frio bom, de quando eu tomava banhos de chuvas, pulava na lama e percorria as ruas do povoado onde moro, seguindo as enxurradas. E depois outro banho, agora de chuveiro, o agasalho, o café, a pipoca. E a alegria plena, o gosto de aventura, de independência.

A leitura e a escrita são aventuras pelos sete mares, pelas sete e tantas mais temporalidades e culturas, por nós mesmos. Então, com a leitura de *O Mundo* e o desafio de tecer um texto dissertativo como fruto de uma pesquisa acadêmica em História, adveio o sentir o frio bom. Mas também o receio que as palavras escritas não deem conta de contar e problematizar as réstias de vidas das cidades (cidade desejada, escrita, cantada, de chão de barro e cimento e tantas outras) e dos corpos em Jacobina na década de 1930.

Então, dentre as sensações que vivi por esses dias estão o frio e a inquietação. Inquietude decorrente de leituras recentemente realizadas e ecos de palavras que parecem transpor os meus dias e estações ou mesmo estações de diferentes gerações:

Não solte o cabelo que ficará assanhado

Alise e solte o cabelo

Não se assanhe

Não assanhe essa vontade construir edifícios e estradas

Não saias à noite e em tempo algum de saia curta...

Ademais, diante da intensa presença de imagens, principalmente, publicitárias a sugerir anseios, necessidades, padrões corporais, comportamentos e papéis fixos de gênero é necessário questionarmos tais proposições. Assim, o desejo por pesquisar algo relacionado ao corpo, feminilidade e cidade, resulta de um eu/corpo marcado por diferentes temporalidades e vivências: leituras, conversas, aulas na graduação de 2009 a 2013 (UNEB) e no mestrado em 2014 (PPGH - UFCG), ter morado na Residência Universitária da UNEB em Jacobina - BA, os primeiros passos na pesquisa como bolsita de Iniciação Científica, 2011-2012, sob orientação do professor Dr. Washington Drummond.

Na atualidade, o corpo é transformado em material de manipulação comercial, não se restringindo à exploração de sua força de trabalho, mas, sobretudo, visa-se o corpo como potencial consumidor mercadológico de serviços e produtos específicos. E esse consumo por vezes é tido como meio por excelência de conquistar o bem estar, esse entendido como beleza e saúde.

É-nos sugerido por discursos diversos que a aparência corporal padronizada é algo primordial na constituição do corpo aceitável e a beleza é posta como algo possível de ser adquirida, todavia, não é indicada somente como uma possibilidade, mas como um dever e necessidade principalmente femininos. Essas imagens atreladas a uma estética da mídia e do mercado sugerem padronizações corporais, em que corpos belos seriam corpos esguios, saudáveis e de aparência jovem.

Conforme Joana V. Novaes, a imagem de corpo que é exaltada na atual cultura de consumo é da aparência de jovialidade “... de seu poder de atração sexual e, finalmente, do quão longo parece ser, isto é, a tentativa desenfreada em retardar os efeitos do envelhecimento- medicina/tecnologias aliadas ao combate a morte.” (NOVAES, 2011, p.484). Ainda de acordo com Novaes “... A fugacidade do belo e sua submissão a modelos e interesses da cultura de massa agravam a dor das pessoas- sobretudo das mulheres- que fazem do corpo um calvário...” (Idem, p.491).

De acordo com Francisco Ortega, com a supervalorização e o enorme investimento simbólico sobre o corpo, ocorre o paradoxo; o corpo tornou-se objeto de incertezas, desconfianças e mal-estar para muitas pessoas. Tem-se “... Uma suspeita do corpo que se transfigura em ‘pavor da carne’, desconfiança da materialidade corporal e desejo de sua superação...” (ORTEGA, 2008, p.13). Então, tem-se o imperativo do cuidado e vigilância sobre si na constante busca pelo controle corporal. O imperativo da disciplina e controle corporal provoca ansiedade e sentimento de ambivalência, essa “... se traduz na tentativa de

reprimir qualquer desejo que prejudique a procura de saúde e perfeição corporal...” (ORTEGA, 2008, p.38).

Diante disso, compreendemos que a constituição de um ideal de corpo (O corpo feminino! O corpo masculino!) e os mecanismos de tentativas de normatização dos corpos levam a certa repressão, exclusão e insegurança, especialmente, entre os que possuem corpos diferentes e fora do modelo (de corpo belo, produtivo e jovem). Sendo assim, é pertinente que nos posicionemos frente ao moderno controle social sobre os corpos femininos, discutindo e problematizando o que é posto como natural, de modo a (des)construir (pre)conceitos e oferecer novas possibilidades que potencializem os indivíduos para uma convivência com a diversidade de corpos e seus usos.

À vida presente, a essa vida, assim como o eu lírico do poema *Mãos Dadas*, de Carlos Drummond, estou presa. Importam-me os homens presentes. Além desses, importam-me os vestígios de vidas de homens e mulheres em suas singularidades em temporalidades passadas. Ao historiador e à historiadora, tecelões de temporalidades importam-lhes as ações de homens e mulheres em tempos heterogêneos. Interessa-lhes que seus ateliers estejam abertos a diferentes sujeitos, ou como afirma Durval Albuquerque Júnior uma oficina “... aberta a gatos e ratos, aberta a mulheres, crianças, prostitutas, boêmios, ladrões, sodomitas, loucos, bruxas, presos, artistas, saltimbancos, palhaços de ofício e na vida...” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009). Assim, a fim de urdir em texto temporalidades e fragmentos de ações de homens e mulheres em Jacobina na década de 1930, temos como linha para costura a seguinte questão, como a escritura jornalística e publicitária instituíram imagens de cidade e de corpo e comportamentos femininos exemplares em Jacobina na década de 1930?

Dessa maneira, entendemos que a pesquisa em história é a uma forma de recriação e compreensão do passado e incide sobre o tempo atual, marcando a diferença de modo a contribuir para pensar que as formas de existências são sempre singulares, raras e precárias. Nesse sentido, permite-nos afirmar que o presente é contingencial e nas relações de forças não há experiências essenciais, puras, verdadeiras, mas ao contrário são localizáveis num tempo e espaço específicos, ou seja, são históricas. Desse modo, mantendo uma relação de transversalidade com presente, este texto é importante por somar com as pesquisas que elucidam que o corpo e as práticas corporais são históricas, assim possibilita a discussão e potencializa os indivíduos para a convivência com a diversidade de formas e usos dos corpos.

Nesse sentido, entendemos que as representações e práticas corporais são traçadas em relações de forças marcadas historicamente. Dessa maneira, compreendemos que o corpo é

uma superfície sob a qual se inscrevem normas culturais, sendo também o lugar direto de controle social. Corpo esquadrihado. Corpo marcado pela história. Corpo inscrito pela cultura. Mas devemos ter claro que se por lado o corpo é alvo de controle social, ele é principalmente agente social. Corpo vivo. Corpo heterogêneo. Corpo que no cotidiano joga com os regimes disciplinares, ao tempo que é modulado por esses, gera deslocamentos. Cria resistências.

Conforme a historiadora Denise Sant'Anna (2006), o corpo é um território tanto biológico quanto simbólico. E são incontáveis os caminhos e formas de abordagem: da medicina à arte. Porém, independente do caminho de pesquisa é necessário ter em vista que o corpo é inteiramente marcado pela história. Segundo Michel Foucault,

... Pensamos, em todo caso, que o corpo não tem outras leis a não ser de sua fisiologia, e que ele escapa a história. Novo erro: ele é dominado por uma série de regimes que os constroem; é destruído por regimes de trabalho, de repouso e de festas; é intoxicado por venenos – simultaneamente alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais; ele cria resistências... (FOUCAULT, 2008, p.272)

Dessa maneira, consideramos a imprensa e as letras da lei (Código de Posturas de Jacobina-1933) como dispositivos na pedagogização de corpos e do espaço urbano. Então, analisamos que cidade e corpo feminino eram desejados e como a imprensa atuou em função dessa aspiração, ao tempo que apresentamos algumas práticas cotidianas por vezes contrárias ao ideal de cidade em progresso e civilidade. Assim, usamos os conceitos de corpo e de cidade, entendendo-os como campos de relações de forças.

As matérias-primas selecionadas para tessitura dessa narrativa historiográfica foram o periódico impresso *O Lidador*, *O Código de Posturas* e algumas fotografias das décadas de 30 do século XX.

O periódico *O Lidador* foi o quinto jornal empreendido na cidade de Jacobina na primeira metade do século XX¹, estabelecido em 07 de setembro de 1933, originado da transferência do seu proprietário e diretor Nemésio Lima, devido a conflitos políticos na cidade de Mundo Novo - BA com o intendente Raul Victória. Segundo Adriano Menezes “... em Jacobina ele teve como principal aliado um jovem coronel ainda em busca de um poder

¹ Os jornais impressos A primavera (quinzenal, circulou por um ano, 1916), O Centro (único número, em 2 de julho de 1921), Correio de Jacobina (1921-1927), O ideal (menos de um ano em circulação, 1927) circularam na cidade antes do *O Lidador*.

político, onde permaneceria por mandatos consecutivos - Francisco Rocha Pires.” (MENEZES, 2009, p.04).

Quanto às relações do jornal com o comércio em Jacobina, é válido notarmos que *O Lidador* foi um empreendimento comercial, além da produção e venda do periódico, eram disponibilizados serviços tipográficos (encadernação e impressão de livros), venda de livros em geral, calendários, blocos e produtos escolares. Portanto, era seu interesse que os serviços dos correios e ferroviários funcionassem bem, atendendo as demandas de distribuição do jornal, de modo que foram constantes em suas páginas reclamações sobre as irregularidades desses serviços. Também pelo seu caráter comercial, eram disponibilizados em suas páginas espaços para textos e publicidades pagos.

Ademais, é notável seu posicionamento favorável aos comerciantes em Jacobina. Nota-se o estreitamento do periódico com esses quando os redatores faziam elogios a alguns estabelecimentos comerciais como elementos de progresso para a cidade, como o gabinete dentário de Braulio Alves, Loja Jacob, consultório médico de Florivaldo Barberino e Farmácia Santa Tereza.

O semanário *O Lidador* esteve em circulação no período de 7 de setembro de 1933 até 14 de março de 1943, totalizando 427 edições. Em grande parte suas edições são compostas por quatro páginas. E em sua colunagem encontramos artigos assinados, textos da redação, editoriais, publicações de vários poetas e escritores de Jacobina e região, notícias do cenário local e nacional, assim como do cenário internacional, principalmente do clima de instabilidade e medo anterior à Segunda Guerra e do início Segunda Guerra Mundial.

Em algumas datas de aniversário da fundação do periódico, circularam edições com cerca de 7 a 8 páginas a exibir reportagens especiais, sempre dando relevo à sociedade jacobinense. A partir da edição especial 103 de 07 de setembro de 1935, data de comemoração do segundo ano de circulação do semanário, têm-se a publicação de várias fotografias da cidade e de pessoas, sendo que o uso de fotografias será mais constante a partir de 1936.

A primeira página do periódico é constituída pelo cabeçalho informativo com seu nome e subtítulo, diretor, edição, data de circulação e localização da redação. A tipografia e redação do *O Lidador*, encontrava-se na Praça da Matriz, de setembro de 1933 a primeiro de novembro de 1936. E do domingo seguinte (08/11/1936) a 1943 ganhou outro endereço: Rua Senador Pedro Lago, ambas no centro comercial da cidade.

O *O Lيدador* usou o subtítulo: *Jornal noticioso, literário e independente* até março de 1935. Em relação ao caráter literário do jornal; encontramos vários poemas de autores de Jacobina e região, a exemplo dos poetas Eurycles Barreto e Eulálio Mota. Conforme Menezes (2010), Eurycles Barreto nasceu em 1896 na cidade de Mundo Novo e, desde jovem, residiu na cidade de Morro do Chapéu Bahia. Assim, como Barreto, Eulálio Mota nasceu em Mundo Novo- BA.

Notamos que grande parte dos poemas que versam sobre a cidade, exalta-na como cidade bela, harmoniosa e prospera. Quanto ao feminino versificado em alguns poemas: é cheio de encantos, doçura, inocência e sedução. Embora, os textos literários não tenham um caráter normativo como as letras da lei, também confluem na rede discursiva que tentava disciplinar a cidade e os corpos.

Assim, dentre os objetivos de atuação do *O Lيدador* estiveram o amparo à pátria, a promoção de notícias e a educação de leitores por meio de seus textos. Mas sua principal bandeira foi o progresso da cidade. Como podemos verificar no seu subtítulo *Comercio, Letras e Factos. Tudo pelo progresso de Jacobina*, utilizado da 80ª edição de 1935 à 235ª de 1938, da edição seguinte até 1943 o primeiro subtítulo é retomado.

Em seu trabalho sobre a imprensa jornalística o autor Marcondes Ciro Filho, afirma que embora haja a pretensão de impessoalidade e objetividade da imprensa jornalística, a mesma é um meio que certos indivíduos e grupos utilizam para potencializar seus interesses. Nas palavras de Ciro Filho “... É uma maneira de se dar eco às posições pessoais, de classe ou de nações através de um complexo industrial-tecnológico, que além de preservar uma suposta impessoalidade, afirma-se, pelo seu poder e soberania, como a ‘verdade’”. (CIRO FILHO, 1986, p. 11).

Nesse sentido, ao adotarmos o jornal impresso como fonte de pesquisa, o consideramos como suporte de práticas sociais e por isso, fala de um lugar social, de um determinado tempo e sob as perspectivas de atores históricos específicos. Dessa forma, os jornais impressos não são reflexos do real, mas na constituição social, também, possuíram um papel ativo na composição de modos de vida, perspectivas e percepção histórica.

Conforme as pesquisadoras Heloisa Cruz e Maria do Rosário Peixoto (2007), não só a imprensa, mas todo documento, é um monumento, ou seja, é um artefato, no sentido de construto que em sua temporalidade social foi permeado por subjetividades e intencionalidades. Portanto, assim como as demais fontes a imprensa periódica possui um caráter subjetivo, de interesses com determinados grupos sociais.

Desse modo, os vários vestígios produzidos por homens e mulheres numa temporalidade passada, não foram constituídos para serem fontes para o historiador, mas sim tiveram inúmeras outras funções na dinâmica do vivido. Assim sendo, é o pesquisador que visando elaborar uma análise do social, busca produzir suas fontes por meio de escolhas, de combinações, seleções e recortando-as do uso que outrora tivera e as destinam a um outro emprego, qual seja o de fonte histórica. Assim, afirmam Cruz & Peixoto:

De há muito, acertamos que o passado não nos lega testemunhos neutros e objetivos e que todo documento é suporte de prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui. (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p.258)

Ainda conforme as autoras (2007), a imprensa (periódicos, gibis, revistas, almanaques, panfletos, etc.) é uma força ativa nos processos sociais e não meros repositórios de acontecimentos, é uma prática social que desenha concepções de cidades², define papéis de gênero, generalizam opiniões e modos de pensar como se fossem universais. Então, a imprensa em sua atuação delimita espaços, mobiliza opiniões, constitui adesões e consensos.

Dentre os gêneros textuais presentes no periódico *O Lidador*, a saber: artigos, notas informativas de falecimento, nascimento e casamento, editais da prefeitura e da Delegacia de Polícia de Jacobina, poemas, crônicas, textos religiosos, reclames, notícias locais, nacionais e internacionais, artigos médicos, damos uma atenção especial às publicidades comerciais. Compreendemos que os anúncios foram uma maneira de vender produtos e anunciar eventos, mas não se restringiram a relação de compra e venda, sugeriam também modos de vida, prioridades e desejos.

No periódico *O Lidador* os anúncios publicitários possuíam uma ocupação gráfica significativa, embora haja variações na quantidade em cada página de acordo com a edição, é constante em todas as edições que a 3ª página seja somente de anúncios. Os comerciantes, prestadores de serviços como advogados, dentistas e médicos locais usaram a publicidade no periódico como instrumento para promover seus estabelecimentos comerciais, produtos e

² No Brasil os jornais impressos foram importantes na elaboração de narrativas e concepções do urbano e dos seus habitantes. Problematizamos no capítulo I qual a cidade desenhada e desejada pelo *O Lidador* e como esse desejo se desdobra em tentativas de normatizações e exclusões de algumas dizibilidades e visibilidades urbanas. No capítulo III dialogamos com James W. Goodwin (2007), o autor utiliza como fonte de pesquisa os jornais das cidades mineiras: Diamantina e Juiz de Fora. Os homens de imprensa dessas cidades constituíram para o urbano uma representação de uma cidade moderna, da tecnologia e do progresso.

serviços. Desse modo, notamos um conjunto de publicidades engendradas pelo comércio local. Além de anúncios de comerciantes de cidades vizinhas à Jacobina, encontramos anúncios de produtos diversos: cremes dentais, aparelhos de barbear (Gillette), gasolina, medicamentos, revistas, óleo para automóveis.

Nossa principal fonte para a análise das representações do corpo feminino serão os anúncios publicitários de revistas, de medicamentos e de produtos de embelezamento (circulação nacional), bem como os anúncios do comércio da cidade com ênfase nos reclames de lojas de vestuário e acessórios, também de serviços odontológicos e médico - cirúrgicos.

E para analisarmos as tentativas de normatizações das práticas corporais e do espaço urbano elegemos como fontes as notícias no *O Lidorador* que abordem sobre as transformações no cenário urbano, a presença das mulheres no cotidiano da cidade e as resistências dos sujeitos históricos frente às tentativas de normatizações.

Quanto à circulação do jornal procuramos alguns dados no próprio periódico, por meio de pequenas notas aos leitores, assinantes e na seção expediente. Então cruzamos as informações para saber a abrangência de sua circulação. A partir do cruzamento das informações dos anúncios de expediente verificamos que *O Lidorador* além de circular na sede, circulava em alguns povoados do Município de Jacobina: Caen e Itapeipu (distritos de paz e policial), Caatinga do Moura (distrito policial), Ouro Branco, Itapicuru e Canavieiras. E possuía correspondentes nas seguintes cidades e povoados: Mundo Novo e seu povoado: Piritiba- emancipado de Mundo Novo em 1952, Campo Formoso e seu povoado Pindobaçu - emancipado de Campo Formoso em 1953, Senhor do Bonfim, Djalma Dutra - atual Miguel Calmon e seu distrito Pindorama, Riachuelo - atual Mirangaba, emancipado de Saúde em 1961³.

O semanário possuía assinantes também em Salvador, em 1938 em tom de reclamação foi publicada a nota *Uma queixa ao Digno diretor dos Correios*⁴, dirigida ao chefe dos Correios na Bahia, solicitando providências quanto a não entrega semanal do jornal a vários assinantes residentes em Salvador. E em anúncio de 1941, encontramos os nomes de seus redatores, mas não sabemos se foram durante todo o período de circulação do jornal: Dr. José Joaquim A. Gouveia, Dr. Amarildo Benjamin, Dr. Agnaldo Caldas e Nemesio Lima.

³ Dados sobre Mundo Novo, Piritiba, Pindobaçu, Campo Formoso, Senhor do Bonfim, atual Miguel Calmon foram colhidos no site Cidades do IBGE: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php?lang>. E sobre Mirangaba em <http://mirangababa.blogspot.com.br/p/historia.html>. Acesso em 03 mar. De 2015.

⁴ Uma queixa ao Digno diretor dos Correios. *O Lidorador*. Ed. 218, 04. (04/01/1938)

Elegemos como fonte também *O Código de Postura* do município. O livro do *O Código de Posturas e Atos do Prefeito* possui como data de abertura o ano de 1933 e data de fechamento o ano de 1938. O *Código de Posturas* é uma fonte de natureza político administrativa, é composto por 11 Capítulos e 154 Artigos. Verificamos que o *Código de Posturas* esteve em vigência na década de 1950 (SILVA, 2015), porém não identificamos até quando esse continuou vigente.

O *Código de Posturas* foi um instrumento legitimado do poder público municipal, para tentar manter a ordem e regulamentar as atividades profissionais, as modificações urbanas, o uso dos espaços públicos, o funcionamento dos estabelecimentos comerciais, além da segurança pública. O que nos possibilita um panorama amplo em relação às questões administrativas e uma visualização do cotidiano urbano da cidade de Jacobina.

Ambas as fontes estão digitalizadas e disponíveis no DVD Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina, organizado pelos professores Adriano Menezes e Valter de Oliveira. *O Lidador* está disponível na seção Imprensa. Já o livro do *O Código de Postura e Atos do Prefeito* está na seção Documentos Diversos.

Então, com a análise desses vestígios, tentamos apresentar em texto qual o ideal de cidade e feminilidade presentes em Jacobina na década de 1930. Afim de produzir alguma inteligibilidade em palavras à dispersão dos fragmentos de ações de homens e mulheres em Jacobina na década de 30 organizamos a escrita em três capítulos.

No primeiro capítulo *Em papel e cimento: “a cidade” e seus caminhantes*, problematizamos como as letras da lei e da imprensa inscrevem modelos de corpo feminino e de cidade. Cidade em progresso e civilidade, essa foi à cidade desejada e desenhada por políticos, poetas e jornalistas. Desejo desdobrado em tentativas de normatizações e exclusões de algumas dizibilidades e visibilidades, como palavrões, corpos seminus e venda de bofes (vísceras suínas e bovinas) na feira.

De início apontamos que a imprensa usa a estratégia de autodenominar-se sinal e defensora do progresso, para legitimar sua concepção de cidade e atuação em prol dessa, bem como para aglutinar outros atores sociais em torno do ideal de cidade em progresso e civilidade. A imprensa como ator social ativo na constituição de imagens da cidade, atua como dispositivo normatizador do cotidiano urbano e de pedagogização de corpos e comportamentos.

A seguir apresentamos alguns elementos urbanos, a exemplo da Praça da Matriz, da ponte Manoel Novaes e da eletricidade. E como esses foram tidos pela imprensa enquanto

atestados de progresso. Ao tempo que buscamos analisá-los como equipamentos praticados, de modo a visualizarmos não só uma cidade almejada pelos homens das letras, das leis e da ciência, mas como uma cidade praticada dentre outros por meninos, lavadeiras, banhistas e “mulheres de vida livre”. Destacamos ainda que a imprensa e a administração municipal, para uma cidade em ordem, requeriam corpos e comportamentos também em ordem, para tal prescreviam o modo como os espaços deviam ser utilizados, a exemplo dos rios, principal fonte de abastecimento da cidade. Por fim, discutimos a relação cidade e higienismo.

No segundo capítulo *Prescrições de corpos e comportamentos femininos nos textos e anúncios de medicamento*, analisamos quais os perfis de corpos femininos urdidos nos anúncios de produtos e serviços médicos, relacionando com o espaço e as práticas urbanas. No início do capítulo discutimos como as relações entre a publicidade impressa e o saber médico formam um conluio de práticas e discursos, constituindo um dispositivo médico-publicitário a inscrever corpos e subjetividades. Em seguida analisamos anúncios dos medicamentos *Elixir de Nogueira* e *Cafiaspirina*, direcionados ao consumidor em geral. E os anúncios direcionados especificamente às mulheres: *Vigor Uterino*, *Fluxo Sedatina* e *Regulador Gesterira*. Ao longo do capítulo trabalhamos também com os reclames de serviços médicos em Jacobina. Esses circunscrevem o corpo feminino ao desempenho dos papéis de esposa e mãe. A seguir apresentamos como esse modelo de feminilidade foi arranhado por muitas mulheres. Desse modo, têm-se prescrições de um dever ser mulher, mas nas tramas do cotidiano as mulheres no subir e descer serras, nas lavagens de roupas nos rios, ao namorarem no cais do rio do Ouro, ao atuar nos cabarés compunham seus arranjos de feminilidades.

No terceiro e último capítulo intitulado *Julietas bonitas e arteiras: textos e anúncios de embelezamento*, procuramos compreender as imagens da beleza narradas em anúncios de higiene e embelezamento pautados na produção de identidades para o feminino. Nesse capítulo elencamos como fontes anúncios de alguns estabelecimentos comerciais jacobinenses: lojas de variedades: tecidos, calçados, chapéus, etc., ateliês de costuras, gabinetes dentários e de revistas de costuras: *Moda e Bordado*, *Arte de Bordar* (do Rio de Janeiro). Discutimos como a imprensa e os comerciantes em Jacobina sugerem uma maneira de experimentar a cidade por meio do consumo, uma cidade de possibilitaria o próprio agenciamento do corpo por meio de produtos e serviços, como roupas e cuidados com os dentes. Também discutimos a relação beleza, higiene, saúde e êxito amoroso presentes nos anúncios de produtos de higiene como o creme dental Colgate e o sabonete Palmolive.

Por fim, nas considerações finais, pontuamos questões discutidas no trabalho, dificuldades encontradas na pesquisa e possibilidades de análises com a temática e fontes apresentadas ao longo do texto.

1. CAPÍTULO I: EM PAPEL E CIMENTO: “A CIDADE” E SEUS CAMINHANTES

Um dia desses [caminhada imaginativa] na cidade de verdes serras, umas vacas pastavam pelas ruas, uns cães perambulavam e latiam madrugada afora. Um dia desses de feira, uma senhorita repugnou o odor e a visualidade das tripas suínas expostas à venda em folhas de bananeira. Um dia desses de folia, dia de Micareta os brincantes do Bloco Assassinos da Tristeza se ajeitavam para foto. Escolheram o coreto na Praça da Matriz no centro da cidade para seu registro fotográfico. O coreto foi uma construção importante no cotidiano urbano de Jacobina.

Nas primeiras décadas do século XX, o processo de urbanização de Jacobina⁵, cidade serrana, foi marcado pela construção de equipamentos urbanos coletivos. Processo articulado em grande medida pelos conceitos de progresso e civilidade. De acordo com Luiz Henrique Blume (2009), a ferrovia, a companhia de Força e Luz de Jacobina e a proibição de animais soltos nas ruas, foram importantes elementos na vontade de modernizar a cidade, ao tempo que conviveram com formas e práticas consideradas atrasadas, como o despejo de fezes, lixo e águas servidas nas ruas.

Numa noite dessas, tropeiros arrancharam na Praça da Matriz e aproveitando as árvores amarram seus cavalos. Com a luz do dia eram visíveis as marcas de brasas e sensíveis os odores de fumaça e esterco na praça. E lá estavam eles a carregar mercadorias negociadas nos armazéns de produtos agrícolas da cidade. Compondo outra cena: corpos em gestos de trabalho, em risos soltos e não em poses sorridentes para os flashes de dias de festa.

Para o autor, as tentativas de normatização do espaço urbano, denotam formas de resistência e apropriação para além do espaço planejado “... criando e recriando redes de comunicação entre a ‘roça’ e a cidade...” (BLUME, 2009, p.21). Desse modo, foram mudanças significativas à instituição de serviços, locais de lazer e intervenções materiais, mas não suplantaram em absoluto características rurais na cidade, como a criação de animais no perímetro urbano.

⁵ O município de Jacobina está localizado na região norte da Bahia, no extremo norte da Chapada Diamantina, área denominada Piemonte da Chapada. A sede do município fica a 330 quilômetros de Salvador.

Num dia desses em plena Praça da Matriz, rapazes jogavam bola numa algazarra só. Corpos em movimento: saltitantes, brincantes e gritantes. Proferiam palavrões. O que causou o descontentamento de um homem a tomar nota num caderno. Que me disse que cena desrespeitosa. Mas temos algo majestoso na cidade: nossa ponte de cimento armado. Um dia desses alguns homens posaram para foto na ponte de cimento em construção. Enquanto, outros homens armavam colunas de ferro, a ser preenchidas com massa de cimento, areia e suor. Cidade com ares da modernização urbana. Pintada com cores de cimento e cal.

Um dia desses de feira, um forasteiro pediu mais uma dose de cachaça. O forasteiro veio à Jacobina em busca do ouro e com a esperança de melhorar sua situação financeira por meio do garimpo...

Nas décadas de 30 e 40, a exploração aurífera foi importante fator em sua dinâmica socioeconômica, pois, conforme Zeneide Rios de Jesus, o ouro nas serras de Jacobina, atraiu milhares de garimpeiros, provocando o aumento e diversidade de pessoas na cidade, procedentes de cidades baianas como Irecê, Mundo Novo, Morro do Chapéu, Monte Alegre entre outras. E de outros Estados, a exemplo de Alagoas, Paraíba e Pernambuco. O novo fôlego na economia aurífera trouxe implícitas expectativas de inserir a cidade na direção do progresso, pois “... as pessoas atraídas pelas notícias do ouro traziam as possibilidades de através do trabalho, gerarem riqueza que deveria ser investida na construção de uma cidade, mais urbana, mais asseada e mais progressista...” (JESUS, 2005, p.16). Mas os forasteiros foram vistos também como ameaças ao ideal de cidade limpa, pacata e moderna, pois muitos garimpeiros e pessoas pobres tinham como alternativas de divertimento a bebida, os jogos de azar e a prostituição, constantemente combatidos pela polícia e pela imprensa como males e entraves da civilização.

Na década de 30, nas páginas do *O Lيدador*, diferente desses “entraves”, a imprensa era defendida como componente primordial para o progresso de Jacobina, pois indicaria seu grau de urbanidade, ao mesmo tempo em que atuaria em favor do progresso e civilidade da cidade. Desse modo, desde sua primeira página da edição inaugural *O Lيدador* é proclamado como propulsor e defensor do progresso.

1.1. Imprensa como propulsora e defensora do progresso

A imprensa em Jacobina⁶

⁶ A imprensa em Jacobina. *O Lيدador*, Ed. 01, p.01. (07/09/1933)

[...]

A lendária Jacobina, modernizada com ruas e praças calçadas, ostentando modernos prédios arquitetônicos, coreto, pontes de cimento armado, bela balaustrada ornando o longo cais do rico rio que, em amoroso murmúrio, lhe atravessa o coração, fornecendo energia elétrica para a sua deslumbrante iluminação pública e particular; Jacobina, montanhosa cidade sertaneja, guarnecida de fortalezas naturais, abertos os seus portões à dinamite pela engenharia brasileira. Para estender os longos fios de aço, a fim de passar a locomotiva e pelo espaço os fios elétricos, condutores do pensamento e da palavra: Jacobina, villa que foi há mais de duzentos anos, possuindo cinema e radio, despertada a todo instante com o fononar dos autos, que vão se embrenhando pelas fazendas circunvizinhas, Jacobina, de certo, não podia por mais tempo permanecer nessa letargia, presos os seus ecos dentro das cordilheiras que a circundam.

[...]

Amado Barberino

No texto *A imprensa em Jacobina*, publicado no *O Lidador*, Amado Barberino, proprietário da loja A Primavera, bem como ex - proprietário e redator chefe do jornal A Primavera (1916), se dirige aos seus conterrâneos, em especial aos homens de representação-letrados, comerciantes, políticos- responsáveis pelo futuro da Pátria, conclamando – os a empreenderem esforços e inteligência em prol da grandeza da cidade. Nas palavras do articulista:

[não obstante os obstáculos enfrentados pelo jornal do interior] O LIDADOR terá vida longa, precisando somente da boa vontade dos meus caros patrícios e especialmente dos homens de representação, dos quaes depende o futuro da Patria comum, que appelia para todos nós, filhos desta terra, para que conjuguemos os nossos esforços, as nossas energias e inteligência, em pról de seu alevantamento e grandesa.

Desse modo, deveriam apoiar *O Lidador*, pois este em muito contribuiria para progresso de Jacobina. Em tom entusiástico, Amado Barberino define Jacobina como cidade secular e privilegiada pela natureza. Cidade que naquele sete de setembro, comemorava mais do que a independência pátria, recebia festivamente Nemésio Lima, diretor do *O Lidador*, elogiado como possuidor de espírito inteligente e perseverante, devotado ao trabalho.

No referido artigo é elogiada a paisagem natural de Jacobina, cercada por serras e cortada por rios, em especial são destacadas as intervenções técnicas como elementos do almejado progresso. O cais rio do Ouro é ornamentado por uma balaustrada e suas águas são aproveitadas para geração de energia elétrica. Suas serras foram dinamitadas pela engenharia, pois interessava a presença de fios e de máquinas cortando-as, fios elétricos condutores do pensamento e da palavra, fios de aços para o deslocamento da locomotiva. Outros aparatos tecnológicos relacionados à circulação de corpos e informações, presentes na cidade foram o

automóvel com seu fonofonar a possibilitar a circulação de corpos e inscrevendo-lhes novas sensibilidades em suas relações com o espaço urbano. O cinema e o rádio a propagar imagens e sons, a informar e educar os sentidos corporais e afetivos.

Para Barberino, Jacobina apresentava modernos elementos urbanos e técnicos, necessitava, pois, de um jornal que expandisse seus ecos para além das “... das cordilheiras que a circundam.”. O texto torna manifesta a alegria de Barberino com a chegada do *O Lidador* à cidade e seus votos de sucesso a Nemesio Lima. Sucesso atrelado ao trabalho “árduo” e apoio da “... sociedade sã, composta com elementos da elite, que sabe corresponder aos esforços dos que luctam em prol de idéias sublimes.” Assim, não obstante os obstáculos encontrados pelo jornal do interior, como a luta em meio inculto, *O Lidador*, teria vida longa.

No conjunto, dos tipos⁷ a formarem frases e parágrafos de boas-vindas, foram grafadas expectativas em relação à atuação do jornal na cidade. Atuação essa colocada como missão. Nas palavras de Barberino “que será de certo o teu advogado e o grande impulsionador que te fará marchar galhardamente pela estrada ampla do progresso para conquista das tuas nobres aspirações.”. Assim, na primeira edição do *O Lidador* foram marcadas algumas linhas de uma rede discursiva sobre a cidade, produzindo efeitos de verdade sobre sua materialidade, cotidiano, corpos e subjetividades.

Além de eventuais textos de autoria que não dos seus redatores, são constantes, notadamente em edições comemorativas do dia 7 de Setembro, o argumento dos próprios redatores do periódico como porta voz dos jacobinenses e propulsor do progresso. Nessas edições, tem-se a reafirmação, por seus redatores, dos obstáculos enfrentados por um jornal do interior, seu comprometimento com o bem público e de seu interesse pelo progresso da cidade.⁸

A edição de aniversário de 2 anos do jornal foi anunciada em 11 de agosto com entusiasmo, pois seria uma edição especial “... em papel superior, dedicada a sociedade jacobinense e repleta de photographias de tudo que se relaciona como nosso progresso econômico e social.”⁹ Ainda nesse aviso, para a organização dessa edição, a redação teve o

⁷ Em relação à impressão tipográfica no início do século XX, os tipos eram letrinhas, símbolos e outros caracteres em alto relevo fundidos em metal (chumbo ou estanho) utilizados na impressão de textos diversos.

⁸ Edições de aniversários: 53 de 1934; 103 de 1935; 154 de 1936; 201 de 1937; 251 de 1938; 295 de 1939; 360 de 1941; em 13 de setembro de 1942 na edição 406 tem uma nota em agradecimento pelas felicitações pelo nono aniversário.

⁹ <<O Lidador>> Edição especial a 7 de setembro. O Lidador, Ed. 100, p.01. (11/08/1935)

apoio do comércio local, industriais, funcionários e repartições e que oportunamente seria estabelecido o preço dos exemplares a serem vendidos avulsos.

E na edição de 21 de agosto de 1935, os leitores são alertados sobre a possibilidade da não circulação do jornal no domingo próximo devido à exigüidade de tempo para preparação da edição de aniversário. Desse modo, os leitores esperaram até o dia 7 de setembro, quando circulou a 103ª edição especial com 24 páginas e muitas fotografias de pessoas e da cidade. Nessa edição, encontramos informações sobre festas, política, intervenções urbanas, educação, médicos e dentistas, comércio, minas de ouro do Itapicuru e poemas sobre a cidade.

Para o recorte temporal em análise a imprensa, comerciantes, médicos e dentistas (textos e publicidades no *O Lidador*) e gestores (prefeitos, vereadores, delegados, médico higienista), tecem os filigranas de uma rede discursiva sobre a cidade, os corpos e os comportamentos. Tentando normatizar o cotidiano urbano de acordo com o modelo de cidade civilizada.

Nessa tessitura, a imprensa usa a estratégia de autodenominar-se sinal e defensora do progresso, para legitimar sua concepção de cidade e atuação em prol desta, bem como, para aglutinar outros atores sociais em torno do ideal de cidade em progresso e civilidade. A imprensa como ator social ativo na constituição de imagens da cidade, atua como dispositivo normatizador do cotidiano urbano e de pedagogização de corpos e comportamentos.

Desse modo, a cidade é objeto de disputas simbólicas e enunciativas, a imprensa e os gestores públicos anseiam por um tipo de cidade e atuam na tessitura social, de acordo com suas concepções de cidade. A cidade é também sua materialidade que em muito se relaciona com os desejos e práticas de seus habitantes, pois a materialidade, desejos e práticas são atrelados a uma rede de significados culturais e políticos.

1.2 Na senda do progresso: intervenções materiais e sociabilidades

O autor Paulo Cesar Garcez Marins (1998), analisa a modernização de algumas capitais brasileiras no século XX, com enfoque para o movimento de pessoas e questões relacionadas à moradia e vizinhança. Os habitantes das cidades eram cada vez mais numerosos e movediços. Num contexto de mudanças rápidas e instabilidade os praticantes das recém-criadas ciências do planejamento e gestão urbana intervinham nas cidades, buscando produzir certo ordenamento.

No início do século XX, as elites emergentes alicerçadas na economia cafeeira ansiavam por modernizar a economia e civilizar o país, que em sua concepção era atrasado em relação às capitais europeias e norte americana. As primeiras investidas no Brasil de reformas referenciadas no exemplo civilizador da Paris de Haussmann, tiveram como alvo o Rio de Janeiro. Nas tentativas de consolidação de referências europeias na organização do espaço urbano no Rio e em outras capitais, o Estado buscou em todas as frentes estabelecer que os espaços de abrangência pública fossem reservados à circulação e ao lazer controlado. E os espaços privados seriam para práticas da intimidade institucionalizada por códigos específicos e rígidos a serem mantidos e promovidos preferencialmente pela família nuclear.

O Estado e seus técnicos (engenheiros, médicos sanitaristas, urbanistas) conceberam a cidade como campo de intervenção técnico científico e insistiram em controlar as sociedades, submetendo-as a modelos de racionalidade, otimização de fluxos e higienização sanitária. Os técnicos tiveram um papel de destaque na gestão do espaço urbano, porém, sendo esse espaço social, outros atores se apropriavam e visavam - o de maneiras diferentes e contrárias ao espaço planejado. As populações pobres desviavam aos intentos de disciplinamento, invadindo áreas reservadas, desviando e captando recursos clandestinamente, aproveitando oportunidades imprevistas e remodelando os usos e espaços segundo suas demandas específicas.

A partir dessa leitura compreendemos a cidade enquanto campo de contradições, de interesses divergentes, de sociabilidades heterogêneas e não como campo de controle absoluto. Portanto, a cidade não é somente o campo de operações controladas, é constituída por movimentos contraditórios. (CERTEAU, 2012, p.161). Desse modo, apresentaremos fragmentos do cenário urbano a partir imagens discursivas do *O Lيدador* e administração pública, para pensarmos a materialidade e a sociabilidades do espaço urbano, forjadas em relações de poder.

Assim, faremos leituras parciais sobre o cotidiano urbano por meio de vestígios históricos já citados. Entendendo que a complexidade da cidade e sua opaca mobilidade não são totalmente legíveis ao pesquisador. (CERTEAU, 2012).

1.2.1 Praça da Matriz em Jacobina: sociabilidades e conflitos

Na área central da cidade de Jacobina, a Praça da Matriz com calçamento, seus postes de iluminação elétrica, seu coreto, a Igreja Matriz e alguns sobrados, foi considerada pela imprensa a sala de visitas da cidade. Era um cartão postal para moradores, forasteiros e transeuntes. Eis a reprodução de uma imagem da Praça da Matriz, do fotógrafo Juventino Rodrigues:

Figura 01: Praça da Matriz – década de 1930



Fonte: Fotografo Juventino Rodrigues. DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Fotografias; Jacobina; Cenas urbanas.

A cidade pulsava em torno da praça e da Igreja. O Coreto Municipal, considerado como elemento moderno, foi o local de sociabilidades festivas- profanas e religiosas- e passeios, ponto escolhido por algumas pessoas para serem fotografadas. No coreto, o corpo se tornava espetáculo para as lentes das câmeras fotográficas.

Diversificadas lojas e consultórios médicos, localizavam-se na Praça da Matriz, a exemplo do consultório de Dr. Florivaldo Barberino; lojas de produtos agrícolas; sapataria,

bar, pensão, a tipografia do O Lidador, até 1936, lojas de miudezas como A Primavera. Também fora palco de práticas e desejos outros não harmônicos com o ideal de civilidade, como o pernoite que faziam os tropeiros com seus animais à luz e calor do fogo, e barulhos e alegrias de jogos de bola e de azar.

A Praça da Matriz era alvo de atenção da imprensa que solicitava da Prefeitura cuidados com a arborização e à polícia repressão ao costume dos tropeiros. Estes amarravam os animais nos cercadinhos das árvores e ainda passavam a noite à luz e calor do fogo acesso em plena praça, para no alvorecer do dia carregarem volumes de mercadorias negociadas nos armazéns ali localizados. Pela manhã, o odor da urina e das fezes dos animais e do borralho das fogueiras, exalava no ar e nas narinas dos moradores dando ares rurais à “sala de visitas da cidade”.

Na Praça da Matriz, certas práticas eram tidas como imorais e destoantes da civilidade, por exemplo: a algazarra de meninos no coreto, que faziam barulho e proferiam obscenidades. Diante dessa e de outras práticas, a imprensa solicitava a intervenção da polícia para controlar os corpos dos “imorais”. Nesse caso a polícia deveria dispersar esses sujeitos, nomeados pelo jornal de matilha de malandros¹⁰. Então, é provável que o incômodo fosse gerado porque tais práticas ferissem os brios de cidade civilizada e indivíduos moralizados por meio do trabalho honesto. O termo matilha quando usado para se referir a pessoas, assume um sentido pejorativo, indicando um ajuntamento de ociosos, como bem expressa o termo que o acompanha- malandros.

A imprensa também solicitava a ação da polícia quanto aos jogos de futebol, pois a garotada durante a peleja proferia palavras obscenas em desrespeito às famílias ali residentes. Nessas reclamações a imoralidade é relacionada com a desocupação laboral e ao uso do corpo em diversões incivilizadas. No caso do futebol, em 1938¹¹, quando organizado em clubes foi considerado como fator de eugenia da raça. A relação diversões imorais e ociosidade é ainda mais investida de relevo quanto aos jogos de azar. Nesse sentido, os tempos de lazer e diversões deveriam ser comedidos e produtivos. Não convinha que essas práticas existissem em plena praça no centro da cidade, pois significavam preguiça, atraso e miséria. Não condizente com o modelo de cidadão, dignificado pelo trabalho e com uma cidade que buscava civilizar-se.

¹⁰ Com a polícia! O Lidador. Ed. 64, p.01. (23/07/1934)

¹¹ Esportes. O Lidador. Ed, 250, p.01. (28/08/1938)

De acordo com Zeneide Rios de Jesus, o combate ao jogo nas décadas de 30 e 40, era assunto nacional. Amplamente recriminada essa prática encontrou no *O Lيدador* um grande opositor. Nas colunas do periódico eram difundidos artigos e poemas de cunho moral com o intuito de alertar a população para os malefícios do jogo “... enfatizando as conseqüências dessa prática enquanto risco de desagregação familiar, corrosão de valores morais e prejuízos para o trabalho.” (JESUS, 2005, p.54)

Na imprensa, os jogos de azar foram objeto de reclamações, pois além de arranhar a imagem de cidade civilizada, prejudicava o comércio, pois os jogadores em larga medida garimpeiros gastavam seu dinheiro nesse divertimento, ao invés de gastar no comércio local legalizado. Conforme Zeneide Rios de Jesus, para os garimpeiros e pessoas pobres que viviam em áreas de garimpo os jogos de azar, bebidas alcoólicas e a prostituição, eram formas de diversão, mas para a imprensa, a polícia e a justiça de forma geral, esses costumes eram ameaças à cidade ordeira e em progresso. Certamente que esses usos rasuravam o desenho de cidade civilizada, desejada pelos homens das leis e letras, porém coloriam a cidade praticada por meninos, garimpeiros e tropeiros.

1.2.2 De desejos e cimento: ponte Manoel Novaes

Conforme Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de Souza (2003), as reformas urbanas com mudanças estéticas e sanitárias, pelas quais passaram algumas capitais e cidades brasileiras, a exemplo de Campina Grande-PB, desde a segunda metade do XIX, foram inspiradas na medicina social e articuladas em torno do ideário civilização e progresso. O autor afirma que nos projetos de reformas em muitas cidades as questões de saneamento urbano e social e de embelezamento de áreas centrais estiveram intimamente ligadas. Desse modo, modificar a fisionomia urbana, aformoseá-la ou mudar suas condições sanitárias, significava intervir no seu cotidiano, erradicando os usos considerados maus hábitos e criando aqueles condizentes com os padrões de civilidade burguesa.

O autor afirma que a concretização dos projetos de reformas urbanas, não significou uma imediata mudança de hábitos ou que esses fossem os esperados ou desejados pelos empreendedores dos projetos. Assim, ocorreram distintas leituras e apropriações por diferentes grupos sociais. Em Jacobina, por exemplo, na década de 30 e início de 40 do século XX, o ideário de progresso e civilidade perpassou as intervenções materiais, de

aformoseamento e higiene do espaço público e privado, normatizações de práticas cotidianas, sugestões de modelos corporais e identidades de gênero.

As construções arquitetônicas foram elencadas pela imprensa como importantes melhoramentos para a cidade. A Ponte de Cimento sobre o Rio Itapicuru, o hospital Antônio Sobrinho e um prédio escolar foram mostrados como fundamentais para o desenvolvimento da população urbana, trazendo melhor qualidade de vida aos habitantes de Jacobina. Essas modificações eram tidas como atestados do progresso. Em 1934, podia se ler no *O Lidador* sobre construções arquitetônicas condizentes com as pretensões de progresso e civilidade:

Jacobina Progredindo¹²

[...]

Hotem estivemos a contemplar o progresso da cidade e verificamos que não e bairrismo proclamal-o.

Das obras de mais vulto destacamos as seguintes:

PONTE SOBRE O RIO ITAPICURU

Os serviços da ponte acima que a Prefeitura, em tão boa hora, está construindo, vão adiantados, devendo estar concluída dentro de 60 dias, no máximo.

É uma ponte solida e bem arquitetada.

PREDIO ESCOLAR

Andam a passos de gigante os trabalhos do edifício escolar, devendo, a esta hora, estarem prontos os alicerces, que são de pedra rocha da melhor qualidade.

Cerca de 70 operários trabalham diariamente na construção que é dirigida pelo competente artista Sergio Oliveira e administrada pelo senhor Zoroastro Minas Novas. [Novaes]

HOSPITAL ANTONIO SOBRINHO

A construção deste magnífico edifício, de certo tempo a esta parte, marcha mais lentamente.

Mas já tiveram inicio os trabalhos de revestimento e carpintaria que, segundo se presume, serão entregues dentro de 8 mezes.

Uma coisa notamos na construção do Hospital, que não condiz com sua estética: é aquela muralha que o contorna, a emprestar-lhe aspecto deselegante.

A ilustrada comissão encarregada da construção do Hospital Antonio sobrinho, há de convir conosco que a referida muralha desembeleza, sobretudo o edifício.

Desde 1933, a construção de pontes sobre o rio Itapicuru foi para *O Lidador* um anseio e grande melhoramento para cidade, por possibilitar a circulação de pessoas e automóveis entre o norte e o sul da cidade. A ponte sobre o rio Itapicuru, ainda em construção foi em 1934, considerada uma das obras de maior destaque na cidade e esperava-se que estivesse pronta em junho do mesmo ano. Essa seria segundo a imprensa uma ponte bem arquitetada e

¹² Jacobina Progredindo. O Lidador. Ed. 38, p.02 (25/04/1934)

sólida. Possivelmente, essa ponte fosse de madeira, mas feita com planejamento arquitetônico ofereceria maior segurança aos transeuntes.

Em fevereiro de 1935, chegava à cidade, pelo trem, o engenheiro civil Jaime Furtado de Gimas, da Inspectoria de Obras contra a Seca. Tal chegada certamente encheu de entusiasmo os homens da imprensa, pois teriam sido informados que o engenheiro estava na cidade para realizar “... estudos necessários à construção de uma ponte de cimento armado sobre o rio Itapicuru, no lugar denominado <<Varzea>> nesta cidade.”¹³

A ponte de cimento ligaria de modo mais seguro e charmoso o centro localizado no norte da cidade ao lado sul, onde se localizavam a estação ferroviária e vários armazéns de produtos agrícolas. Sendo esse um dos vetores de expansão da urbanização na cidade nas décadas de 30 e 40. Nos entretempos do estudo técnico das condições para construção da ponte de cimento, início e conclusão da obra, foram publicadas algumas notas de elogios sobre essa, mas em 1939 têm-se linhas a reclamar sobre a demora da conclusão da obra.

De modo geral, na rede discursiva e imagética do *O Lidador*, as construções foram tidas como melhoramentos urbanos estéticos, higiênicos e civilizadores e resultados do empreendedorismo e patriotismo de políticos locais e estaduais. Eis uma dessas notas, que se encontra no topo da quarta página na edição 161 de 1936:

Cerca de cem operários trabalham, ativamente, na construção da grande ponte de cimento armado, sobre o rio Itapicurú, nesta cidade. Este grande melhoramento, que está sendo executado pela Inspetoria de Obras contras as Secas, devemos ao interesse e dedicação dos Deputados Manoel Novaes e Rocha Pires, que tudo tem feito pela
PROSPERIDADE DA TERRA JACOBINENSE.

Em 22 de agosto de 1937, *O Lidador* informava que em 7 de setembro seria realizada a inauguração da ponte e deveria chamar-se Manoel Novaes, a obra receberia esse nome em testemunho da boa atuação do deputado como representante da Bahia na Câmara Federal.¹⁴ Assim, forja-se com a concretude do cimento o desejo de assinalar no presente e no futuro o progresso da cidade. Também em 1937, o fotógrafo Juventino Rodrigues produziu um cartão postal abordando a ponte ainda em construção e com alguns homens bem trajados

¹³ Vamos ter uma ponte de cimento armado sobre o rio Itapicuru. *O Lidador*. Ed. 75, p.01. (17/02/1935)

¹⁴ Inauguração da ponte. *O Lidador*. Ed. 199, p.01. (22/08/1937)

em sua parte superior. Com isso pensamos que além do anseio por elementos arquitetônicos na cidade, desejava-se possuir fotografias dos mesmos.¹⁵

Figura 02: Construção da ponte Manoel Novais - 1937



Fonte: DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Fotografias; Jacobina; acontecimentos marcantes. (círculos em vermelho feitos por mim)

O fotógrafo Juventino Rodrigues produziu várias vistas urbanas e um panorama da cidade em 1948¹⁶. Segundo Valter Gomes de Oliveira (2007), essa imagem sugere a ideia de que o fotógrafo tivesse pressa em disponibilizar para a comunidade o seu produto, antes

¹⁵ Exposição de retratos. O Lidador. Ed. 330, p.01. (19/05/1940). A possibilidade da produção de fotografias na cidade foi um indicativo de civilidade. O atelier de Juventino Rodrigues estava à altura dos anseios de civilidade da cidade.

¹⁶ OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. **Cultura Fotográfica na Bahia: Osmar Micucci e a fotografia em Jacobina (décadas de 1950 e 1960)**. In: Domínios da Imagem, Londrina, ano III, n. 6, p. 129-146, maio de 2010.

mesmo da conclusão das obras. Desta forma, os seus clientes poderiam enviar, para os mais diversos lugares, a imagem do progresso pelo qual passava Jacobina.

Em sete de setembro de 1941, *O Lidador* inicia uma notícia sobre a ponte de concreto com vibrante afirmativa: A ponte Manoel Novaes será concluída! Eis abaixo em imagem um recorte da terceira página da edição 360:

Figura 03: A ponte Manoel Novaes será concluída!



Fonte: O Lidador. Ed. 360, p.03 (07/09/1941). DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidador.

De acordo com Oliveira, o periódico merece destaque na região de Jacobina, pois foi o que mais investiu no poder das imagens, como as publicidades e a fotografia, essa última veiculada por meio de retratos e vistas urbanas. O semanário *O Lidador* “... foi um dos principais responsáveis pela difusão da fotografia no sertão de Jacobina promovendo e educando o olhar dos seus leitores na região.” (OLIVEIRA, 2013, p.11).

Como já afirmamos a ponte Manoel Novaes tornou-se a cena de um cartão postal da cidade em 1937. A ponte seria, pois uma imagem do progresso da cidade. Interessante nessa notícia que o texto e a fotografia sugerem a concretização de algo útil e belo para cidade, mesmo faltando alguns detalhes para se alcançar o aspecto desejado da ponte.

A ponte em sua materialidade possibilitou a circulação de pessoas e automóveis. Caminhando sobre a ponte poderiam contemplar as águas correntes do rio Itapicuru. Eis o concreto a embelezar a cidade e ligar espacialidades. Ponte-Cenário, transformado em cartão postal da cidade. Nas letras da imprensa e nas fotografias possibilitou mostrar em imagens o progresso da cidade. Eis a materialização em imagens do desejo de exibir uma cidade em progresso material.

O edifício das Escolas Reunidas Luiz Anselmo da Fonseca, foi juntamente com o hospital e a ponte de concreto, considerados obras de maior destaque em construção na cidade em 1934. O concreto tornava-se sonho realizado para os jacobinenses! De sonho e de pó viveriam muitos moradores. Nesse período, a higiene e educação¹⁷ eram, no discurso médico, político e da imprensa medidas que garantiriam o progresso da nação e livrariam os brasileiros das doenças e da ignorância. As preocupações sanitaristas se estenderam aos interiores do país, a higiene e educação sanitária viabilizariam a remoção das doenças, atributo que desqualificava - o. (LIMA, HOCHMAN, 1996). Outros elementos tidos como melhoramentos e elementos do progresso foram: o rádio, o cinema e a energia elétrica.

1.3 Nas vibrações da vida universal: rádio e cinema¹⁸

O Rádio e o Cinema

Inventos que proporcionam horas de grande deleite espiritual, o radio e o cinema são ainda, fatores evidentes de progresso porque educam e nos integram nas vibrações da vida universal.¹⁹

O rádio e o cinema foram proclamados como grandes novidades e fatores de progresso para a cidade. Em 1937, a cidade contava com o serviço de alto falante do *O Lidador*, situado à porta da redação na rua Dr. Pedro Lago, e com rádios nas casas e lojas. Tido como fator de progresso, os redatores anunciavam com entusiasmo o número de rádios na cidade e os

¹⁷ Os homens de ciência elegeram o espaço escolar como importante colaborador na reforma sanitária, a escola primária teria a função de inculcar hábitos higiênicos e modos de viver conforme parâmetros da ciência. Cf. ROCHA, Heloisa Pimenta. **A exposição dos comportamentos exemplares**. In: A higienização dos costumes. São Paulo: Mercado das Letras, 2003, p. 165-230.

¹⁸ Quanto à diversão e lazer considerados civilizados tinha-se A micareta, o jazz-banda, filarmônicas e festas religiosas católicas. Sobre a micareta conferi dissertação de mestrado de Vanicléia Silva Santos. **Sons, danças e ritmos: A Micareta em Jacobina-BA (1920- 1950)**. Dissertação de mestrado, São Paulo, PUC, 2001.

¹⁹ O Rádio e o Cinema. *O Lidador*. Ed. 201, p.01 (07/09/1937)

agentes revendedores dos receptores Philips, R.C.A Vitor e Mulard²⁰. Em dezembro de 1939, foi fundada pelos comerciantes locais a Rádio Comercial de Jacobina com o objetivo de atender seus interesses.

O proprietário do Cine - Jacobinense de 1933 a 1936, José Marques, foi tido pelo *O Lidador* como espírito progressista e o cinema como útil casa de diversão. Além de anunciar os filmes a serem exibidos na matinê e no domingo à noite, os redatores reclamam de certos costumes de alguns frequentadores do cinema. Pensamos que os corpos são educados pelas regras e materialidade dos espaços por onde transitam, assim, exigia-se o polimento dos gestos e desejos aos frequentadores do Cine-Jacobinense.

Num domingo de 1934, alguém do *O Lidador*, pela primeira vez assistiu a um filme no Cine - Jacobinense. E notou que de quando em quando a projeção ficava escura, pela fumaça dos muitos cigarros acessos. Por isso, no domingo dia nove foi publicada a nota *Fumantes no Cinema*²¹, onde mais uma vez é solicitada a intervenção policial, pois os desejos precisavam ser refreados durante a exibição. O desejo dos fumantes. O desejo dos rapazes em imitar os artistas, no momento que os viam beijando, reproduzindo com ruídos labiais os beijos cinematográficos.

A fumaça embaçava a projeção das imagens cinematográficas, o odor dos cigarros adentrava as narinas dos presentes. A prática dos fumantes não contribuiria para o sucesso do Cine-Jacobinense (fator do progresso material da cidade), mas antes enevoava a integração da cidade nas vibrações da vida universal.

Para os redatores do *O Lidador* o cinema deveria educar o povo. No entanto, os frequentadores do Cine-Jacobinense se divertiam, mas sem seguir princípios civilizados, como assistir aos filmes em silêncio. Aos beijadores do cinema a redação do *O Lidador* deixou o alerta:

... o Cinema é uma casa de diversões, mas os que freqüentam não tem direito de produzir <<complementos naturais>>, sobretudo quando aberram dos princípios da educação e respeito que todos somos obrigados a observar.
Pelo menos nas capitais, a cujos cinemas afluem numerosa assistência, esses <<beijos secos>> são controlados pela ação vigilante e benéfica da policia...²²

Maria, guarde minha cadeira que logo mais chego para assistir ao filme da matinê. Entre amigos ou conhecidos guardar o lugar àqueles que ainda não tinham chegado ao cinema

²⁰ Rádios, mais rádios na cidade! *O Lidador*. Ed. 237, p.01 (22/05/1938)

²¹ Os fumantes no cinema. *O Lidador*. Ed. 27, p. 04 (09/03/1934)

²² Com os beijadores do cinema. *O Lidador*. Ed. 290, p.01 (08/08/1939)

poderia ser uma boa opção para garantir um lugar. Porém à imprensa, não era essa uma boa prática. Era sim um deselegante costume de roça. E pessoas cultas que frequentavam cinema nas cidades civilizadas não praticavam tal coisa²³. Entendemos que essas ações desbancam as pretensões de homogeneização dos comportamentos de homens e mulheres conforme padrões tidos como civilizados pela imprensa local.

Em 1936, o periódico noticiava que a cidade viria ter cinema falado, esse empreendimento merecia aplausos em especial dos que almejavam o progresso de Jacobina. Progresso associado também ao uso de máquinas modernas nos estabelecimentos comerciais. Eis a reprodução de um fragmento da notícia:

O Sr. Zacarias Costa e irmãos, acabam de comprar à firma J. Gracindo & Cia. os vertentes do Cine Jacobinense, devendo, por estes dias, começarem a remodelação que precisa o edifício e fazer aquisição de um aparelho moderno. Assim, já se pode afirmar que teremos, dentro de 90 dias, ao menos, o cinema falado.²⁴

O cinema falado foi inaugurado em 28 de novembro e apresentado pela imprensa como a altura dos índices de civilidade da cidade.²⁵ A cidade que já contava com imagens em movimento no cinema mudo. Passou a contar com o fascínio das imagens e sons em movimento. E com o atrativo da exibição dos musicais, a exemplo de *A Alegre Divorciada* (1934) e *Ritmo Louco* (1936).²⁶

Conforme Buriti, o cinema na política getulista foi usado como recurso pedagógico para educar patrioticamente aos brasileiros:

O cinema era “um livro de imagens luminosas”, um texto em movimento, um discurso proferido às vezes de maneira cômica, um retrato que se projeta maior, mais vivo e eficaz, uma máquina de propaganda, um dispositivo de poder usado pelo Estado Nacional, uma doutrina dita de forma sutil para o povo, inclusive para os analfabetos... (BURITI, 2002, p.249)

Na confluência entre os discursos estatais e da imprensa local: as mulheres para bem servir a Pátria deviam exercer a maternidade higiênica (dentro do matrimônio e com assistência médica). Os corpos e comportamentos femininos deveriam ser bem guardados no

²³ Reprovável costume que vae abaixo. O Lidador. Ed 341, p.01 (04/08/1940)

²⁴ Vamos ter cinema falado! O Lidador. Ed. 143, p. 01. (14/06/1936)

²⁵ Inaugurado, ontem, o Cinema! O Lidador. Ed. 162, p. 01 (29/11/1936)

²⁶ *A Alegre divorciada* (1934), gênero comédia romântica e musical. Cf.: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Alegre_Divorciada. E *Ritmo Louco* (1936), gênero comédia romântica e musical. Cf.: https://pt.wikipedia.org/wiki/Swing_Time. Acesso: 28 de julho de 2015.

recato. E nessa direção os enredos cinematográficos deviam influir. Porém, possivelmente a recepção que homens e mulheres fizeram da narrativa cinematográfica colocaram em xeque a função civilizadora do cinema.

Numa sexta, primeiro de janeiro, muitos jacobineses festejaram chegada do ano de 1937. Enquanto muitos rezavam na Igreja da Missão, outros passeavam nas barraquinhas no pátio da Igreja. As barraquinhas vendiam doces e bebidas: cachaça, cerveja e macieira. E as mulheres “pintaram o rosto e todos os demônios” e segundo Nelma²⁷ que esteve na festa, provavelmente foi o enredo do filme exibido na quinta no Cine jacobinense que influenciou no êxito da festa.

Enquanto as pessoas que estavam dentro da igreja recebiam a benção ministrada pelo pároco. Muitos dos homens e mulheres que estavam do lado de fora desfrutavam de outros alegres frutos: jogos, sorrisos, bebidas, andanças e aproveitando do véu noturno beijavam-se. E na primeira noite do ano a cidade estava às escuras. Muitos fizeram mesmo foi aproveitar a oportunidade e se divertiram de modo mais espontâneo. E na Missão mesmo o uso de umas dez lâmpadas “Petromaxs” não foram suficiente para iluminar o espaço, decifrar e regular os comportamentos.

Interessante que a articulista (ou o articulista, não conseguimos identificar) Nelma elogia aos participantes da festa pela viva alegria. E não usou no texto um tom explicitamente acusatório às mulheres que pintaram todos os demônios: beijavam, andavam de mãos dadas com rapazes e sorriam. Será que também jogavam e tomavam cachaça? Porém, sutilmente é que tais atos não cabem a pessoas sérias. Talvez querendo isentar-se de acusações do tipo você estava na festa e pintou o diabo.

Dizer que todos os fieis que estavam do lado de fora fizeram isso, é exagero: lá havia muito gente séria que não estava praticando todos os atos que mencionei, porem que estavam comm vontade, lá isso é bem verdade²⁸.

Para a articulista a graça do festejo foi mesmo a escuridão que permitiu a diversão. E possibilitou que as mulheres cheirosas, com pó de arroz no rosto e batom nos lábios, passassem todas por bonitas ou no mínimo simpáticas. Vejamos as palavras de Nelma:

²⁷ Nelma. O Dia de Ano Bom em Jacobina. O Lidador. Ed. 167, p.01 (03/01/1937)

²⁸ Nelma. O Dia de Ano Bom em Jacobina. O Lidador. Ed. 167, p.01 (03/01/1937)

Esse negócio de creme, pó de arroz, [ilegível] batom, foi a invenção mais adorável do século XX. Porque se feia consegue passar, em plena luz meridiana, à noite ela entra para o rol das bonitas, ou quando menos das simpáticas. Festa de 1º. do ano, festa das mulheres, a de sexta – feira, porque se os últimos varões pintaram o deabo, elas pintaram todos os demônios . Provavelmente o enredo do filme que o Cine Jacobinense focalizou quinta feira passada influenciou para o êxito da festa.²⁹

Nessas paragens pelos idos de 1930, com a sonoridade do cinema e do rádio, a energia elétrica e as interrupções de seu fornecimento já se fazia presente...

1.4 Entre as lâmpadas e os fifós³⁰: Energia elétrica e iluminação pública

O pesquisador Luiz Henrique Blume afirma que a energia elétrica foi um dos marcos da transformação urbana em Jacobina. Blume constatou que foram várias as tentativas com o objetivo de formar capital para a criação da companhia de Força e Luz. O Conselho Municipal por meio da Lei nº 11 de 07/08/1924 de concessão de Luz Hidráulica, concedia poderes para iniciativa particular organizar a Companhia. Nas palavras de Blume “... propondo um capital para a usina hidrelétrica de 100:000 \$000 (cem contos de reis), quantia altíssima a época, uma vez que os empreendedores da Cia. pedem auxílio para completar o capital da usina...” (BLUME, 2009, p.20).Então, desde 1927, alguns homens de negócio reuniram-se na Sociedade Aurora para organizar a Companhia.

No segundo número do *O Ideal* (maio de 1927), na primeira página, composta pelo cabeçalho do jornal, uma fotografia do então governador da Bahia Francisco Marques Goes Calmon e um texto com votos de homenagem, gratidão e apoio a Calmon. O redator Francisco Vieira, afirma que esse tributo seria um dever cívico, cumprido com prazer por ser a administração de Goes Calmon, moralizada e moralizadora. Entre o tecer de elogios tem-se a afirmação “... estamos certos do amparo com auxilio financeiro em prol da Sociedade Força e Luz”.

O auxílio financeiro do governo municipal e estadual foi obtido, assim, em 30 de setembro 1928, numa segunda reunião foi oficialmente constituída a Companhia de Força e Luz, iniciativa de caráter privado. Fizeram parte do empreendimento Cel. Galdino Cesar de Moraes e do conselho da Cia. Dr. Alfredo de Oliveira Souza, Reginaldo Faria Mota e Antonio

²⁹ Nelma. O Dia de Ano Bom em Jacobina. O Lidador. Ed. 167, p.01 (03/01/1937)

³⁰ Pequeno candeeiro com pavio curto e geralmente usa-se o querosene como combustível.

da Costa Victoria. O serviço tinha como força geradora da eletricidade uma usina construída na margem do Rio do Ouro.

Com o oferecimento do serviço de energia elétrica, tem-se a reconfiguração dos usos dos espaços públicos e privados. Conforme Vanicléia Silva Santos, isso possibilitou aos moradores novas formas de perceberem o cotidiano, “... especialmente na maneira de realizar a Micareta, pois possibilitou um trânsito mais seguro para as elites nos dias de festa...” (SANTOS, 2001, p.42). No entanto, a iluminação pública com seus tortos postes de madeira não atendia toda a cidade, somente praças e ruas principais localizadas no centro. Nos locais mais afastados continuava-se a usar fífós e lamparinas para iluminar espaços privados e andar na rua e nas ruas já beneficiadas, esses recursos eram o escape nas constantes interrupções do fornecimento da eletricidade.

Em pequenas notas incisivas, *O Lidador* se dirigia ao prefeito, ao superintendente da Leste Brasileiro em Jacobina e ao Cel. Galdino Cesar de Moraes, presidente e acionista da Cia Força e Luz, solicitando providências para o bom funcionamento do serviço de eletricidade. Foram constantes as notas solicitando ao prefeito, em nome de moradores e comerciantes do bairro da Estação, medidas que garantissem a iluminação pública de qualidade.

Em julho de 1934, os postes estavam sem as lâmpadas e o bairro às escuras. Então, *O Lidador* solicitava ao prefeito que mandasse colocar as lâmpadas. Ainda, aponta a necessidade de iluminação no caminho da estação, pois “... sendo uma estrada concorridíssima não deve continuar sem iluminação.”³¹ Não obstante, o apelo da imprensa feito em julho, os moradores e comerciantes continuam sem iluminação pública em setembro. Na nota *A Prefeitura deve atender!*, os redatores argumentam que os prédios localizados no bairro da Estação pagam <<décima urbanas>>, portanto, não seria justo ficar sem iluminação pública, não devendo o prefeito consentir que os moradores ficassem no escuro.

Nessa nota, é nítida a preocupação com a segurança. São nomeados alguns estabelecimentos comerciais: Gracindo & Cia, Octavio Nunes de Souza e José Vieira Rocha. Assim, a falta de iluminação, possivelmente, dificultaria o funcionamento dos mesmos. E em linhas explícitas afirma-se que os moradores estavam expostos a perigos e por isso reclamavam por serem “... obrigados a ficar em casa e dos perigos a que estão expostos.”³² A iluminação elétrica nas ruas é apresentada como um fator de segurança à circulação de

³¹ Luz! Luz! O Lidador, Ed. 45, p.01. (13/07/1934)

³² A Prefeitura deve atender! O Lidador. Ed. 53, p.06 (07/09/1934)

peças em vias movimentadas ou não. O caminho da Estação e a Estação foram um dos locais movimentados de uma cidade aberta aos fluxos de pessoas, informações, mercadorias e capitais monetários. Conforme Marcel Roncayolo, “... esforçando-se para controlar a luz, a cidade procura inicialmente assegurar a segurança. Isso vai de par com a abertura da cidade para o exterior, o desaparecimento ou destruição das muralhas, o crescimento demográfico...” (RONCAYOLO, 1994, p.97).

Ao poder público caberia o cuidado com a iluminação das ruas e do caminho do centro à Estação, porém a iluminação da Estação Ferroviária caberia a seus administradores. E ao superintendente da Leste Brasileiro, a imprensa dirigiu algumas notas solicitando a instalação da luz elétrica em substituição a iluminação com lampião a querosene e manutenção da iluminação elétrica após essa ser instalada.

Em maio de 1934, *O Lيدador* lança o apelo quanto à instalação de iluminação elétrica na Estação e maio de 1935 é publicada uma nota por título “Água molle em Pedra dura...”³³ e cuja frase de início é “...tanto bate até que fura; diz o velho provérbio.”. Sugerindo que após muita insistência por parte do *O Lيدador*, seus pedidos foram atendidos. E enfim os fífós desapareceriam.

No entanto, a luz amarelada dos fífós continuou a iluminar a Estação, pois no mês de junho as instalações não tinham sido ligadas aos fios da Cia. Força e Luz. E mais uma vez, o jornal se dirige ao superintendente, exigindo providências, pois o povo não podia continuar mal servido. Sendo que os trens que passavam a alta noite, devido à impontualidade do horário, encontravam a Estação na escuridão.³⁴

Porém, boa parte das notas foi direcionada ao Cel. Galdino Moraes, presidente da Cia. Força e Luz, pois por conta de inúmeros imprevistos a cidade constantemente ficava sem energia elétrica, devido a uma peça quebrada na usina, o transformador queimado, insuficiência de água na barragem do Rio do Ouro, etc.

Em maio de 1940, devido ao desabamento de um trecho do canal da usina geradora de eletricidade, as ruas da cidade ficaram às escuras e as casas particulares, se precavidas à luz dos fífós ou lampiões. E, devido a mais de uma vez a cidade ficar sem iluminação pedia-se ao prefeito alguma providência, “... mesmo a colocação de alguns lampeões nos pontos mais <<concorridos>>...” Como a dizer já vimos essa cena de escuridão antes, a nota é concluída

³³ “Água molle em Pedra dura...”. *O Lيدador*. Ed. 87, p.04 (12/05/1935)

³⁴ A estação continua as escuras. *O Lيدador*. Ed. 91, p.01 (09/06/1935)

assim: “O problema numero um de Jacobina continua sendo, destinado a permanecer por muitos anos no cartaz, desafiando a paciência dos espectadores.”³⁵. Nos dois anos seguintes encontramos reclamações quanto ao serviço de iluminação pública e particular.

Desse modo, com a disponibilidade da energia elétrica os moradores e/ou visitantes de Jacobina podiam usar o rádio elétrico, serem fotografados à noite, festejar em clubes ou residências bem iluminadas, passear a noite nas ruas centrais providas de iluminação elétrica. Mas, o usufruto da eletricidade não era pleno, pois constantemente o fornecimento era interrompido. E quanto à iluminação pública, quando não estava inativa, em algumas ruas os postes ficavam sem as lâmpadas, pois essas estavam queimadas ou quebradas por serem alvos de pedradas e balas de bodeques.

As letras da lei e da imprensa pretendiam produzir uma ordem urbana, um bom funcionamento da cidade, dentre os aspectos dessa ordem estava a iluminação pública. E sobre os danos à iluminação pública versava o Artigo 100 do Capítulo dez do *Código de Posturas* da cidade. Eis a reprodução do mesmo: ... Capítulo X- Do dano. Art.100. A ninguém é permitido damnificar, destruir ou tirar material pertencente a iluminação publica, sob pena de 10\$000 de multa, além da indenização do prejuízo.³⁶ A imprensa discorre sobre os praticantes de danos à iluminação, não só como infratores da ordem, mas também como antipatrióticos. Nesse sentido, o indivíduo para ser considerado cidadão, devia trabalhar e zelar pela ordem pública. Nas páginas do *O Lidador*, certas ações são investidas de valores morais. Em 1938, os redatores lembram ao prefeito que solicite da polícia providências contra o velho costume de furto e quebra das lâmpadas.

Na nota *Cadê as lâmpadas?* Gradativamente as lâmpadas iriam sumindo e a cidade moribunda “... ficando sepultada nas trevas.”³⁷ A luz, sinônimo do esclarecimento intelectual e do progresso para redatores do *O Lidador*, parece não ter sido assim concebida por muitos sujeitos, que antes subtraíam as lâmpadas da iluminação pública para vendê-las. E havia ainda os que elegiam as lâmpadas como alvos a ser atingidos. A imprensa nomeia os primeiros como inimigos da ordem e amigos do alheio e aos segundos de valentes, insensatos e antipatrióticos. Portanto, a imprensa e a administração municipal, para uma cidade em ordem, requeriam corpos e comportamentos também em ordem. Cidade e corpos sob as luzes da

³⁵ A cidade sob o regime das trevas. *O Lidador*. Ed. 331, p.01. (26/05/1940)

³⁶ Código de Posturas. Cap. X- Do dano, art.100, Folha 14, 1933

³⁷ Cadê as lâmpadas das ruas? *O Lidador*. Ed. 75, p.01. (17/02/1935)

disciplina. Desse modo, também procuravam prescrever os usos que as pessoas faziam dos rios.

1.5 Pela cidade vivida: Os rios... Os banhistas... as lavadeiras

Nas décadas de 30 e 40, a principal fonte de abastecimento de água potável da cidade eram os rios do Ouro e Itapicuru-Mirim. De acordo com o pesquisador Edson Silva (2015), a construção do sistema de água encanada, empreendimento de órgãos federais em parceria com a prefeitura, teve início em 1955, na gestão de Orlando Oliveira Pires e foi concluída em 1960, na gestão do médico Florivaldo Barberino. Na implantação da água encanada o saber médico e a engenharia se entrecruzaram em proveito da higiene e saúde pública da cidade, configurando-se como mais um mecanismo de gestão da cidade. Foi também no imaginário dos jornalistas e gestores um item que elevava Jacobina à condição de cidade moderna e civilizada.

O autor afirma que o processo de modernização (1955-1959) foi marcado pela desigual distribuição da infraestrutura urbana e equipamentos técnicos de uso coletivo. De modo, que os investimentos foram concentrados no centro da cidade. No caso da água essa foi canalizada às residências localizadas no centro e nos bairros mais afastados foram construídos chafarizes.

Nas décadas de 30 e 40, os rios foram fonte de inspiração para os poetas, espaço de lazer para os banhistas, local de trabalho para lavadeiras, garimpeiros e condutores de água, sendo o seu trabalho uma das possibilidades de abastecimento das casas. Os usos de suas águas e margens passaram pelos preceitos da lei e da atuação da imprensa. As letras da imprensa e da legislação incidiram sobre o corpo de pedra e águas e sobre o corpo de carne e sangue. Corpos e seus fluídos. Entretanto, sem normatizar em absoluto o fluir das pulsões da cidade e de seus praticantes.

Correm as águas dos rios pela cidade e entre setembros diferentes cruzam poemas pela cidade, por meio de textos literários publicados no semanário local. Em setembro de 1935, foi publicado o texto *A cidade poética*³⁸ de Lourdes Ramos Costa. Eis a reprodução de um fragmento:

A cidade poética

³⁸ A cidade poética. O Lidador, Ed. 104, p.04. (15/09/ 1935)

[...]

Jacobina é assim para mim, a cidade mais sonhadora que posso conhecer, que posso idealizar. Vejo poesia nos seus céus, nos seus morros, nas suas loiras águas- águas do rio do Ouro... vejo poesia em suas terras produtivas, nos esgalhados de suas florestas potentes, na quietude de sua vida, no reboiço de sua produção.

[...]

Lourdes Ramos Costa.

Em 7 de setembro de 1937, foi publicado um poema de louvor a Jacobina, intitulado *Balada a Jacobina*³⁹.

BALADA A JACOBINA

Entre rios que serpenteiam e a colina,

Ergue-se a cidade- mimo: Jacobina!

Qual uma joia engasgada nas montanhas,

Tendo no redor soberba vegetação

Em meio ao ouro e riquezas tão tamanhas,

[...]

Jacobina! Cidade rica e loucã

Muito espera de ti, o Brasil de amanhã!... 7/9/37 Alda Martins Silva

Em alguns dos poemas que tiveram como suporte de veiculação o periódico *O Lيدador*, encontramos outras vozes sobre a cidade, não divergentes, mas diferentes das letras da lei e dos tipos⁴⁰ da imprensa, de modo diferente, ambas com a função de normatizar a cidade.

Nas relações de força, os textos administrativos foram escrituras legitimadas na gestão da cidade, prescrevendo normas de comportamento, modificações urbanas e usos dos espaços públicos e privados. E estabelecendo multas. Já a escritura jornalística com um caráter mais argumentativo, ao arrogar para si a defesa da sociedade, atua no sentido de apontar o que seria bom e o que estaria fora da ordem de uma cidade em progresso. Inclusive chama a atenção dos que seriam responsáveis por estabelecer e manter a cidade em ordem, limpa, moralizada,

³⁹ Balada a Jacobina. *O Lيدador*, Ed. 201, p. 06 (07 /09/1937)

⁴⁰ Em relação à impressão tipográfica no início do século XX, os tipos eram letrinhas, símbolos e outros caracteres em alto relevo fundidos em metal (chumbo ou estanho) utilizados na impressão de textos diversos.

normatizada. Assim, nesses textos encontramos os atritos, as fissuras, as rasuras e ranhuras da cidade. Cidade disputada pelos olhares dos escreventes, dos poetas, dos prosadores, dos legisladores. Cidade-inspiração. Cidade-heterogênea. Cidade-dos caminhantes.

Os poemas diferem do caráter normativo dos documentos acima referidos, prevalece nas linhas poéticas o elogio da cidade, enaltecendo principalmente características da paisagem geográfica, como os rios e serras. Quanto as suas águas e seus usos no cenário urbano, nos poemas os rios são inspiradores, o rio do Ouro com seus murmúrios de amor. A cidade nesses escritos exala cheiros, expõe cores e sons harmônicos. Em comum, os nós dessa rede discursiva desenham Jacobina como uma cidade bela e prospera.

A historiadora Denise de Sant'Anna afirma que "... a água, como fluido nos corpos vivos e no corpo da cidade, é na verdade um objeto por excelência situado entre natureza e cultura..." (SANT' ANNA, 1999, p. 300). Nesse sentido, pensamos que no cenário urbano de Jacobina, os rios enredados pela cultura foram objetos de representações e usos heterogêneos.

Os rios e os usos desses foram elementos de regulamentação administrativa e ações policiais. As letras da lei com sua força normativa e punitiva pretendiam gerir o espaço urbano nos âmbitos público e privado. Notamos que a higiene, salubridade e moralidade articulam o texto jurídico-administrativo, demarcando o que seria a ordem e normalidade dos espaços públicos e práticas nesses. Eis a reprodução do artigo 48 do sexto capítulo do Código de Posturas:

...Capitulo VI - Da higiene, salubridade publica, asseio e limpeza. [...] Art. 48- É prohibido lançar nas praças, ruas, becos, rios e fontes animaes mortos[,] lavar roupas e animaes, tomar banho, despejos de latrinas, de fabricas, de alambiques, de xarqueadas [,] lixo ou qualquer substancia nociva à saúde, sob pena de 50\$000 de multa. [...] Art.58- Fica prohibido a lavagem de roupa em lagoas, pena de 5\$ de multa. Art. 60 - Só é permitido lavar roupas animaes, tomar banho no Itapicuru, da 3ª ponte do rio do Ouro para baixo, sob pena de 20\$000 de multa. (Capitulo VI-folhas 08, 09, 10- 30 de dezembro de 1933)

Quanto ao uso das águas, tem-se uma preocupação com a saúde coletiva, de modo a proibir o despejo de latrinas, de produtos de fábricas, charqueadas e alambiques, lixo ou qualquer outra substância danosa à saúde nas fontes e rios. O que nos leva a supor essa preocupação que cerceia esses atos e pune as ocorrências, decorre da ausência de infraestrutura de captação desses fluidos e odores.

No artigo 49 do capítulo VI do Código de Posturas tem-se o estabelecimento da obrigatoriedade para proprietários de casas e fábricas do uso de fossas sépticas como destino

de fezes, águas sujas ou materiais nocivos à saúde. Em 1936, em poucas linhas os articulistas do *O Lidador*⁴¹ noticiam o calçamento de um beco chamado Cel. Vecerlencio, tendo a Prefeitura executado o calçamento, os moradores são convocados a construir fossas “para os esgotos de casa, afim de não emporcalharem o calçamento com água servida e outras cousas que <<não vêm a pêlos>> enumeradas.”.

Assim, a captação dos fluxos de águas servidas e outros materiais era realizada por meio de fossas particulares. E cabia à administração a fiscalização para evitar os usos dos rios e praças e ruas para tais fins. Nas letras da lei, diferente das publicidades, as práticas como o banho, não estiveram associadas à experiência individual no espaço privado, ligados ao bem estar, os textos administrativos relacionam essas práticas à salubridade pública. Desse modo, somente era permitido lavar roupas e tomar banho no Itapicuru, da 3ª ponte do rio do Ouro para baixo.

No Código de Posturas do Município temos alguns indícios dos usos que as pessoas faziam dos rios: banhos, despejos de coisas diversas e lavagens de animais e roupas. Na imprensa, esses indícios são mais abundantes: abastecimento, lavagem de roupas, garimpagem, banhos e escovação de dentes. No início de 1934⁴², os redatores do *O Lidador* fazem um elogio ao delegado de polícia da cidade por proibir a continuidade dos banhos no rio Itapicuru:

Pela cidade

—
[...]

Os banhistas das Piculas

Também é digna de menção a atitude do Sr. Delegado de Policia desta cidade, proibindo que se continue tomando banho no rio Itapicuru, quase dentro da cidade Das casas mais altas, situadas a praça da Matriz, as famílias tinham que sujeitar-se a presenciar o indecoroso espetáculo dos marmanjos nus...

E o que é mais: a moda da nudez já vai, entre nós bem adiantada.

Sujeitos ainda existem que tiram a roupa para tomar banho na <<Picula>>, à vista de quem por lá estiver. Seja moça, velha, casada, etc. O estado civil não importa...

Muito bem, Sr. Delegado!

A normatização das práticas urbanas consistia na proibição, na vigilância e multas infligidas aos praticantes, no texto acima tais praticantes eram homens e suas ações foram assinaladas como “*indecoroso espetáculo dos marmanjos nus*”, contrapondo à cidade

⁴¹ O Lidador. Ed. 151, p. 04. (16/08/1936)

⁴² Pela cidade. O Lidador. Ed. 23, p.01 (09/02/1934)

desejada por seus administradores e pela imprensa local. As roupas molhadas e coladas no corpo dos marmanjos, desenhando com nitidez as partes pudendas, infringiam os olhos das mulheres moças, casadas... ou lhes despertavam especial atenção pelo corpo desnudo ou quase nu. Logo o movimento dos corpos nus não devia estar a olhos vistos, em especial aos olhos femininos. No entanto, os marmanjos continuaram a banhar-se nas doces águas dos rios. Os marmanjos, esses eram os praticantes ordinários da cidade. Sobre os praticantes ordinários da cidade Paola Jacques Berenstein afirma:

O outro urbano é o homem ordinário, praticante das cidades, que escapa – resiste e sobrevive – no cotidiano, da anestesia pacificadora. Como bem mostra Michel de Certeau (1994) ele inventa seu cotidiano, reinventa modos de fazer, astúcias sutis e criativas, táticas de resistência e de sobrevivência pelas quais se apropria do espaço urbano e assim habita o espaço público de forma anônima e dissensual. (BERENSTEIN, 2012, p.195)

Ainda em 1934, em texto *Estamos bebendo água de banho!*⁴³, a imprensa chama a atenção ao fiscal geral do município Zoroastro Minas Novaes, quanto aos constantes banhos no rio do Ouro, cujas águas eram usadas para o abastecimento citadino, inclusive para uso doméstico. Aqui a preocupação mais visível é com a higiene e saúde, pois segundo alega o texto devido à distração da fiscalização municipal, o rio transformava-se em banheiro público, “... freqüentado por siphiliticos, portadores de moléstias venéreas, etc, etc...”. De modo que as demais pessoas estariam bebendo água de banho de corpos enfermos, portanto, água contaminada.

Água para lavar os vestidos de algodão ou seda, água para lavar o corpo e asseiar a casa. Nesse sentido, o recôndito familiar: a casa e a família, não estiveram insentos da assepsia higienista. Nas primeiras décadas do século XX, várias narrativas imbuídas de preceitos higienistas elegem a mulher: esposa e mãe como aliada na luta para educar os corpos e sentidos, desejos e comportamentos conforme normas de higiene e civilidade. Assim, afirma Buriti em relação ao século XIX: “... a concepção higienista que caracterizou a sociedade brasileira encontrou como aliada a mulher, mãe. Dessa forma, procurou conciliar as necessidades familiares ao interesse do Estado para moralizar e disciplinar os comportamentos domésticos mediante normas de higiene e asseio pessoal.” (BURITI, 2011, P.34).

⁴³ Estamos bebendo água de banho! O Lidador, Ed. 67, p.01. (14/11/1934)

Ao longo das edições do periódico, ora é chamado a agir o fiscal geral em defesa da higiene e saúde da população, pois com os banhos, a água ficaria impura, logo, imprópria para o consumo doméstico. Ora é chamada a atenção do delegado de polícia quanto aos banhos e aos atentados ao pudor. Em junho de 1938, quando Jaime Ribeiro ocupava o cargo de Fiscal Geral, a imprensa fez circular o seguinte texto:

Lavadeiras, banhistas e animaes que se preparem...⁴⁴

Ouvimos do Sr. Jaime Ribeiro, Fiscal Geral do município, que, disposto a fazer respeitadas as posturas municipais, lançar mãos dos recursos a seu alcance contra os teimosos banhistas do Rio do Ouro, lavadeiras, etc. que continuam burlando a ação da fiscalização.

Os animaes que ainda se vêm soltos pelas ruas serão levados, de segunda feira em diante, para o Curral Municipal e dali só sairão mediante o pagamento da multa respectiva.

Positivamente o Sr. Fiscal está com bons propósitos e fazemos votos por que concretise, para bem da cidade.

A imprensa instituiu uma concepção de cidade em progresso e civilidade. E nesse sentido associou-se com o poder público e sua legitimidade legislativa nas tentativas de normatizar o cotidiano urbano, distinguindo o que seria comportamentos civilizados e atrasados, de ares rurais na urbs e o que seria o moderno.

Não obstante, essa institucionalização da disciplinarização pelas instâncias do poder público e da imprensa, não compreendemos a cidade como campo de controle absoluto, mas como campo de luta, no sentido que a cidade é atravessada por assimétricas relações de forças. Mesmo que a organização funcionalista conceba a cidade como campo de operações programadas e controladas, visando estabelecer um espaço visível, ordenado e produtivo.

De acordo com De Certeau, as práticas cotidianas no espaço urbano escapam às totalizações do olhar técnico-racional, criando um novo texto, com os relatos ou novos usos do espaço urbano, são, pois práticas estranhas ao espaço planejado “... ao espaço geométrico’ ou ‘geográfico’ das construções visuais, panópticas ou teóricas...” (CERTEAU, 2012, p.159). Desse modo, no pulsar cotidiano a cidade esquadrihada e desenhada pela lei, visando uma certa ordem urbana é atravessada pela teimosia e burla de banhistas, lavadeiras e donos de animais que insistiam em deixá-los pastar pelas ruas.

⁴⁴ Lavadeiras, banhistas e animaes que se preparem. O Lidador, Ed. 242, p.01. (26/06/1938)

Em setembro 1938, entra em cena um novo personagem, o médico Hildegardo Meireles, a somar as letras da lei com o saber médico-científico. Em comum o fiscal geral, o delegado de polícia e o médico de higiene estão situados numa rede administrativa. O médico atuou na cidade, como médico clínico e delegado de higiene. No dia 25 de setembro *O Lidador*, anuncia no texto *Um Delegado da Higiene em Jacobina*⁴⁵ a instauração de um sub - posto de higiene e de seu responsável como importante melhoramento e por meio do qual o progresso se fez presente. Eis a reprodução de um fragmento do mesmo:

[...]

O progresso tarda, mas um dia, quando menos o esperam os seus adversários, ele chega e fica morando, e edificando também.

Desde o início da semana que a cidade teve provas disso dotada, pelo Governo do Estado, com um grande e valioso melhoramento: um sub-Posto de Higiene e a presença do seu respetivo titular, que é o Dr. Hildegard Meireles competente médico clínico, cujo consultório também instalará nesta cidade.

A cidade é, pois enredada por um conluio de interesses do Governo Estadual, Municipal e da imprensa. Dentre as funções do Médico de Higiene estava a fiscalização da higiene e saúde pública. Desse modo, uma cidade em progresso seria uma cidade com ruas e lares limpos e com moradores asseados e saudáveis. É perceptível o desejo dos redatores que a partir da atuação do médico, a cidade fosse higienizada, “livrada de coisas ruins” que a emporcalhariam:

- O creatorio de porcos nos quintaes; - Os curraes; - O curral de matança; - Os imunderrimos açougues localizados em prédios sem limpeza; - O costume de secar couros nos quintaes ou na via publica, enfim tudo que atentando estiver contra a saúde e higiene publica.

[...]

Mãos à obra, Dr. Hildegardo Meireles, higienisemos a cidade!

A cidade é atravessada também pelos passos de outros personagens que não os dos gestores e homens da imprensa, outros caminhantes que persistem em banhar, garimpar e lavar roupas nos rios do Ouro e Itapicuru. A prática da lavagem de cascalho com o uso do mercúrio, era condenada, pois a cidade era abastecida com as águas do Rio do Ouro. Em 1940 foram frequentes os textos sobre essa prática.

⁴⁵ Um Delegado da Higiene em Jacobina. *O Lidador*. Ed. 253, p.01 (25/09/1938)

Em pesquisa sobre os garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940) Zeneide Rios de Jesus, dentre outros aspectos discute sobre os riscos que estavam expostos os garimpeiros no trabalho e as condições de moradia e saúde desses e de suas famílias. Dentre esses riscos estava o uso de agentes químicos na garimpagem. A autora afirma que “... O uso indiscriminado do mercúrio, elemento metálico, líquido e venenoso utilizado para processar o ouro foi uma constante...” (JESUS, 2005, p.142). Assim, o mercúrio usado para separar o ouro do cascalho nas imediações do rio do Ouro poluía suas águas e aumentava o risco de problemas de saúde não só dos garimpeiros.

A autora problematiza que seja “... por cobiça ou necessidade, as formas de exploração aurífera nas serras de Jacobina conduziram a um processo de poluição e alteração do meio ambiente.” (idem, p.145) E muitas vezes, mais do que irresponsabilidade, isso demonstra falta de conhecimento e consciência dos trabalhadores em relação às suas ações. Assim, Zeneide de Jesus sugere que o garimpeiro, embora apontado como alguém que polui o ambiente “... é também mais vítima das ações inconseqüentes do homem para com a natureza.” (ibidem).

A autora ressalta ainda que questões de saúde estavam em íntima relação com as condições e locais de trabalho. Desse modo, a causa de muitos dos males decorrentes do garimpo, não se restringem à imprevidência dos garimpeiros

.... mas, principalmente a omissão e/ou a insuficiência de recursos por parte dos poderes públicos para dotarem esses locais de infra-estrutura como: saneamento, limpeza pública, água, luz, escolas, médicos, etc. de forma a dar não só aos garimpeiros, mas, a toda a população de forma irrestrita, melhores condições de vida. (JESUS Rios de, 2005, p.146)

Os garimpeiros com o uso do mercúrio, se incorporaram a paisagem urbana e somaram com os agentes internos, com práticas consideradas pela imprensa como danosas à saúde humana e a civilidade urbana. No texto *Comentários Água Potável*, de 18 de fevereiro de 1940, as reclamações são de início dirigidas aos garimpeiros e logo se estendem às práticas de higiene ⁴⁶corporal de outras pessoas:

[...]

Não é somente do garimpeiro malfazejo e ignorante que nos queixamos. Nestas linhas merece destacada a higiene de certas pessoas que amanhecem a beira do rio escovando os dentes, lavando o rosto, ou mesmo tomando banho, enquanto lata e mais latas d’água são, mais abaixo, recolhidas para abastecimento da população.

⁴⁶ Comentários Água potável. O Lidador, Ed. 317, p.01. (18/02/1940)

Assim, o estomago das pessoas que não possuem em casa um bom filtro vae tornando-se um verdadeiro repositório de azougue, bacilos de Kock e tantos outros animaesinhos que descem na correntesa e vão parar nos potes com imensa facilidade.

Urge uma providência que ponha termo a essa irregularidade. A Prefeitura resolveria o caso, nomeando um zelador do rio do Ouro, gesto muitíssimo humanitário que a população aplaudiria reconhecida.

[...]

Em junho de 1940, *O Lidador* publicou o edital da Delegacia de Polícia da Cidade de Jacobina, no qual dentre outras coisas, o delegado proibia “f)- BANHOS na barra dos rios do Ouro e Itapicurú, depois das 7 horas.”⁴⁷ Assim, não obstante as medidas normativas do Código de Posturas e Edital da Delegacia de Polícia, a atuação da imprensa na cobrança pela fiscalização, os banhos foram práticas persistentes, como um divertimento e também um cuidado de higiene corporal.

Para os redatores do *O Lidador*, em 1934, a *Picula* era cenário e teatro de depravações, pois os banhistas expunham –se quase despidos ou nus em plena luz do dia e quase dentro da cidade, com seus os banhos de sol e corridas às margens do Itapicuru⁴⁸. Os redatores articulam nos textos sobre os banhos, a visualidade e moralidade. Pela palavra escrita os redatores formam um cartaz que deveria ser banido da visualidade urbana. E não obstante a proibição policial e as cobranças da imprensa os banhistas continuaram em cena, como podemos observar num texto de 1941, que reproduzimos a seguir:

As imoralidades da Picula voltam ao cartaz⁴⁹

Solicitamos os bons serviços do digno Delegado de Policia em exercício nesta cidade para falta de compostura de certa classe de gente, que, à tarde, pratica o nudismo na celebre <<Picula>>.

Não parece digno de povo civilizado o espetáculo que os banhistas mal educados oferecem às moças e crianças que transitam pela Ponte Manoel Novaes, fato que, se não estamos enganados, é passível de pena criminal.

Tratando-se de uma obra de saneamento moral estamos certos que a policia, ainda uma vês, tomara as providencias necessárias.

⁴⁷ Edital. *O Lidador*. Ed. 334, p. 04. (16/06/1940)

⁴⁸ O banheiro da Picula é um cenário de depravações! *O Lidador*. Ed. 70, p.01. (04/01/1935)

⁴⁹ As imoralidades da Picula voltam ao cartaz. *O Lidador*. Ed. 371, p. 01. (08/12/1941)

Como dispositivo de pedagogização dos corpos, o jornal prescreve uma educação do olhar, para os olhares femininos algumas cenas eram colocados como imorais. A moralidade dos corpos e comportamentos está relacionada ao conceito de civilidade. Assim, exige-se certa conduta como civilizada, o que não correspondia ao movimento de corpos masculinos magrelos ou robustos sentindo a água umedecer a pele e os raios solares banhar as partes íntimas, já que alguns à vontade “sem lenço, nem documento” ficavam em pé em lajedos (pedras) a tomar sol outros corriam às margens do rio, num local que mulheres e crianças lavavam roupas, que moças e crianças passavam pela ponte Manoel Novaes e viam, local tão próximos às ruas da cidade que das casas mais altas era possível visualizar tais práticas.

As mulheres, moças e crianças não poderiam visualizar tal paisagem, quem sabe sob o risco de corar lhes as faces ou despertar curiosidades e desejos que ferissem a castidade e inocência. Portanto, era necessária a punição dos corpos mal educados dos marmanjos que atentavam contra o pudor público. Para tal *O Lidador* cobra ações mais enérgicas da polícia.

Portanto, sendo a cidade heterogênea, ao tempo que contava com vários gabinetes dentários, tido como elementos do progresso e os cuidados com os dentes como algo civilizado⁵⁰. E com suas publicidades que sugeriam a necessidade de cuidados de higiene bucal, também com as publicidades da Colgate que sugeriam a necessidade e o prazer advindos dos cuidados, associando-as ao consultório e ao recôndito privado/individual, têm-se também pessoas que usavam os rios como local para escovar os dentes ao ar livre. É possível que essa prática nos rios, fosse inclusive um rearranjo da subjetivação dessas sugestões da necessidade de cuidados higiênicos com os dentes, como prática de asseio corporal na intimidade do lar. Com uma escova, bucha ou mesmo argila nas mãos, os moradores de Jacobina se dirigiam ao rio para escancarar seus dentes para ele, limpando-os e sorrindo para as águas que passavam.

Podemos considerar que embora, a gestão municipal e a imprensa exigissem práticas que colaborassem com a salubridade, a cidade não dispunha de infraestrutura como água encanada para as casas e captação e tratamento dos esgotos⁵¹. Certamente, que isso não impedia, mas dificultava as práticas ditas civilizadas.

⁵⁰ Inaugurado o Gabinete Dentário Braulio Alves. *O Lidador*. Ed.164, p.01 (13/12/1936)

⁵¹ Como vimos brevemente nos tópicos: Entre lâmpadas e fifós e Pela cidade vivida, as condições de infraestrutura urbana eram precárias: o serviço de eletricidade não atendia toda a cidade. Nesse período a cidade não contava com água encanada e nem com captação de esgotos.

1.6 Fora da higiene não há progresso e civilidade⁵²

Segundo Denise de Sant'Anna (2011), entre o final do século XIX e início do XX, a higiene corporal e das cidades foi considerada uma possibilidade de regenerar a raça e fortalecer a nação, também de alavancar o progresso social e econômico do país.

No início do século XX, os médicos sanitaristas ganham papel de destaque nas reformas e gestão urbana. A reforma urbana de Pereira Passos, no Rio de Janeiro é um exemplo emblemático, as precárias condições de higiene e saúde pública foram consideradas como entraves para modernização urbana. No Rio de Janeiro boa parte da população, era extremamente pobre e se concentrava em antigos casarões do início do século XIX, localizados no centro da cidade e nos arredores do porto. Com o adensamento populacional (os cômodos eram subdivididos e abrigavam famílias inteiras) as pessoas viviam em condições precárias. Para as autoridades, esses sujeitos eram uma ameaça à ordem, segurança e moralidade pública. Nesse contexto, teve a institucionalização de métodos que visavam sanar questões de saúde e salubridade, interferindo no âmbito público e comportamentos privados.

Conforme Nicolau Sevckenko (1998), para enfrentar esse e outros problemas as autoridades conceberam um plano em três dimensões: executar simultaneamente a modernização do porto, saneamento da cidade e a reforma urbana. A cidade foi pensada como campo de intervenções técnicas, com crescente participação de médicos. No texto de Garcez Marins (1998), podemos constatar que a questão da salubridade pública esteve presente nas reformas em Salvador, Recife, Porto Alegre dentre outras cidades. Além da participação nas modificações urbanísticas, os médicos passaram a prescrever normas de condutas, a fim de alcançar cidades higiênicas e corpos saudáveis e com boa conduta, ou seja, hábeis ao trabalho e dóceis.

Em Jacobina, o Hospital Antonio Teixeira Sobrinho e as solicitações para construção de um Mercado Municipal endossam as preocupações higienistas da imprensa e do poder público com o espaço urbano e com os corpos humanos. Jacobina contava com um fiscal geral e com um médico de higiene a compor o conjunto de gestores urbanos, atentando para questões de higiene e saúde pública. O semanário *O Lidador* foi um dos propagadores do discurso sanitaria. Conforme Ricardo Batista:

⁵²Subtítulo inspirado no tópico “Fora da higiene não há salvação” da tese de doutorado de Iranilson Buriti (2002)

... tanto em simples recomendações de como se comportar nos casos de gripe (não tossindo com a mão à boca, porque tornaria a mesma um foco para micróbios, nem abraçando ou beijando pessoas sãs), quanto em notas que ditavam como as pessoas deveriam manter o padrão de saúde. (BATISTA, 2008, p.04)

Os consultórios clínicos e odontológicos particulares, o hospital e sub-posto de higiene foram importantes locais de atuação de médicos na cidade. O Hospital Antonio Teixeira Sobrinho foi o primeiro Hospital de Jacobina, segundo Zeneide Rios de Jesus, o Sr. Antonio Sobrinho, quando faleceu aos 83 anos de idade, era solteiro e teria deixado uma herança a ser dividida entre seus sobrinhos e outras pessoas. Dentre suas doações foram deixadas 200 apólices da Dívida Pública Federal no valor de um conto de réis cada uma, para construção do hospital. Sendo realizado seu desejo “... os jacobinenses passaram a contar com esse hospital público desde a década de trinta até a atualidade.” (JESUS, 2005, p.15).

Em novembro de 1933, *O Lidador* anunciava que tivera início a construção do Hospital Antonio Sobrinho e o local destinado foi onde se encontrava o antigo cemitério da cidade, interditado havia quarenta anos e em ruínas. É feito um elogio ao Prefeito e à comissão encarregada da construção, pela demolição do “... velho cemitério em ruínas para, no local, levantarem um edifício moderno, que dará vida a cidade.”⁵³ Em março de 1934, *O Lidador* afirma que o confortável edifício do hospital estava sendo coberto, com possibilidades de ser inaugurado dentro de cinco meses. No entanto, no mês seguinte os redatores informam que a construção estava mais lenta, porém já em execução os trabalhos de revestimento e carpintaria, com previsão da entrega dentro de oito meses.

O hospital foi considerado uma das obras de maior vulto em andamento na cidade e sinal do progresso. Para os redatores, essa construção era moderna, confortável e bonita. No entanto, uma coisa eles desaprovavam: o muro em torno do hospital, pois segundo os mesmos, tal muralha daria um aspecto deslegante. Não encontramos nenhum texto no *O Lidador* sobre a inauguração do Hospital Antonio Teixeira Sobrinho, possivelmente tenha sido entre o final de 1934 e meados de 1935. Na 103ª edição comemorativa do seu segundo ano de circulação, em sete de setembro de 1935, está estampada uma fotografia do hospital, aparentemente concluído.

⁵³ Hospital Antonio Sobrinho. *O Lidador*. Ed.10, p.01. (10/11/1933)

O pesquisador Valter de Oliveira identifica que essa edição veiculou o surpreendente número de 104 fotografias. Oliveira afirma não ter encontrado “... em jornais de outras cidades da região uma quantidade tão expressiva de fotografias numa única edição, o que indica um caráter arrojado de seu editor naquele empreendimento...” (OLIVEIRA, 2013, p.12). O autor afirma que 75 % do conjunto das fotografias dessa edição são de retratos, com destaque para os individuais. Em segundo lugar em quantidade aparecem as fotografias que destacam vistas urbanas e acompanhadas de legendas, distribuídas em algumas páginas. Ainda conforme Oliveira

O diretor, Nemésio Lima, mandou confeccionar as *clichés* em Salvador para as impressões das fotografias que contaram com a colaboração direta do fotógrafo residente em Jacobina, Juventino Rodrigues, um dos homenageados na edição pelos serviços prestados à sociedade através de seu estúdio “Ideal Photo”.

Na décima página intitulada *Administração e Política*, aparecem duas fotografias de gestores municipais: o prefeito Reynaldo Jacobina Vieira e o secretário da prefeitura Oscar Silva e duas fotografias de construções: Hospital Antonio Teixeira Sobrinho e A Ponte Manoel Novaes. Ambas as fotografias estão num texto sobre o desenvolvimento local, sendo um dos pontos articulador do texto as construções realizadas nos últimos dois anos. Tanto o hospital quanto a ponte foram indicadas noutras edições como elementos do progresso e beleza urbana. Eis a reprodução da fotografia do Hospital:

Figura 04: Vista do Hospital Antonio Teixeira Sobrinho



Fonte: O Lidador. Ed.103, p.10 (07/09/1935). DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidador.

Quanto ao Mercado Municipal, em 1936, foram elogiadas as pretensões do prefeito em construir um mercado municipal. Esse seria propulsor da economia e primeiramente como benéfico para higiene urbana, constituiria uma alternativa à feira livre ofereceria a venda de

alimentos de segunda a sábado e possivelmente poria fim à venda de vísceras bovinas na feira. Pela descrição dos redatores tal costume era repulsivo, pois as tripas eram expostas em poucas folhas de plantas e ainda expelindo fezes exalava odores desagradáveis. E a desaprovação vinha principalmente das senhorinhas que frequentavam a feira.

Além da educação do olhar, que não convinha às mulheres casadas e mocinhas ver os marmanjos despidos ou seminus, a imprensa sugeria que ao olfato e visão civilizados era desagradável a cena das vísceras bovinas e o odor decorrente dessas. No entanto, a venda de vísceras foi uma constante na feira, pois encontramos reclamações ainda em 1940. Embora, não identificados no *O Lidador* se a obra realmente começou entre 1936-1943, podemos inferir pelo entusiasmo que foi anunciado o intuito da construção de um mercado, para a imprensa essa seria um “melhoramento” para cidade, pois contribuiria para civilizar certos costumes, proporcionando mais higiene.

Além da venda de vísceras na feira, outro costume considerado não higiênico e atrelado ainda ao ambiente rural foi o de criar animais nos quintais ou deixá-los soltos nas ruas. Este “mau hábito” foi amplamente combatido pela imprensa, que solicitava a repressão do fiscal geral. No entanto, os sujeitos persistiam em criar porcos, galinhas, cabras e vacas nos quintais e em deixá-los perambular, fuçar e pastar pelas ruas, ou na expressão do *O Lidador* “fazerem o footing pelas ruas”.⁵⁴

Os suínos eram considerados mais prejudiciais à saúde pública, porém também os bovinos causavam sujeira nas ruas, enchendo - as de esterco, “... dando aspecto de rural a nossa urbe, que tanto precisa de asseio”⁵⁵. Também deixavam a cidade com aspecto de roça os cães, chamados de vadios, a incomodar o sossego público, latindo nas horas noturnas. Nas palavras do *O Lidador* “... temos a impressão que é na roça que estamos...”⁵⁶. Possivelmente, as pessoas criavam os animais para alimentação própria, fonte de renda, transporte ou auxílio no trabalho na cidade ou na roça.

A higienização da cidade diz respeito ao espaço urbano, aos corpos e suas sociabilidades. Para a cidade um médico de higiene e um fiscal geral, para os corpos vários consultórios e certa especialização médica, e a exigência de comportamentos sugeridos como normais, saudáveis e civilizados. No próximo capítulo analisaremos as publicidades e textos relacionados ao corpo feminino e à saúde.

⁵⁴ Animais soltos pela rua. *O Lidador*. Ed. 386, p.01 (19/04/1942)

⁵⁵ As vaccas soltas na rua! *O Lidador*. Ed.82, p. 01. (07/04/1935)

⁵⁶ A cidade continua a reclamar asseio e luz! *O Lidador*. Ed.90, p.01. (02/06/1935)

2. CAPÍTULO II PRESCRIÇÕES DE CORPOS E COMPORTAMENTOS FEMININOS NOS TEXTOS E ANÚNCIOS DE MEDICAMENTOS

No primeiro capítulo vimos que médico - higienistas atribuíram pra si legitimidade científica de participarem das reformas e gestões urbanas no início do século XX. Assim, nas primeiras décadas deste, os discursos médicos circularam de múltiplas formas no campo social. Os médicos ou suas narrativas transitaram dos consultórios particulares aos hospitais públicos, das escolas aos centros de ensino superior, dos espaços públicos à intimidade do lar.

Em Jacobina, os médicos estiveram presentes na gestão da cidade, em cargos públicos, como o de médico de higiene. Na imprensa local circularam preceitos higienistas para o espaço urbano e os corpos, prescrevendo comportamentos ditos civilizados. Nesse capítulo problematizaremos perfis de corpos femininos urdidos nos anúncios de produtos e serviços médicos, relacionando-os com o espaço e as práticas urbanas.

2.1 Escrituras médicas e publicitárias: Corpos esculpidos

O corpo é produzido socialmente, é inscrito, o texto o marca, é cultivado, instrumentos o conformam, normas e códigos tornam carnes em corpos reconhecidos socialmente. A escritura inscreve-se sobre as carnes mediante instrumentos que configuram corpos, a exemplo, da maquinaria jurídica e médico - cirúrgica. (CERTEAU, 2012) Em relação ao poder operador da escrita, no que se refere à maquinaria médico - cirúrgica afirma De Certeau:

O corpo se repara. Educa-se. Até mesmo se fabrica. A panóplia dos instrumentos ortopédicos e dos instrumentos para intervenção prolifera, portanto à medida que, daqui em diante, o homem se torna capaz de decompor e reparar, cortar, substituir, tirar, acrescentar, corrigir ou endireitar. [...] [Há uma] multiplicação das intervenções possíveis, mas sempre definida pela escritura de um texto sobre os corpos pela encarnação de um saber... (CERTEAU, 2012, p.213)

As modulações dos corpos estão no campo das relações de poder e são atravessadas por tensões. Trata-se de um poder difuso, que não é possuído por um sujeito social, mas disputado por sujeitos situados socialmente de forma assimétrica. (FOUCAULT, 1979). E são nessas relações entre diferentes agentes, práticas sociais e representações culturais historicamente datadas que são produzidas as aparências, as subjetividades e os corpos.

Pensamos que na incipiente sociedade de consumo no Brasil, no início do século XX, com desenvolvimento de um espaço de consumo para o público feminino, as empresas de fármacos e a publicidade impressa constituem um dispositivo que ajudaram a configurar corpos, em um campo de forças diversas e assimétricas como o discurso médico, religioso e político-administrativo.

Nesse sentido, pensamos que a escrita publicitária constitui-se em elemento de um dispositivo político de configuração de corpos, os anúncios buscam influenciar e aumentar o consumo, mas também incidem nos hábitos, informam e educam e, mediante o seu caráter repetitivo possibilitam maior facilidade de arquivar a mensagem. De modo sedutor e sutil, os mesmos marcam e modulam corpos, desenha o que seria corpos femininos e masculinos e demarca-lhes desejos e funções dentro de certa margem de autonomia dos receptores. Em Foucault um dispositivo é

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p.244)

Conforme a historiadora Maria Izilda de Matos (2010), no Brasil desde 1850, os produtores de remédios e cosméticos eram os maiores anunciantes, assumindo grande influência, atingindo um grande público. Os reclames eram veiculados em jornais, almanaques e revistas, a exemplo da *Fon-Fon*, *O Cruzeiro*, *Para todos* e *O Malho*. Pensamos que essa associação forma um complexo de práticas e discursos médico-publicitário, e constituem num dispositivo de saber e poder agenciador dos corpos. Toda a narrativa (composição textual, imagética e de recursos técnicos) dos anúncios funciona como um elemento desse dispositivo de agenciamento de desejos e comportamentos, no sentido de sugerir ao leitor que para ter boas relações afetivas, sucesso profissional e ser feliz é preciso cuidar do corpo medicalizando - o, embelezando-o e higienizando-o.

No século XIX, uma gama diversificada de saberes separa e hierarquiza corpo e mente. Esta dirigiria o corpo, dar-lhe-ia “ordens”. Minuciosamente perscrutado e submetido à racionalidade com vistas ao ótimo desempenho no trabalho. No entanto, parece-nos que em relação ao corpo feminino sua centralidade está no útero. E, devido a sua anatomia e fisiologia a doença faria parte do ser feminino. Naturalmente doente a mulher deveria ser encaminhada ao médico.

Em fins do século XIX, na França a discussão da sexualidade feminina é constante em obras especializadas de médicos e psiquiatras, assim como de romancistas. Os romancistas hiperssexualizam a mulher, porém quando essa é reconhecida como ser de desejos, é com desejos exagerados e jamais com equilíbrio. E a histeria seria o exagero transformado em neurose, se a mulher tivesse homens e se não os tivesse, se tornaria histérica, por isso, as celibatárias e prostitutas tanto chamaram a atenção do olhar masculino na literatura⁵⁷. O excesso poderia se dirigir tanto para a virtude quanto para o pecado. Este é a expressão não santificada pela fecundidade matrimonial. Assim, é a composição corporal que dita os comportamentos femininos, sendo o útero o órgão primordial.

No Brasil, ao longo século XIX, a medicina lutou para monopolizar o direito de assistir aos doentes, pois as funções de cuidar e curar os doentes estavam pulverizadas entre diversos atores sociais, como parteiras, curandeiros e homeopatas (COSTA, 2004, p.76). Embora persistam outros saberes e práticas de cuidados e cura dos corpos, a medicina ganha relevância enquanto saber científico e nas políticas públicas de saúde.

O ensino acadêmico da medicina foi um importante fator em sua consolidação. Em 1808, foi fundada a Escola Cirúrgica da Bahia e tornou se Faculdade de Medicina da Bahia em 1832. Sendo lócus de formação profissional e produção de conhecimento. Nas últimas décadas do século XIX, intensificam-se os estudos sobre problemas concernentes ao corpo. Os médicos tendo como referências preceitos higienistas, pretendiam estender sua atuação do âmbito individual ao coletivo, da casa à cidade, com anseio de formar uma sociedade física e moralmente sã. O historiador Iranilson Buriti afirma que o discurso médico elegeu as práticas educativas e os espaços escolares como âmbitos propícios à intervenção higienizadora. Segundo Buriti “... Através da lente do saber médico, se articula a enunciação dos fins educativos, o entrelaçamento entre a escola e o hospital...”. São saberes e narrativas que se cruzam para “cirurgiar o corpo nacional”, torná-lo higiênico, sábio e civilizado. Assim se refere o autor “... Através desses vários discursos, construía-se uma nova fisionomia nacional, esteticamente cirurgiada pelo bisturi do progresso e educada pelo estetoscópio da educação.” (BURITI, 2011, p.70).

Nesse ínterim, proliferam os discursos médicos que relacionam mulher, higiene e civilidade. A mulher geraria e educaria indivíduos úteis à nação. Adriana de Carvalho Luz,

⁵⁷ Cf. DONTTI, Orsoni Mereille. IX- A amiga dos médicos. In: *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*; trad. Ana Maria Scherer- Rio de Janeiro: Rocco, 1996. (p. 220-247)

constata que uma das preocupações presentes nas teses médicas da Faculdade de Medicina na Bahia foi a maternidade, dentre as questões relacionadas a essa, tem-se a centralidade do útero na fisiologia e comportamento das mulheres. Conforme Luz:

As teses propõem a associação do útero a problemas não só físicos e fisiológicos, mas também a problemas morais e nervosos. Problemas uterinos poderiam gerar problemas morais e nervosos, ao mesmo tempo em que a personalidade feminina comprometida moralmente e neurologicamente acarretava problemas ao útero. (LUZ, 1996, p.42)

No início do século XX, encontramos no *O Lidador* principalmente nas publicidades de serviços médicos e de medicamentos direcionados ao público feminino, a preponderância do útero, o que implicava na explícita sugestão de medicalização dos corpos femininos e prescrição de comportamentos. Mesmo nos anúncios direcionados ao consumidor em geral e suas dores de cabeça, dentes, articulações e resfriados, doenças decorrentes de impurezas no sangue, há indicações específicas ao tratamento de “incômodos de senhoras, inflamações do útero, enxaquecas de certos períodos”, incluindo assim, o público feminino como potencial consumidor dos medicamentos, como podemos verificar nos anúncios de *Elixir de Nogueira e Cafiaspirina*.

2.2 Sangue limpo - depurativos do sangue: Elixir de Nogueira e Yantol

No *O Lidador*, os reclames do depurativo do sangue *Elixir de Nogueira*, foram apresentados com formato de imagens e textos, bem como de pequenos textos em forma de atestados assinados por homens de vários lugares do Brasil, com um número significativo de médicos. É interessante notarmos que nas primeiras décadas do século XX, além de ampliar a discussão sobre a higienização e saúde pública, também se desenvolve a crença nos médicos como aptos conhecedores das ações humanas, apto a comandar operações e velar pelos pormenores do corpo humano e da cidade. Desse modo, “... Os sinais da emergente medicina tornam-se visíveis por toda parte e o médico adquiria o perfil de um ‘herói’ no discurso moderno...”. (BURITI, 2002, p. 204)

Portanto, quanto às referências aos médicos nas publicidades medicamentosas e mesmo nas de produtos de embelezamento, nota-se um como estratégia para atrair os consumidores à atribuição de credibilidade ao produto associando-o ao saber médico. Assim, o discurso médico é apropriado pela indústria farmacêutica para legitimar o discurso publicitário e atrair os consumidores. Nas publicidades vários médicos afirmam um grande sucesso no uso do

medicamento em suas clínicas, os atestados são dos bons resultados do emprego do Elixir nos casos de sífilis, também - se têm atestados de pacientes, possivelmente por se tratar da sífilis são todos assinados por homens. Vejamos um exemplo de atestado médico:

No tratamento da syphylis adquirida ou hereditária!⁵⁸

Attesto- in de gradis- já ter empregado com os mais satisfactórios resultados e diversos e diversos casos de minha clinica hospitalar e civil, nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo o preparado <Elixir de Nogueira> do Ph e Ch. João da Silva Silveira.

Por isso, tenho em conta esse preparado como um dos bons agentes therapeuticos no tratamento da maior parte de curas de lues adquiridas ou hereditária.

Nictherey, Estado do Rio de Janeiro.


(Ass) Dr. Everaldo Fairbanke

Medico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ex- interno dos Hospitaes de São Sebastião da Capital Federal e São João Batista de Nietheroy.

(Firma Reconhecida)

Para pensarmos a relação sífilis e modelos de gênero, vejamos um anúncio de um outro depurativo, o Yantol, com um alerta aos noivos:

Figura 05: Anúncio Yantol

	<p>Noivos...</p> <p>O perigo da SIFILIS ameaça a humanidade</p> <p>Ninguém está livre desse terrível flagelo. Empreguem no seu tratamento o poderoso depurativo e fortificante Yantol</p>
---	---

Fonte: O Lidador. Ed. 299, p.03 (08/10/1939). DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina:Jornais; O Lidador

⁵⁸ O Lidador. Ed. 88, p. 02. (19/05/1935)

Neste anúncio não é somente a nação brasileira que conta com a constituição de uma família higiênica, mas sim a humanidade. Por isso, sugere-se a atenção dos noivos quanto ao flagelo da sífilis que ameaça degenerar a humanidade. Pois atingiria a mulher que seguiu os preceitos médicos e dos bons costumes e manteve-se casta, saudável e fértil, exposta ao noivo sífilítico. Então para prevenir a mulher da contaminação com esse flagelo e, por conseguinte evitar o nascimento de filhos com a doença, os noivos deveriam empregar o depurativo Yantol. Mesmo não sendo formalmente um texto normativo como as leis ou escritos médicos e religiosos, a escritura publicitária sugere normas, como a restrição do ato sexual feminino ao casamento, enquanto ao homem seriam possíveis tais práticas mesmo antes do casamento.

Observamos que as referências à sífilis aparecem nas publicidades de circulação nacional como nos anúncios dos depurativos Elixir de Nogueira e Yantol. E também nos reclames de médicos em Jacobina. Segundo Ricardo Batista (2010) a sífilis foi uma das doenças presente na cidade.

De acordo com Iranilson Buriti (2002), a partir de 1920, o governo federal por meio de políticas nacionais de saúde passou a intervir mais intensamente nos Estados da Federação, combatendo doenças como febre amarela, lepra, sífilis, impaludismo e tuberculose. Portanto, o saber médico - higienista, os laboratórios de fármacos em conluio com a publicidade e os interesses estatais confluem nas tentativas de esculpirem corpos saudáveis, limpos e produtivos. De modo que o progresso da Nação passaria obrigatoriamente pela higiene e medicalização dos corpos e comportamentos.

Voltemos ao Elixir de Nogueira, divulgado como grande depurativo do sangue. Ao longo das edições do *O Lيدador* vários anúncios idênticos foram publicados, a exemplo do que circulou em sua primeira edição. Eis a reprodução do mesmo:

Figura 06: Anúncio Elixir de Nogueira.

	<p>Elixir de Nogueira</p> <p>Empregado com sucesso nas seguintes moléstias: escrófulas, darthros, boubona, inflamação de útero, corrimentos dos ouvidos, gonorréias, fistulas, espinhas, cancros, flores brancas, úlceras, tumores, sarnas, rheumatismo em geral, manchas da pelle, affecções do fígado, tumores nos ossos, latejamento das artérias</p> <p>(do) pescoço e finalmente em todas as moléstias provenientes do sangue</p> <p>Grande depurativo do sangue</p> <p>[texto do vidro] Elixir de Nogueira Salsa Caroba [ilegível]</p> <p>Preparado do João da Silva Silveira</p> <p>Phamarco Popular Pelotas</p> <p>Marca registrada</p>
--	---

Fonte: O Lidador. Ed. 01, 01. (07/09/1933) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina:Jornais; O Lidador


No texto grafado na imagem figurativa da embalagem está escrito que o medicamento é um preparado do farmacêutico João da Silva Silveira, há também uma gravura de um busto masculino de bigode, cabelos curtos e óculos, representativa do farmacêutico- homem da ciência. O *Elixir de Nogueira* foi anunciado como grande depurativo do sangue, indicado para cura de várias doenças externas como manchas na pele e às doenças internas como infecções no fígado.

Embora esse não seja um reclame dirigido especificamente ao público feminino, é anunciado como empregado com sucesso na inflamação do útero, indicando uma preocupação com a maternidade e os estados inflamáveis das mulheres. Mulheres que não procriassem seriam consideradas incompletas, devendo cuidar desse órgão, eis um corpo a ser reparado, mediante o uso de um produto farmacêutico. É válido observar que o mesmo é indicado para o tratamento de doenças da pele, como espinhas e manchas, decorrentes de toxinas no sangue. Desse modo, podemos pensar o corpo feminino ajustado tanto internamente, quanto nas superfícies: procriação e boa aparência seria o receituário do sucesso feminino.

2.3 Das unhas do sofrimento ao bem estar: “Tome D. Comadre Foi com essa tá de CAFIASPIRINA que Sá Zinha arribou”

Além do anúncio do Elixir de Nogueira, circulou na primeira edição do semanário um anúncio do medicamento chamado Cafiaspirina, ao longo das edições os reclames da Cafiaspirina foram muitos e heterogêneos, mas possui em comum a característica de afirmar que a Cafiaspirina é o remédio por excelência contra as dores. Pensamos que os anúncios de medicamentos da empresa Bayer aparecem já na primeira edição do periódico local, pois a empresa anunciava na imprensa brasileira desde 1911. Inclusive as campanhas publicitárias foram importantes para o sucesso da Bayer no mercado brasileiro. Eis a reprodução do anúncio estampado em primeira edição do *O Lidador*:

Figura 07: Anúncio Cafiaspirina dor de dente

 <p>Oh! dente ingrato! Mesmo em cima da hora!</p> <p>A MAIS violenta das dores de dentes é rapidamente aliviada com uma dose de CAFIASPIRINA, o famoso remédio contra todas as dores, enxaqueca, incômodos de senhoras, etc. Por isso nunca deve faltar em sua casa um tubo da providencial</p> <p>CAFIASPIRINA O remédio de Confiança</p> <p>CAFIASPIRINA</p> <p>BAYER</p>	<p>“Oh! dente ingrato! Mesmo em cima da hora”</p> <p>A mais violenta das dores de dente é rapidamente aliviada com uma dose de CAFIASPIRINA, o famoso remédio contra todas as dores, enxaqueca, incômodos de senhoras, etc. Por isso nunca deve faltar em sua casa um meio da providencial</p> <p>CAFIASPERINA</p> <p>O remédio de confiança</p> <p>Bayer</p>
---	---

Fonte: O Lidador. Ed. 01, p.01. (07/09/1933) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina:Jornais; O Lidador

O medicamento Cafiaspirina, tem a sua constituição química composta da aspirina, medicamento à base de ácido acetilsalicílico. A Aspirina era o produto mais conhecido da empresa alemã Bayer e nas décadas de 30 e 40 os produtos da Bayer tinham uma boa aceitação no mercado brasileiro. Em 1897, Felix Hoffmann, o químico do departamento de fármacos da Bayer, com a ajuda do professor Heinrich Dreser, conseguiu sintetizar um composto capaz de amenizar as dores: o ácido acetilsalicílico. Com a descoberta de Hoffmann foi criada a aspirina, que de início era comercializada em pó e pouco solúvel em água, segundo Bueno e Taitelbaum "... Para tornar o produto ainda mais atraente a Bayer inovou mais uma vez, criando os primeiros tabletes de medicamentos da história. Nada mais, nada menos, do que a origem do comprimido." (BUENO, TAITELBAUM, 2008, p.52).

Em 1896, foi fundada a companhia Walty Lindt & Cia, principal representante da Bayer no Brasil. Como os produtos da Bayer tiveram grande aceitação no mercado brasileiro, a Bayer decidiu fundar uma representante própria no Brasil "em fevereiro de 1911 a Frederico Bayer & Cia abriu suas portas no Rio e passou a responder por toda a distribuição de produtos no país. O mesmo escritório era responsável, também, pela propaganda da marca." (Idem. p, 50).


A cruz da Bayer e o slogan - o remédio de confiança - presentes em todos os seus reclames no *O Lيدador* são ícones que dão uma credibilidade ao medicamento, pois ao mostrar que esse é de um laboratório já conhecido, investe ao mesmo uma legitimidade científica e confiabilidade. A cruz, é um dos símbolos do cristianismo, assim repassa confiança aos usuários adeptos de vários ramos do cristianismo. Além disso, o slogan funciona como mensagem de fácil memorização: o remédio de confiança! O remédio que salvaria das violentas dores de dentes e garantiria a paz cotidiana.

Na parte superior do anúncio composta por duas cenas, tem-se no primeiro plano uma figura masculina contorcida e ao fundo um grupo de mulheres bem vestidas e ornamentando uma que se encontra no centro do grupo. Podemos inferir pelo enunciado da figura masculina que a dor poderia aparecer de surpresa e em momentos importantes, como no seu próprio casamento "Mesmo em cima da hora", e pela análise dos elementos do reclame: a figura masculina está bem trajada: terno, calça e sapatos sociais, mas se contorce e suas linhas faciais expressam sofrimento devido à dor de dente. Mas para não estragar a festa, ao menos uma dose de Cafiaspirina deveria ser tomada "A mais violenta das dores de dente é rapidamente aliviada com uma dose de CAFIASPIRINA".

No segundo plano, num local ornado por cortinas, encontram-se somente figuras femininas, estão todas bem vestidas e com calçados de saltinho, uma dessas tem o seu corpo adornado pelas demais, supomos que essa seja a noiva nos últimos retoques antes da cerimônia de seu casamento. Nesse anúncio a figura do corpo masculino está em desalinho, provocada pela dor de dente, mas não deixa de sugerir a medicalização do corpo feminino: “o famoso remédio contra todas as dores [...] incômodos de senhoras.” Portanto, homens e mulheres deveriam se cuidar: o homem que viaja a negócios, a mulher que se ocupa dos afazeres domésticos e ambos que desejam constituir família. Cuidados esses que passariam pelo consumo medicamentoso.

O corpo feminino além da possibilidade de ser acometido por dores de cabeça, de dentes, ouvidos, etc. estaria submetido aos incômodos das senhoras e enxaquecas em certas épocas, devido a sua composição fisiológica comandada pelo útero. Logo, seria imperiosa a sua medicalização. Dentre os anúncios de 1934, em maio circulou um reclame com a figura feminina em relevo. Vejamos a reprodução do mesmo:

Figura 08: Anúncio Cafiaspirina enxaquecas .

	<p>Tome D. Comadre</p> <p>Foi com essa tá de CAFIASPIRINA que</p> <p>As Zinha arribou</p> <p>Nas enxaquecas que atacam as senhoras em certas épocas tem a CAFIASPIRINA uma ação segura e prompta. Ella é também o remédio insubstituível contra as dores de cabeça, de dentes, de ouvidos, dores rheumaticas, etc.</p> <p>Por isso é a CAFIASPIRINA consagrada em todo mundo como sendo</p> <p>O remédio de Confiança</p> <p>CAFIASPIRINA</p> <p>Bayer</p>
---	--


Fonte: O Lidorador. Ed. 35, p.03 (04/05/1934) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina:Jornais; O Lidorador

O anúncio é composto pelo texto verbal e imagético. Na imagem em destaque encontramos vários elementos imagéticos: dois homens e uma mulher, enquanto o ambiente interno é permeado de objetos, dentre os quais um balaio, instrumento de trabalho utilizado provavelmente pela senhora retratada no reclame.

Observemos que não são corpos raquíticos, mas robustos, então mesmo os corpos robustos poderiam ser acometidos por dores. Mas todos deveriam estar bem. Entretanto, um dos três personagens, uma mulher, parece estar acometida de enxaquecas. Nesse anúncio o alvo é o corpo feminino, se em certas épocas esse é acometido de enxaquecas, então a medicalização desse é expressa como uma demanda devido a sua composição biológica. A figura do corpo feminino está curvada, mas pelo efeito do medicamento seria levantada-arribada, tal qual sugere um dos personagens do anúncio: “Tome D. Comadre Foi com essa tá de CAFIASPIRINA que Sá Zinha arribou”. Desse modo, eis um corpo que necessitaria regularmente e continuamente desde, a puberdade, consumir o medicamento Cafiaspirina para seu bem estar, importante para os afazeres domésticos desempenhados por mulheres nos campos e nas cidades.

Os reclames de Cafiaspirina foram difundidos pelo *O Lidador* até 1940, dentre os anúncios selecionamos um de 1938, por apresentar o corpo feminino numa outra cena de trabalho. Eis a cópia do reclame:

Figura 09: Anúncio Cafiaspirina: Enxaquecas

	<p>ENXAQUECAS</p> <p>As mulheres são victimas em determinadas épocas de enxaquecas, abatimentos e nevralgias. A Cafiaspirina faz, nestes casos, verdadeiros milagres, alliviando as dores e reanimando o doente em poucos minutos. Por isso as senhoras devem ter Cafiaspirina sempre á mão.</p> <p>O remédio de confiança</p> <p>CAFIASPIRINA</p> <p>Em cartões de [ilegível]</p> <p>Estojes de 30 e</p> <p>Caixas de 50 comprimidos</p>
---	--

Fonte: O Lidador. Ed. 230, p. 03. (03/04/1938) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina:Jornais; O Lidador

Deduzimos pelo ícone da máquina de costura que o ambiente destacado no reclame seja uma fábrica de costuras e os personagens nele presentes são somente mulheres, logo o corte e costura são indicados como funções femininas. E mesmo no ambiente de trabalho que demanda um corpo ativo, as mulheres não estariam isentas do ataque de dores.

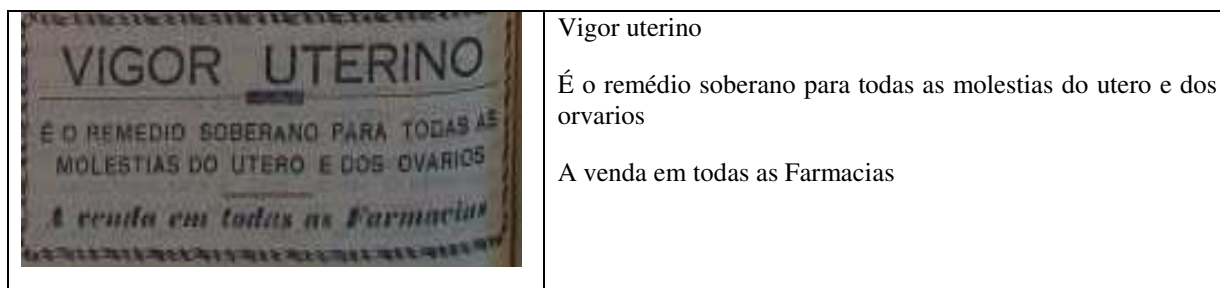
As mulheres “em determinadas épocas” eram vítimas de desânimo, enxaquecas e nervosismos, possivelmente esse período fosse antes e durante as regras. E as complicações geradas nesse período poderiam provocar constrangimentos nas relações de trabalho. E para o contra-ataque deviam ter em mãos cartões de comprimidos da Cafiaspirina.

Os três anúncios de Cafiaspirina apresentam o corpo como *front* de guerra; a dor ataca-lhe, abate-o, indis põe-lhe ao trabalho, priva-lhe das alegrias. Se a dor ataca, o medicamento teria uma defesa rápida, portanto, caberia ao indivíduo estar munido com a Cafiaspirina, para ter um corpo desejável, isto é bem disposto, com uma postura alinhada e hábil ao trabalho. Quanto ao corpo feminino, é posto que devido a sua composição biológica determinada pelo útero, necessitaria ser reparado, acalmado, remediado, pois um corpo doente incomoda não só a própria mulher, mas a um ritmo utilitarista-cumulativo do sistema capitalista.

2.4 “A vida assim é um inferno!”: o útero e os ovários, e as mulheres tem medo de enlouquecer?

Os anúncios dos medicamentos Vigor Uterino, Fluxo Sedatina e Gesteira são direcionados especificamente ao público feminino, todos com nomes sugestivos, pois remetem à centralidade do útero, ao fluxo menstrual e à gestação. Iniciemos pelo reclame Vigor Uterino. Eis a cópia do anúncio de 1939:

Figura 10: Anúncio Uterino




Fonte: O Lidador. Ed. 287, p. 02 (02/07/1939) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina:Jornais; O Lidador

Não temos informações se o mesmo era produzido por algum laboratório ou se era patenteado por algum farmacêutico. O reclame constitui-se de poucas frases que passam uma

mensagem impactante, qual seja a necessidade de cuidados com o útero e ovários e a eficácia do medicamento “... para todas as moléstias do utero e dos ovarios...”. Esses são órgãos do aparelho reprodutor feminino, o que indica a preocupação e a afirmação da maternidade como função natural das mulheres. Assim, afirma-se uma normatividade para o corpo feminino definido pelo útero e ovários, se possui útero e ovários a mulher deveria medicá-los de modo a garantir-lhes a eficácia, assegurando a procriação.

O Fluxo Sedatina foi proclamado como a maior descoberta para as mulheres: das mocinhas com o início do fluxo menstrual até as mulheres com mais idade. É o que observamos nessa publicidade estampada na edição 78 de 1935:

Figura 11: Anúncio Fluxo Sedatina

 <p>A MAIOR DESCOBERTA PARA A MULHER Do Dr. Sylvino Araujo Fluxo Sedatina A mulher não sofrerá dores Cura cólicas uterinas em 2 horas</p> <p>Regulariza as suspensões. Corta as grandes hemorragias. Combate as Flores Brancas. Evita o reumatismo e os tumores na idade crítica. É poderoso calmante e Regulador nos Partos, evita Dôres, Hemorragias e quase nullifica os accidentes de morte que são de um por cento.</p> <p>Meninas de 13 à 15 annos todas devem usar a FLUXO SEDATINA que se vende em todo o Brasil. Receitada por 10.000 médicos.</p>	<p>A maior descoberta para mulher</p> <p>Do Dr. Sylvino Araujo</p> <p>Fluxo Sedatina</p> <p>A mulher não sofrerá mais dores</p> <p>Cura cólicas uterinas em 2 duas horas</p> <p>Regulariza as suspensões. Corta as grandes hemorragias. Combate as Flores Brancas. Evita o reumatismo e os tumores na idade crítica. É poderoso calmante e Regulador nos Partos, evita Dôres, Hemorragias e quase nullifica os accidentes de morte que são de um por cento.</p> <p>Meninas de 13 à 15 annos todas devem usar a FLUXO SEDATINA que se vende em todo o Brasil. Receitada por mais de 10.000 médicos</p>
---	---

Fonte: O Lidador. Ed. 78, p. 02 (10/03/1935). DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina:Jornais; O Lidador

Iniciemos pelo nome do medicamento *Fluxo Sedatina*, como já destacamos esse nome sugere o ciclo menstrual e uma ação calmante do medicamento, pois o fluxo causaria irritações, dores e descontroles sendo necessária a medicalização. Observamos como estratégias para instituir credibilidade ao produto, sua associação ao nome Dr. Sylvino Araujo e a declaração que o medicamento já havia sido receitado por mais de 10 mil médicos. O reclame expõe que o medicamento seria a maior descoberta para mulher, enfatizando uma composição corporal feminina marcada pela procriação, então o *Fluxo Sedatina* “a maior descoberta para mulher” garantiria o bom funcionamento do corpo feminino e o livraria da dor. Tal composição corporal é marcada pelo ciclo menstrual, ou noutras palavras, um corpo

cuja principal função seria a reprodução, porém que necessita de cuidados, conforme as expressões “Regulariza as suspensões”, “É poderoso calmante e regulador de partos”.


Notamos que há nos anúncios medicamentosos uma preocupação com a maternidade e o bom funcionamento do órgão e esse sempre é relacionado à feminilidade, assim mulheres que não procriassem seriam como incompletas. É um corpo que poderia ser minuciosamente agenciado e que deveria ser minuciosamente cuidado dos ossos ao de sangue.

Conforme o anúncio, meninas de 13 aos 15 anos deveriam usá-lo, possivelmente por ocorrer nessa faixa etária a menarca - primeira menstruação - a indicar o começo da idade reprodutiva. Notemos também a sugestão que o medicamento “Evita o reumatismo e os tumores na idade crítica”, indicando que a observação e o “cuidado” com o corpo feminino deve ser o mais minucioso, precoce e contínuo. Destaquemos também a proposta de uso como “*poderoso calmante*” que alude ao caráter “nervoso” da mulher como característica do feminino, sobre as mulheres se abate o fantasma da dor e da histeria.

Nos anúncios do Regulador Gesteira, o nervosismo, os desarranjos emocionais e mentais são incisivos e sempre decorrentes das complicações do útero. Pelas informações dos anúncios esse seria um medicamento para inflamações de órgãos internos: útero e ovários. Esses anúncios estiveram presentes no *O Lidador* entre 1938 e 1939. Em seu conjunto delineiam uma composição corporal, concebida como feminina, enquanto um corpo naturalmente propenso às doenças, pois nesse desenho corporal o mais importante órgão seria o útero, facilmente inflamável e cujos males atacariam todo o corpo. Desse modo, a escritura publicitária “patologiza” os corpos e sentimentos das mulheres.

Passemos, pois, à análise dos reclames escolhidos. O próprio nome do medicamento *Gesteira* lembra a gestação e a maternidade. A seguir a reprodução de um dos reclames, este atrai-nos a atenção pelo seu chamativo textual *Os nervos pegando fogo*, bem como pela sua composição texto-imagem.

Figura 12: Anúncio Regulador Gesteira: Os nervos pegando fogo



Os Nervos Pegando Fogo

Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Esses sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por desarranjos e perturbações de certos importantes órgãos internos.

Para evitar e tratar tudo isso, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira evita e trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, a asma nervosa, peso, dores e calafrios no ventre, as perturbações e dores da menstruação, anemia, palidez, amarelidão e hemorragias provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, a fraqueza do sono, tonturas súbitas, palpitações, opressão no peito ou no coração, falta de ar, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, dormências nas pernas, enjoos, certas coceiras, certas tosse, pontadas e dores no peito, dores nas costas e nas cadeiras, falta de animo para fazer qualquer trabalho, canções e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações desde o começo.

Regulador Gesteira evita e trata também as complicações internas, que são ainda mais perigosas do que as inflamações.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**.

Fonte: O Lidador. Ed. 260, p. 02 (13/11/1938) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina:Jornais; O Lidador

Esses anúncios inscrevem uma composição do corpo feminino em que o útero e os ovários são os órgãos mais importantes, bem como os que mais depressa inflamam. E tal composição interna implicaria em desarranjos em todo o corpo feminino e em seus comportamentos psicológicos e sociais. Nesse sentido, possuir útero implicaria numa sintomatologia feminina, tendo como patologia predominante o nervosismo. Portanto, o corpo feminino deveria ser encaminhado aos médicos, pois somente eles o compreenderiam. Assim, pondera Dottin Orsini em relação ao século XIX “O médico, banalidade sempre repetida, é o exato substituto do padre para a mulher...” Continua a autora

... A explicação pela influência da fisiologia feminina quis varrer as interpretações sobrenaturais: os escritos de Charcot e seus discípulos compraziam-se em comentar os textos antigos que tratavam de possessões ou bruxarias e em condenar a influência perniciosa e as explicações anticientíficas da Igreja... (DOTTIN, 1996, p. 226)

O chamativo textual *Os nervos pegando fogo*, remete a um incêndio: os nervos se consumindo em chamas, ao ponto da figura da mulher estar com as mãos na cabeça e apresentar uma expressão facial de aflição. O anúncio coloca em evidência alterações comportamentais como tristeza, desânimo, aborrecimento, inquietação e irritação. Seriam esses estados desarranjos corporais que demandariam regulações. Para o corpo em desalinho é indicado o uso Regulador Gesteira. Corpo regulado em seus fluxos e emoções. Corpo medicado.

O útero inflamaria com facilidade e os nervos se consumiriam em chamas, logo o corpo entraria em estado febril e de desânimo. Parece-nos que os anunciantes imaginaram- pobre mulher!- e descreveram uma composição corporal feminina cujo centro é o útero, logo o corpo estaria fadado aos danos provocados pela inflamação desse órgão. Por isso são prescritos os cuidados com tais órgãos, como a prudência e a medicalização. Pela composição textual e imagética dos anúncios nos parece que a preocupação com o útero vai além de uma preocupação com a fertilidade e incide sobre os comportamentos e na delimitação de uma normalidade de sanidade mental.

Prossigamos ainda com a análise dos reclames do *Regulador Gesteira*, selecionamos um reclame de 1939. Eis a reprodução do reclame:

Figura 13: Anúncio do Regulador Gesteira: Os médicos parteiros e as mulheres

<p>Os Médicos Parteiros e as Mulheres</p> <p>Os bons Médicos Parteiros sabem que os mais perigosos sofrimentos das mulheres são sempre causados pelas congestões e inflamações de importantes órgãos internos.</p> <p>Os sofrimentos, às vezes, são tão graves que muitas mulheres têm medo de enlouquecer!</p> <p>A vida assim é um inferno!</p> <p>Para evitar e tratar as congestões e as inflamações internas, e todos estes terríveis sofrimentos, use Regulador Gesteira sem demora.</p> <p>[...] [mesmo texto do anúncio selecionado anteriormente]</p>	<p>Os médicos parteiros e as mulheres</p> <p>Os bons Medicos Parteiros sabem que os mais perigosos sofrimentos das mulheres são sempre causadas pelas congestões e inflamações de importantes órgãos internos.</p> <p>Os sofrimentos, às vezes, são tão graves que muitas mulheres têm medo de enlouquecer!</p> <p>A vida assim é um inferno!</p> <p>Para evitar e tratar as congestões e as inflamações internas, e todos estes terríveis sofrimentos, use Regulador Gesteira sem demora.</p> <p>[...] [mesmo texto do anúncio selecionado anteriormente]</p>
--	---

Fonte: O Lidador. Ed. 274, p. 02 (19/02/1939) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidador

Este anúncio avalia que os bons médicos parteiros possuiriam o conhecimento sobre o corpo feminino, seu funcionamento interno e seus sofrimentos. Estes mesmos profissionais saberiam, ainda, que os mais perigosos sofrimentos das mulheres são sempre causados por problemas em seus órgãos internos.

Isso nos leva a pensar que o útero era entendido como o centro do corpo feminino e definiria a mulher como propensa às doenças. Ademais, certos comportamentos seriam tratados como doenças perturbadoras de corpos que deveriam estar regulados. Estes sofrimentos são apresentados como extremamente drásticos ao ponto de levar as mulheres ao enlouquecimento. Útero inflamado. Corpo em chamas. Institui-se que a mulher normal deveria ser alegre, bem disposta, calma, sem inquietações e caso assim não se portasse a causa seria complicações no útero, ou seja, seria devido somente a sua composição biológica e não decorrentes de condições sociais. Mulher candura independente se as condições em sua volta fossem adversas.

2.5 Mulheres e o útero: serviços médico, cirúrgico e de parto


Não só dos anúncios de medicamentos que circulavam pelos cantos e recantos do Brasil (por meio de revistas, jornais, almanaques)⁵⁹ as mulheres eram os alvos no quesito saúde e publicidade. Também os médicos que trabalhavam em Jacobina anunciavam no *O Lidador*, oferecendo suas especialidades ao público feminino.

Nos anúncios de serviços médicos na cidade as informações em destaque são o nome do médico e especialidade. Por exemplo, os anúncios do Dr. Washington Landulfo, especialista em operações e partos, indica que o médico atenderia no período matutino no hospital Antonio Teixeira Sobrinho (1936). Outro anúncio de serviços médicos foi do Dr. Alberto Teles, com especialidade em operações, partos e moléstias das senhoras. O anúncio informa que Dr. Alberto possuía um consultório de atendimento clínico de adultos e crianças e residiria em Jacobina. O médico atuaria no tratamento de ouvidos, nariz e garganta (1937). Convergem nos anúncios as seguintes informações: a especialidade em operações e partos, assim como a disponibilidade para atender a chamadas particulares.

⁵⁹ Verificamos que as mesmas publicidades medicamentosas eram propagadas pelo Correio do Sertão (Periódico que circula em Morro de Chapéu - BA desde 1917), e algumas dessas eram publicadas pela Revista O Malho, a exemplo de Elixir de Nogueira (O Malho, Nº 100- 1935, p.03.) e Elixir de Inhame (O Malho, Nº 85-1935. P. 03.)

No anúncio de serviços médicos do Dr. Oswaldo M. Pirajá, a informação em destaque é seu nome e experiência, pois atuou como interno da Clínica Cirúrgica e Ortopédica da Faculdade de Medicina da Bahia. Nesse sentido, o enunciado emite uma legitimidade científica e um conhecimento empírico especializado, portanto, o médico Oswaldo Pirajá seria hábil nos cuidados com o corpo. Eis a cópia do anúncio difundido em 1935:

Figura 14: Anúncio de Dr. Oswaldo Monteiro Pirajá

 <p>Dr. Oswaldo Monteiro Pirajá Da Faculdade de Medicina da Bahia Especialidade — Impaludismo, Syphilis, Doenças das Senhoras, Tratamento radical e definitivo da blenorragia pelos métodos mais modernos; inclusive para o sexo feminino, por meio de vacinação pélvica. Redução perfeita de fracturas, por meio de aparelhos de gesso, incluindo correção de defeitos ósseos congênitos ou adquiridos. ATTENDE CHAMADAS PARA FORA DA CIDADE Residência: Rua Dr. Pedro Lago — JACOBINA</p>	<p>Dr. Oswaldo Monteiro Pirajá</p> <p>Ex-interno da Clínica Cirúrgica Infantil e ortopédica da Faculdade de Medicina da Bahia</p> <p>Especialidade: - Impaludismo, Syphilis, Doenças das Senhoras, Tratamento radical e definitivo da blenorragia, pelos métodos modernos; inclusive para o sexo feminino, por meio de vacinação pélvica.</p> <p>Redução perfeita de fracturas, por meio de aparelhos de gesso, incluindo correção de defeitos ósseos congênitos ou adquiridos.</p> <p>ATTENDE CHAMADAS PARA FORA DA CIDADE</p> <p>Residência: Rua Dr. Pedro Lago - Jacobina</p>
---	--

Fonte: O Lidador. Ed. 98, p.04 (28/07/1935) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidador

Além da especialidade em impaludismo, doenças das senhoras e sífilis⁶⁰, ainda empregaria um tratamento radical e definitivo da blenorragia⁶¹ por métodos modernos para homens e mulheres. Desse modo, o anúncio apresenta como uma possível novidade a inclusão das mulheres como pacientes no tratamento da “blenorragia”, talvez indicando que “novos métodos” abrem “tempos modernos” para as mulheres por meio da vacinação pélvica⁶².

A escritura médico-científico individualiza o corpo, marca-o seja por instrumentos de intervenção cirúrgica, seja pela medicalização do mesmo, de tal forma a conformá-lo, a ajustá-lo, a fabricá-lo: corpo controlado e logo, reconhecido socialmente. Corpo inscrito pelo texto publicitário, recortado e reconstituído pelo texto e também pelos instrumentos médicos

⁶⁰ Na década de 30, as condições de saúde pública em Jacobina eram precárias. O impaludismo, a varíola, a tuberculose e a sífilis foram doenças presentes na cidade e nos locais de garimpo em Jacobina. (BATISTA, 2010, p.37). A ausência de infraestrutura de tratamento e distribuição de água e captação e tratamento de esgoto foi um agravante, pois favorecia a disseminação de doenças infecto- contagiosas.

⁶¹ Blenorragia: mesmo que gonorreia: uma doença infectocontagiosa sexualmente transmissível, causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoeae*. Um dos sintomas comuns em ambos os sexos é a ardência ao urinar. Quando não tratada pode causar dores pélvicas (na região abaixo do abdômen) nas mulheres.

⁶² Não encontramos informações sobre a vacinação pélvica no tratamento da blenorragia. É a região pélvica é chamada popularmente de bacia. A pelve feminina acomoda o útero e os ovários.

que os submetem a ordem de corpo perfeitamente saudável. Conformar o corpo, corrigi-lo por meio de discursos, bisturis ou instrumentos como aparelhos de gesso, agenciado - o peça por peça, seja na aparência ou internamente em seus sistemas de funcionamento fisiológico, afim de enquadrá-lo no modelo de corpo com os atributos da saúde, higiene, beleza, utilidade e moralidade.

A referência ao gesso inclusive remete-nos ao trabalho do escultor francês August Rodin, o qual utilizava como material básico o gesso e o bronze, Rodin imprime na escultura a expressão do imaterial e do psicológico (NÉRET, 1997). Aos corpos imprime movimento e expressões, são esculturas de corpos marcados pela jovialidade e beleza. Desse modo, podemos pensar no corpo feminino como escultura esculpida nas assimétricas relações de força. O corpo é apresentado nos anúncios de serviços médicos como front de batalha a ser conquistado em seus mínimos detalhes internos e externos, e sujeito a intervenções cirúrgicas, aparelhos técnicos de correção e repartições de modo a torná-lo analisável e manipulável. Porém, mais ainda do que as matérias primas utilizadas por Rodin, os corpos de carne e sensibilidades oferecem resistências.

No anúncio de Dr. Pericles Laranjeira, notamos uma preocupação e promoção da medicalização do parto e da infância. E essa atenção com a criança incide também numa atenção com o corpo feminino como provedor do aleitamento. Assim, a medicalização do corpo feminino relaciona-o com a maternidade e essa por sua vez demandaria cuidados como a alimentação equilibrada da mulher, pois a amamentação era um dos cuidados com a infância, uma infância saudável garantiria um futuro saudável para o país. Vejamos o reclame Dr. Pericles Laranjeira Barbosa:

Figura 15: Anúncio do Dr. Pericles Laranjeira Barbosa

<p>Dr. Pericles Laranjeira Barbosa</p> <p>Medicina interna de adultos (Pulmão, Coração, Vasos, rins, estomago, intestino, fígado, etc).</p> <p>Doenças das Senhora — Partos</p> <p>Clinica Especializada de Criança</p> <p>Alimentação e Disturbios gastro-trofico do lactente.</p> <p>Residencia e Consultorio Rua Cel. Teixeira, 15</p>	<p>Dr. Pericles Laranjeira</p> <p>Medicina interna de adultos (Pulmão, Coração, Vasos, rins, estomago, intestino, fígado, etc).</p> <p>Doenças das Senhoras - Partos</p> <p>Clinica Especializada de Criança</p> <p>Alimentação e Disturbios gastro-trofico do lactante.</p> <p>Residencia e Consultoria Rua Cel. Teixeira, 15</p>
--	---

Fonte: O Lidorador. Ed.346, p. 08. (01/06/1941). DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidorador

O médico Florivaldo Barberino também anunciou seus serviços médicos no *O Lidorador*. Barberino formou-se em medicina em 1941, pela Faculdade de Medicina da Bahia, localizada em Salvador e instalou sua clínica em Jacobina, em 1942. É também desse ano seu primeiro anúncio no jornal local. Eis a reprodução do reclame:

Figura 16: Anúncio Dr. Florivaldo Barberino

<p>Dr. Florivaldo Barberino</p> <p>(Ex-interno do Serviço de Pronto Socorro da Bahia)</p> <p>Clinica Médico - Cirurgica</p> <p>Doenças internas -- Vias urinarias -- Partos.</p> <p>Clinica de Crianças</p> <p>Eletricidade médica (infra-vermelho)</p> <p>ACEITA CHAMADOS PARA FORA DA CIDADE</p> <p>Resid. e Consultorio - Praça da Matriz, 7</p> <p>Jacobina - Bahia</p>	<p>Dr. Florivaldo Barberino</p> <p>(Ex- interno do Serviço do Pronto Socorro da Bahia)</p> <p>Clinica Médico – Cirúrgica</p> <p>Doenças internas - - Vias urinarias - - Partos.</p> <p>Clinicas de Crianças</p> <p>Eletricidade médica (infra- vermelho)</p> <p>Aceita chamados para fora da cidade</p> <p>Resid. e Consultório – Praça da Matriz, 7</p> <p>Jacobina –Bahia</p>
--	--

Fonte: O Lidorador. Ed. 377, p.02 (18/01/1942) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidorador

No centro da cidade, localizava-se o consultório médico do Dr. Florivaldo, que atenderia aos adultos com suas “doenças internas” e oferecia intervenções cirúrgicas para as

vias urinárias e realizaria partos. Atenderia também às crianças com o uso da eletricidade médica.

No *O Lidador*, sua formação e atuação profissional foram registradas em textos dos próprios redatores. Em 1935, os redatores parabenizam a Florivaldo Barberino pela conclusão do curso de Ciências e Letras, pelo Ginásio São Salvador na capital baiana. Ao tempo que faz votos de sucesso pelo seu ingresso na Academia de Medicina da Bahia⁶³. Em dezembro de 1941, os redatores parabenizam a Florivaldo pela formatura em medicina pela Faculdade de Medicina na Bahia. Além dos parabéns os redatores desejam-lhe sucesso profissional: “[...] Nós, que o estimamos também, e muitíssimo, e jamais deixaremos de acompanhar-lhe na jornada vitoriosa, deixamos, nesta linhas, com um grande abraço de parabéns, os mais sinceros votos de plenos triunfos profissionais.”⁶⁴ Na edição seguinte tem-se um convite da Rádio Comercial de Jacobina e do *O Lidador* para recepção na gare da Leste Brasileiro do recém diplomado médico Florivaldo.⁶⁵

Meses depois, em abril de 1942, na primeira página *O Lidador* anuncia a inauguração do consultório médico de Florivaldo Barberino em 22 de março. Primeiro justifica-se o atraso em registrar, segundo o texto, o notável acontecimento, pois o periódico não teria circulado nos três últimos domingos. O consultório é adjetivado pelo jornal como novo e bem organizado, localizado na Praça Matriz, *no pavimento inferior do belo e moderno edifício Amado Barberino*. O médico então favorecia a sua cidade natal com um consultório à altura dos mais bem organizados de Salvador. Prossegue o redator em adjetivar inclusive o dia como domingo alegre e na tarde desse o gabinete teria sido muito visitado pela elite jacobinense, “... cujos elementos destacados tiveram palavras de encômios e estímulo, não somente para com o Dr. Florivaldo, mas para com os seus extremosos paes, esse jacobinense de prol que é o Sr. Amado Barberino e sua esposa D. Maria Candida Marques Baberino, incansáveis em obsequiar a quantos ali presentes.”

Na conclusão da notícia, o redator reafirma que o consultório é um benefício para a cidade. Se no parágrafo anterior a voz de estímulo ao médico viria de elementos destacados da elite, na conclusão é o entusiasmo popular que expressa seu contentamento. Eis o trecho:

Nossa folha, associando-se ao justo entusiasmo popular pelo passo à frente dado pela cidade com a inauguração do referido consultório médico, repete, aqui, as

⁶³ Florivaldo Barberino- Diplomado em Ciências e Letras. *O Lidador*. Ed. 116, p.01 (08/12/1935)

⁶⁴ Dr. Florivaldo Barberino. *O Lidador*. Ed. 373, p.01 (21/12/1941)

⁶⁵ Recepção do Dr. Florivaldo Barberino-Convite ao povo. *O Lidador*. Ed. 374, p.01 (28/12/1941)

palavras com que o povo expressava seu contentamento: << Muitas felicidades e uma clientela à altura>>.

Desse modo, a imprensa dá visibilidade ao consultório médico como elemento para o desenvolvimento da cidade e a Florivaldo Barberino como filho ilustre da terra, com qualidades morais, disposto a servir e engrandecer sua terra. Portanto, *O Lidador* compõe uma narrativa na qual dá visibilidade à cidade enquanto cidade civilizada e progressista, e que os homens da ciência e das letras, com seus bisturis e canetas contribuiriam para o progresso da mesma.

Também de 1942, chama - nos a atenção o anúncio do médico Angelo Brandão, estampado na segunda página da edição 384 de 17 de março. Abaixo a reprodução do reclame:

Figura 17: Anúncio Dr. Angelo Mario Brandão

<p>Dr. Angelo Mario Brandão</p> <p>Ex-interno da maternidade Climerio de Oliveira.</p> <p>Especialista em moléstias de Senhoras, partos, moléstias da pele e operações.</p> <p>Atende diariamente no consultorio do Dr. Agenor Brandão.</p> <p>Rua Cel. Teixeira 18.</p> <p>Jacobina</p>	<p>Dr. Angelo Mario Brandão</p> <p>Ex – interno da maternidade Climerio de Oliveira.</p> <p>Especialista em moléstias de Senhoras, partos, moléstias da pele e operações.</p> <p>Atende diariamente no consultório do Dr. Agenor Brandão.</p> <p>Rua Cel. Teixeira 18.</p> <p>Jacobina</p>
---	--

Fonte: O Lidador. Ed. 384, p.02 (17/03/1942) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidador

Atrai-nos a atenção no reclame a informação que o médico seria ex-interno da maternidade Climério de Oliveira, maternidade inaugurada em 1910. Segundo Marivaldo Amaral (2008), essa foi uma das primeiras maternidades criadas no Brasil com o objetivo específico de maternidade escola. Portanto, tal experiência legitimaria sua atuação como especialista nos cuidados médicos com o corpo feminino. A civilidade e higienização da cidade passariam pela normatização de práticas e medicalização dos corpos. E quanto ao parto esse deveria ser medicalizado.

Nos filigranas dos discursos médicos, jornalísticos e publicitários é proclamada a maternidade como missão: Vós, mulheres por natureza possuis a missão de ter filhos. Vós tendes a missão patriótica de educar as crianças nos preceitos higiênicos e de amor à pátria. Nesse sentido, circunscrevem os corpos e atuações femininas no lar, ao lado do esposo e filhos. Assim, defendem que o apoio à maternidade, passaria pelo amparo às mulheres grávidas e medicalização do parto. Vejamos trechos de dois textos de 1937, sobre o amparo a maternidade:

Maternidades municipais⁶⁶

Entre as mais vivas necessidades sociais de nossa terra situa-se a de medidas eficientes de amparo a maternidade. Somos um país novo, apresentamos um quadro enorme de coisas a organizar, temos, portanto, uma obrigação viva e imediata: a da valorização do homem que terá de realizar a nossa realidade futura.

E a valorização do homem começa com o amparo à mulher que vai ser mãe. Sem essa medida inicial um povo não apresentará populações numerosas e de índice eugênico elevado.

Função Social das maternidades⁶⁷

Um dos problemas mais urgentes do Brasil é sem dúvida o da proteção da mulher que vai ser mãe.

Este é um problema vivo, imperioso, que está pedindo a atenção de todos os patriotas esclarecidos. Vivemos distraídos de assunto tão sério, esquecidos de que a mãe representa o presente e o futuro da nacionalidade. Ela carrega em si uma força ativa capaz de gerar o trabalho e felicidade das nossas horas presentes, e é também a portadora do homem de amanhã. Cumpra portanto defende-la.

No primeiro texto, o articulista argumenta a favor da construção de maternidades municipais, que poderiam ser pequenas em conformidade com o número de habitantes de cada cidade, desde que disponibilizassem profissionais para o atendimento de parto domiciliar. A maternidade deveria ser construída conforme as regras higiênicas. Sendo a mulher que geraria e educaria homens para pátria, uma maneira de dar-lhe assistência seria medicalizando o parto.

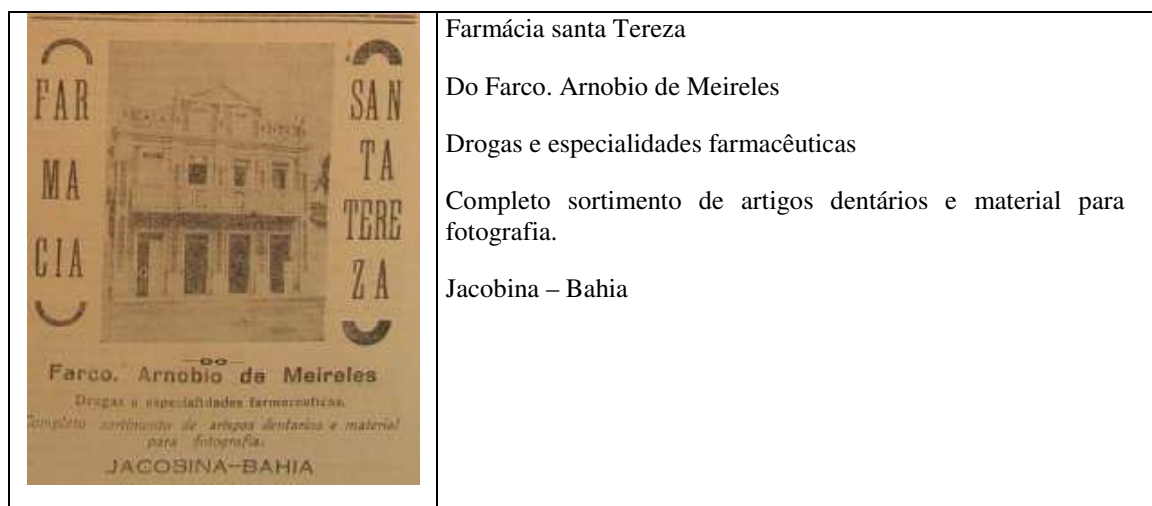
Mas todo o corpo feminino deveria ser fortificado, depurado, curado, estar sob o constante olhar dos homens da saúde com seus receituários, medicamentos e instrumentos

⁶⁶ Maternidades municipais. O Lidador. Ed. 194, p. 01 (18/06/1937)

⁶⁷ Função Social das maternidades. O Lidador. Ed. 209, p.02 (31/10/1937)

cirúrgicos. E relacionando saúde e medicamentos o farmacêutico Arnobio de Meireles, proprietário da farmácia Santa Tereza, lançava seu primeiro anúncio em 1934. O anúncio constitui-se de uma pequena frase – *Comprem na Pharmacia Santa Thereza nesta cidade*⁶⁸ – na vertical entre os reclames do Elixir 914 e do Xarope São João. Em 1935, o reclame da farmácia prossegue no uso de frases curtas e objetivas: *ATENÇÃO!! Na qualidade dos medicamentos está a certeza da cura. Comprem na <<Pharmacia Santa Tereza>> que trabalha c/ drogas de boa qualidade.*⁶⁹ Em 1937, o farmacêutico utiliza como atrativo num anúncio a imagem fotográfica:

Figura 18: Anúncio da farmácia Santa Tereza.



Fonte: O Lidorador. Ed. 201, p. 08, (07/09/1937) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidorador

A imprensa, enquanto ator social ativo na constituição de uma lógica de consumo, ao instituir uma narrativa que associa certos estabelecimentos de consumo, a exemplo dos consultórios médicos e das farmácias, com o progresso de Jacobina, dá visibilidade a uma cidade próspera e atrativa. Em seis de julho de 1941, *O Lidorador* anuncia a inauguração da Farmácia Santa Tereza. Segundo o texto o convite foi enviado aos comerciantes, médicos e familiares do farmacêutico. Localizado na Praça da Matriz, o prédio é qualificado de novo e moderno pelo redator. Eis o texto:⁷⁰

Inaugura-se hoje a Farmácia Santa Tereza

⁶⁸ Anúncio Farmácia Santa Tereza. O Lidorador. Ed.33, p.03. (20/04/1934)

⁶⁹ Anúncio Farmácia Santa Tereza. O Lidorador. Ed. 91, p. 02 (09/06/1935.)

⁷⁰ Inaugura-se hoje a farmácia Santa Tereza. O Lidorador. Ed. 351, p.01 (06/07/1941)

Consoante convite dirigido aos comerciantes, autoridades, médicos e família, deverá realizar-se hoje a inauguração da Farmácia Santa Tereza, propriedade do Farmacêutico Arnobio de Meireles, bem assim o novo e moderno prédio à praça da Matriz, no qual se acha a mesma farmácia localizada e reside o seu mencionado proprietário.

Na edição seguinte de 13 de julho, *O Lidador* noticia em sua primeira página a inauguração do prédio da Farmácia Santa Tereza, o texto informa que ocorreu uma missa de ação de graças na Igreja Matriz, ao fim da qual os presentes foram para as instalações da Farmácia e assistiram à benção ministrada pelo vigário local. À noite os amigos de Arnobio Meireles, juntamente com o Jazz da Filarmônica 2 de Janeiro, foram congregados a nova residência do farmacêutico. Segundo o texto na parte térrea “... foram inauguradas as modernas instalações da Farmácia Santa Tereza.” e ainda “As moderníssimas instalações da Farmacia Santa Tereza podem ser consideradas as melhores de toda a região.”.

Dessa forma, a imprensa atua na constituição de uma narrativa que dá créditos de civilidade ao comércio, logo à atividade de consumo, na qual Jacobina enquanto cidade civilizada ofereceria um comércio diversificado e seus estabelecimentos seriam modernos, higiênicos e agradáveis. E ofereceriam a possibilidade de minuciosos cuidados médicos para se obter corpos sem dores, sem fraturas, sem vermes, em suma corpos saudáveis e ágeis. Notamos nos anúncios medicamentosos e de serviços médicos uma preocupação com o útero como órgão primordial da mulher e a naturalização da maternidade. Nesse sentido, percebe-se uma normatização do corpo feminino e uma inscrição social que o marca com a função da maternidade, (nos anúncios de médicos a preocupação com o parto e aleitamento) como peça fundamental num projeto de cidade e de nação pautado nos ideias de ordem, progresso e civilidade.

2.6 Corpos aflorados: Mulheres de vida livre, Isabel e Francisca⁷¹

Os múltiplos enunciados do *O Lidador* apresentam que o lugar da mulher é no lar, no casamento, na maternidade, fora do crime, dos bordeis, da política, nos ateliês de costuras, mas sem se deixar levar pelo frenesi da moda. Neemias Silva (2009), problematiza que foram

⁷¹ Isabel Alves de Barros e Francisca de tal. Ambas agrediram fisicamente a homens e de acordo *O Lidador* foram presas e processadas. No entanto, nas notícias conseguimos poucas informações sobre essas mulheres. Certamente que uma possibilidade de termos mais informações são os possíveis processos crimes, porém não tivemos como ir ao Arquivo Público de Jacobina verificar esses documentos.

vários os enunciados no *O Lيدador* em relação à mulher, alguns ressaltando a mudança do papel desta na sociedade, como as participações em outras atividades além do ambiente doméstico, porém continuavam a afirmar que a função da mulher era por excelência a maternidade e o cuidado doméstico.

Então, o que dizem das mulheres que rompem com esse modelo de feminilidade? Das mulheres que consumavam os prazeres e dores das práticas sexuais não pela promessa de casamento ou desejo de terem filhos, mas como atividade remunerada? daquelas que planejavam viver livremente com um amante? E das que viveram maritalmente com moços mais jovens, sem o sacramento religioso e civil do casamento?

Não obstante, as tentativas de normatização e estabelecimento de regras e padrões, muitas mulheres em seu cotidiano destoavam desse perfil de corpo e comportamento. Quanto às mulheres no espaço público da cidade de Jacobina e suas táticas cotidianas, o autor Ricardo Batista afirma “... As [mulheres] pertencentes às camadas economicamente subalternas de Jacobina, incluindo – se aí as prostitutas, ocupavam as ruas muito mais amplamente, preocupando-se em menor intensidade com as convenções estabelecidas...” (BATISTA, 2010, p.80). Nesse sentido, as mulheres de camadas de menor poder aquisitivo que precisavam trabalhar se apropriavam do espaço urbano, não obstante certas convenções de gênero e normas referentes ao uso do espaço. Segundo Batista,

Não eram raras as advertências às lavadeiras jacobinenses, que insistiam em estender roupas nas cercas dos currais municipais. Os próprios artigos 58 e 59 do Código de Posturas Municipal proibiam a lavagem de roupa, além da utilização dos passeios, ruas, praças, travessas e becos para estender roupas de qualquer natureza... (BATISTA, 2010, p.80)

Na intrincada rede discursiva do *O Lيدador*, o modelo exemplar de mulher era o de esposa, mãe e dona de casa em tempo integral. Mas o periódico instituiu um contra exemplo, o da mundana – termo utilizado pelos redatores para qualificar prostitutas e mulheres que não se enquadrassem no perfil idealizado (CAJÉ, 2012). À essas mulheres que estão fora do casamento e dentro da zona do meretrício da cidade, *O Lيدador* nomeiam-lhes de mundanas, mulheres de vida livre, mulheres de maus bofes. O pesquisador Ricardo Batista ressalta que não obstante as representações repulsivas da imprensa, dos médicos e da justiça em relação às prostitutas, essas “... faziam parte de uma verdadeira rede de sociabilidade, na qual interpretavam os mais variados papeis.” (BATISTA, 2010, p.83). Assim, busquemos alguns

passos dessas mulheres em momentos de lazer na cidade de verdes serras, cortadas pelos veios auríferos, cidade que nas tramas do *O Lidador* estava em progresso e civilidade. Cidade, que os homens das letras, das ciências médicas, do comércio e políticos desejam cercada de cordilheiras de progresso, saúde, moralidade e modernidade.

Na cidade, em 1933, pelas horas do alvorecer algumas mulheres voltavam de uma festa-*cabareta de encomenda*⁷²- acompanhadas de alguns homens, inclusive de soldados do destacamento local. Quando ao atravessarem tontos de aguardente e desejos à pinguela talvez bamba (uma ponte de madeira, improvisada para atravessar o rio Itapicurú), despencaram junto com esta ao chão. Talvez no correr do dia alguns burburinhos soassem pela cidade: isso é castigo, pois essas mulheres bebem, andam às altas horas e entregam-se em intimidades a qualquer um. Vejamos como os redatores contam o incidente sete dias depois do ocorrido⁷³ e instituem um ponto para moças que não se embriagavam.

Depois da festa...

A pinguela foi ao chão

Na noite 3 do andante, houve lá para as bandas do Teixeira, um cabareta de encomenda.

Ao romper do dia seguinte, tontos de sono e aguardente voltaram da festança algumas mundanas, soldados do destacamento local e civis que da mesma fizeram parte, quando, ao passar pela pinguela existente sobre o rio Itapicuru, no lugar Bracinhos onze pessoas ao todo, a referida pinguela foi abaixo, e; com ela, os folgazões, maioria dos quais receberam contusões e ferimentos graves.

O prédio da redação do *O Lidador* localizava-se no centro da cidade, na Praça da Matriz⁷⁴, quem escreveu a nota tomou sua localização na cidade como parâmetro para se referir ao local da festa, colocando-o como local distante, como podemos observar pelo uso do advérbio lá: “lá para as bandas do Teixeira” sugerindo uma hierarquização nos espaços da cidade. Ao longo das edições os redatores colocam o centro da cidade, como sua sala de visitas. Então, notamos com isso que as mulheres, denominadas de “mundanas”, se deslocavam no espaço citadino para cumprirem suas atividades econômicas e para se divertirem.

⁷² Segundo Batista, cabarés de encomenda eram festas promovidas por pessoas que não eram donos dos bordéis “... e as mulheres eram contratadas especificamente para servir aos participantes da festa...” (BATISTA, 2010, p.81).

⁷³ Depois da festa... A pinguela foi ao chão. *O Lidador*. Ed. 10, p.01 (10/11/1933)

⁷⁴ A tipografia do *O Lidador* funcionou de 1933 a 1936 na Praça da Matriz e de 1936 à 1943 na Rua Senador Pedro Lago, ambas as ruas no centro comercial da cidade.

Não só participaram da festança como voltaram juntos as prostitutas, civis e também policiais locais. Assim, em certos momentos, a polícia que era responsável por coibir o trabalho das meretrizes, se envolvia com essas e partilhava momentos de alegria e de bebedeira. Observemos que os participantes são chamados de folgazões e os redatores afirmaram que esses estavam tontos não só de sono, mas também de aguardente. Noutras notícias a bebida é associada à desordem e transgressão moral, assim nas entrelinhas do texto sugere - se que esses homens e mulheres nessas circunstâncias seriam potenciais desordeiros.

Desse modo, os divertimentos em cabarés, que envolviam prostitutas, civis e policiais destoavam da imagem de cidade civilizada, pois eram considerados elementos de desordem social e desvios dos bons costumes. Elementos que feriam a ordem familiar e urbana civilizada. E é com vistas a resguardar às famílias jacobinenses que *O Lidador* em 30 de março de 1934, lança em primeira página um apelo ao povo e à polícia quanto aos próximos festejos de Mi - careme. Eis a reprodução do texto⁷⁵:

Mi- careme

Fazemos um apelo ao povo desta cidade no sentido de abolir, por ocasião dos próximos festejos de mi- careme, o costume das mascaras (caretas) à noite, especialmente os trajes maltrapilhos que em vez de dá realce às festas deprime-na.

A polícia, a quem compete assegurar a ordem e o respeito à sociedade, deve estar atenta, para evitar que as mulheres de vida livre, mascaradas, tenham a ousadia de fazer parte das festas junto às famílias, como aqui se verificou pelo carnaval por que tal fato, sobre ser deprimente, é uma humilhação que o povo jacobinense não deve suportar.

No primeiro momento o apelo do jornal é dirigido ao povo da cidade, afim que esse colaborasse com o realce da festa vindoura. Por ocasião da Mi-careme seria necessário estar com trajes bem apresentáveis e deveria se deixar de usar máscaras à noite, inclusive o uso dessas permitiria que certos e indesejáveis segmentos participassem da festa. Mas se o povo da cidade é chamado a participar da festa, mas estando bem trajado, como se pretendia evitar que “mulheres de vida livre”, fizessem parte dos festejos? Não seriam elas parte do povo? Do povo citadino, com direito à cidade e seus lazares?

A imprensa ao instituir uma imagem de cidade civilizada, também exige um perfil de conduta e de corpo femininos comedidos, de maneira que estigmatiza muitos outros corpos diferentes do perfil sugerido. Ao menos para o redator do texto Mi-Careme as prostitutas não fariam parte do povo. As prostitutas deviam ser vigiadas e controladas. As malhas discursivas

⁷⁵ Mi-careme. *O Lidador*. Ed. 30, p.01 (30/03/1934)

da imprensa e da administração local de fato interdita o usufruto do espaço urbano para certos segmentos. Conforme o *Código de Posturas* em seu *Cap. IX* sobre [...] *o entrudo, mascarar, bombas e busca-pés* [...] em seu artigo 97 era expressamente interdito o uso de máscaras que ferissem a moral pública e familiar. Mas no artigo 98 abre-se uma brecha: [...] - *é proibido andar mascarado, salvo nos dias de Carnaval e Mica-rame pena de 20\$00 de multa...*⁷⁶ Então reitera-se a proibição, mas abre uma brecha permitindo o uso de máscaras nos dias de festas de carnaval e mi - careme.

Em outras notícias de *O Lidador*, seus redatores fazem referência ao Código de Posturas, principalmente em relação à proibição de animais soltos nas ruas. Possivelmente, tinham conhecimento sobre as leis que regiam o cotidiano da cidade. No caso em análise, as mulheres de vida livre não teriam o direito à brecha que permitia o uso das máscaras, pois estariam ferindo a instituição familiar- legitimada via o sacramento do casamento. Tanto é que a imprensa expõe que seria o dever da polícia estar atenta para impedir a presença dessas mulheres nas festividades.

No mais a imprensa, com um papel pedagógico, afirmava que todos deveriam abolir o uso de máscaras à noite. Talvez por que a não identificação do indivíduo abrisse precedente para além de pintar a cara e vestir a fantasia, pintar o sete em plena festa. Destaquemos no texto os termos ordem, respeito e família. “Mulheres de vida livre” não deveriam estar na festa, pois sua participação seria por sua parte uma ousadia tida pela imprensa como uma afronta, uma humilhação não aceitável pelas famílias. As famílias sim fariam parte do povo jacobinense.

Segundo Antônio Paulo Rezende (1997), na década de 20 o carnaval era a grande folia na cidade de Recife. Nesse período a cidade se transforma ainda mais no território de sonhos e desejos. Mesmo no carnaval procura-se manter uma certa ordem e a polícia redobra sua atenção. Assim, também nesse período festivo, a cidade *moradia dos homens* (expressão usada pelo autor), é um campo de tensões constantes e não de absoluto controle. Com a racionalidade técnica a organização social pauta-se na distribuição de pessoas e coisas, atribuindo-lhes lugares específicos, localizando-os e esquadrinhando o movimento dos corpos no espaço. No entanto, a cidade é produto de práticas e relatos, não é uma experiência única, é praticada, vivenciada de múltiplas formas. De acordo com De Certeau a linguagem do poder procura tornar a cidade um campo de operações racionais, mas em relação aos “... discursos

⁷⁶ Capítulo IX - o entrudo, máscaras, bombas e busca-pés- Artigo 97 e 98º, folha 14, Código de Posturas da Prefeitura de Jacobina – 1933.

que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, ilegível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional- impossíveis de gerir.” (CERTEAU, 2012, p.161).

Em seu cotidiano, “mulheres de vida livre” ao andarem pela cidade, mascaradas, ousavam festejar, ousavam gozar da alegria da festa, não obstante a imprensa decretasse que essas deveriam ser evitadas. Aproveitando da prática comum do uso das máscaras, as mulheres de vida livre, aproveitavam dos sons da festa. De Certeau (2012), afirma que no seu cotidiano, os sujeitos inventam várias maneiras de fazer, burlando silenciosamente o controle. Nesse sentido, o homem comum em seu cotidiano não está absolutamente submisso a uma rede disciplinar e de controle, pois esses sujeitos se apropriam e ressignificam os elementos que tem a sua disposição.

Conforme Antônio Rezende, os espaços da festa e do sonho não escapam aos planejamentos dos imperadores da razão, preocupados com as suas transgressões. Assim, a grande moradia dos homens, a cidade moderna é lugar de uma dinâmica conflituosa. As tensões ocorrem nos usos dos espaços, na produção discursiva sobre a cidade, no campo dos desejos e sensibilidade. Nas palavras do autor “... Não há como disfarçar a tensão [da cidade], ela faz parte do seu dia-a-dia, não precisa de conflitos evidentes para percebê-las...” (REZENDE, 1997, p.71).

O periódico *O Lidador* afirma que a cidade estava em festa quando os momentos de lazer eram de segmentos mais favorecidos economicamente e quando eram relacionados à civilidade. Causando-nos a impressão que segmentos populares não fizessem parte da cidade. Certamente que certas práticas mais relacionadas aos populares não condiziam com a concepção de cidade civilizada. E diante disso, impunham-se várias restrições aos usos que esses faziam da cidade. Mas, sim, esses segmentos participavam, praticavam o espaço urbano e festejavam até o raiar do dia ou até ao cair da pinguela.

Não foram somente as mulheres de vida livre que deram outros laços às fitas matrimoniais, sugeridas como ornamentos essenciais à felicidade das mulheres e da própria nação. Com usos prescritos: enlace entre o homem e a mulher para gerar e educar filhos, enlace que requer fidelidade, sobretudo das mulheres. Assim, ela que se chamava Isabel e

como as Messalinas e Catarinas, mulheres fatais e insaciáveis⁷⁷, estando ornada pelo laço matrimonial, desejava outro homem, rasurou essas fitas.

Conforme Erick Araújo, em pesquisa sobre a cidade de Fortaleza, nas décadas de 30 e 40 do século XX, algumas instituições tentaram por meio da moralidade, impor um controle social, visando à formação do “bom cidadão”. E percebe-se pelo aspecto da moralidade pública a presença do controle social. Araújo discute essa questão pelo viés político, a partir das tensões sociais verificadas entre o projeto do cidadão do Estado Novo e o comportamento transgressor das classes populares.

A Igreja Católica foi uma das instituições que pretendia estabelecer o controle social. Tanto o discurso moralizante da Igreja, quanto o do Estado, possui como pressuposto básico a idéia de família. A família é considerada célula nuclear do social, no seio da família que se fermenta os sentimentos cristãos e patrióticos. Nessa lógica o matrimônio deveria ser defendido como o exemplo da relação duradoura. “... Por isso, a Igreja foi eminentemente contra o divórcio nos anos 30, utilizando em seus discursos elementos simbólicos pertencentes à representação harmoniosa de sociedade...” (ARAÚJO, 2007, p. 176).

No *O Lidador* encontramos os fios de uma intrincada rede discursiva que delimita papéis de gênero e sexualidade. Que inscrevem sobre os corpos femininos a obrigatoriedade do casamento e da maternidade. Dentre os fios discursivos podemos citar: religioso, médico, literário, publicitário e dos textos dos redatores do *O Lidador*.

No semanário encontramos textos do articulista Paulo Bento que costumava escrever sobre as doutrinas espíritas (NEEMIAS, 2009). Nos textos que versam sobre as mulheres, a família é apresentada como viga mestra do progresso da nação. E a mulher por leis naturais e divinas tinha como mais elevada missão a maternidade⁷⁸. Também o padre Manoel Bernardes afirma que a finalidade da mulher é a maternidade e seu lugar social é no lar e na Igreja⁷⁹.

Quanto ao saber médico, além dos anúncios dos médicos locais, encontramos textos assinados pelo médico Dr. José de Albuquerque, membro do Círculo Brasileiro de Educação Sexual. Albuquerque defendeu a educação sexual, física e esportiva como elementos indispensáveis ao desenvolvimento integral do indivíduo e de uma nação.

⁷⁷ Mulheres que por natureza são fatais, as Messalinas e Catarinas, por isso cometeriam o adultério e outras virtuosas, mas devido às indelicadezas de marido ruim estariam propensas a praticar o adultério. Condemnemos o adultério. *O Lidador*. Ed. 116, p.01 (08/12/1935)

⁷⁸ É um atentado contra as leis naturais. Paulo Bento. *O Lidador*. Ed.124 p.02 (02/02/1936)

⁷⁹ A B C moral. Padre Manoel Bernardes. *O Lidador*. Ed. 164 p. 04 (13/12/1936)

Albuquerque afirma que o lugar da mulher não é somente no lar, pois a mesma é capaz de se interessar pelos problemas nacionais e ao lado dos homens resolve-os. Então, Albuquerque assegura que a mulher é capaz, inteligente, enérgica, com força de vontade e ardor patriótico. Qualidades exigidas para que os homens as deixassem assumir "... a posição de colaboradoras dos grandes problemas que implicam no destino da nacionalidade."⁸⁰. Desse modo, é perceptível certo deslocamento nos artigos do médico, ao afirmar outras possibilidades de atuação às mulheres, embora ainda subordinadas aos homens. Porém, a função mais relevante da mulher ainda seria a de esposa e mãe, contribuindo para fortalecer a família.

Abrir fendas na família instituída como pilar da nação moderna, desejando outro homem que não o esposo, já seria suficiente para nas letras da imprensa, Isabel Alves de Barros ser qualificada de "mulherzinha feia e de maos bofes". Corpo não definido pelo útero a parir vida e necessidade de medicalização, mas corpo definido pelas vísceras, mulher sanguinária. Corpo a ser punido por causa do adultério e do intento de assassinato do esposo Joaquim Rozendo da Silva. Nesse sentido, Isabel rompia não só as normas matrimoniais, mas as linhas que circunscreviam o corpo feminino na fragilidade e passividade. Ela não só desejava como arriscava encontrar-se com Teodoro José. Com o amante "... tinha, sempre, arriscado <<rendez – vous>>"⁸¹.

Eis um corpo feminino que escreve e planeja seus próprios passos, certamente considerados tortuosos pelos que concebem a mulher somente como esposa e protegida do homem. Talvez para driblar os códigos morais e jurídicos que não lhe permitiriam uma separação e por já estar se relacionando com Teodoro, Isabel sugeriu a esse "... a ideia de assassinar o seu próprio marido, para, assim, dedicar-se livremente ao amor." E por não ficar encoberto um dos bilhetes e pela tentativa de dar fim a vida de Joaquim, os dois amantes terminaram presos e processados e Joaquim em melindroso estado, ficou internado no hospital Antonio Sobrinho. Vejamos parte da notícia⁸²:

[...]

A policia apreendeu em poder do criminoso um desses bilhetes no qual a infiel lhe dizia que, se tivesse coragem fosse em tal dia, à roça onde se achava Joaquim a trabalhar, e lá o matasse e o atirasse à fogueira!"

⁸⁰ A mulher brasileira frente da educação sexual. Dr. José de Albuquerque. O Lidador. Ed, 168 p.04 (10/01/1937)

⁸¹ Mulher sanguinária! O Lidador. Ed. 216, p.04 (19/12/1937)

⁸² Mulher sanguinária! O Lidador. Ed. 216, p.04 (19/12/1937)

Iam as cousas neste pé, quando, na noite de 8 do corrente, o seu leito, Joaquim foi atacado pela esposa e pelo amante desta, recebendo, na cabeça, inúmeras pancadas de mão de pilão e vinte e quatro facadas em todo o corpo.

Feito o trabalho, os criminosos levaram o pobre homem, como morto, para distante da casa, onde no mesmo dia, foi encontrado por populares que comunicaram a ocorrência a policia.

Descoberto, logo cedo, os autores do hediondo crime, foram eles presos, processados e remetidos para a cadeia publica desta cidade, onde aguardam o castigo que merecem.

Joaquim Rosendo foi internado no hospital Antonio Teixeira Sobrinho, onde permanece sob os cuidados médicos, sendo melindroso o seu estado.

Sabemos que o inquérito acha-se em poder do Dr. Promotor, para oferecer denuncia

Semelhante a Isabel, também Francisca ao planejar e ferir corporalmente a um homem, ao partilhar a cama, o dia a dia, o alimento, os desejos com um homem sem o enlace legalizado das fitas matrimoniais, rasga os cetins da fragilidade e passividade, características atribuídas como inerentes às mulheres.

Ela vivia maritalmente com o homem mais novo, mas sem a instituição legal do casamento. E, possivelmente, ao saber que o rapaz arranjava outro amor, além da chama do ciúme é lhe acendida a chama da raiva, da decepção e aquece-lhe a idéia de dar um tratamento quente ao amado. Em 27 de novembro de 1938, dias após o ocorrido *O Lidador* noticiou:

Pelou o amante com água quente!

Francisca de tal, mulher cincoentenaria, vivia maritalmente com João Paulo, um rapaz de vinte e tantos anos de idade, no logar denominado <<Bananeiras>>, a um quilometro dessa cidade.

Dizem que Francisca nutria esperanças de regularisar a sua situação, casando-se com o amante, eis porque há tempos a chama do ciúme acendeu em seu coração, em vendo que João Paulo arranjava uma noiva.

Estava, pois de amor novo, motivo por que Francisca, mulher de mãos bofes, enciumada e cruel, resolveu tratar o amante culinariamente, despejando sobre esse, quando dormia, na manhã de 24 do corrente, grande quantidade de água em ebulição.

Assim indelicadamente tratado, João Paulo correu a levar queixa à policia que meteu na cadeia a mulher desatinada, instaurando o competente processo.

Nesse envolvimento entre Francisca e João Paulo, ele que vivia maritalmente com ela, é quem assume o compromisso de noivado com outra mulher, no entanto, isso não é apontado como adultério pelos redatores. E Francisca que tinha esperança de casar-se legalmente e

jogou água fervente em João Paulo, quando esse dormia- quem sabe no próprio leito conjugal- foi levada à cadeia e processada devido ao indelicado ato. Francisca, que morava próximo da cidade, eis que seu nome é gravado em primeira página da imprensa citadina. Seria somente pelo indelicado ato ou por viver seus desejos, um corpo sexuado, esperançoso, cheio de astúcias?

O bisturi médico esculpiu o corpo feminino colocando em revelo o útero e demarcando funções sociais às mulheres, como a maternidade higiênica. Mas a escultura da mulher, mãe sadia e guardiã de uma prole saudável não ocorrera de modo brusco, mas ao longo do século XIX, adentrando o século XX, e com o conluio do Estado (aparelho jurídico, educacional, médico). Trabalho minucioso e persistente, pois os corpos de carnes e ossos apresentam densidades e pulsões, também paixões e sensibilidades. Assim, as mulheres que contrariassem “seu ministério por excelência” eram consideradas desnaturadas não só pelo discurso médico. Deste modo, no *O Lidador*, certas atitudes só eram possíveis devido ao estado de desatino das mulheres ou ao seu caráter duvidoso.

Nesse sentido, com a análise dos reclames de medicamentos ponderamos que houvera tentativas de normatização dos desejos e práticas dos corpos femininos, dentre elas as sexuais numa heteronormatividade, o casamento como momento de celebração e realização feminina e a maternidade como expressão da feminilidade exemplar. Esses controles marcam o corpo feminino, prescrevendo-lhes certos comportamentos como corretos e condenando outros.

Além disso, desenvolvem uma descrição e entendimento do funcionamento do corpo feminino enfermo, daí comportamentos psicológicos e sociais teriam como causas fatores puramente biológicos. Nas tramas do cotidiano tendo várias prescrições de um dever ser feminino, as mulheres no subir e descer serras, nas lavagens de roupas nos rios, ao namorarem no cais do rio do Ouro, ao atuar nos cabarés compunham seus arranjos de feminilidades.

3 CAPÍTULO III JULIETAS BONITAS E ARTEIRAS: TEXTOS E ANÚNCIOS DE EMBELEZAMENTO

No Brasil os jornais impressos foram importantes atores na elaboração de narrativas e concepções do urbano e de seus habitantes. James W. Goodwin Junior (2007), afirma que a imprensa atuou na propagação de ideais sobre progresso e civilização. Nas páginas dos jornais o espaço urbano seria a síntese mais visível dessas ideias, com ênfase no comportamento dos cidadãos.

A partir, principalmente, da segunda metade do século XIX, com o capitalismo industrial e inovações técnicas a imprensa, torna-se produto e produtora da expansão modernizante. Os impressos não eram novidades, mas o uso de novas máquinas e fontes de energia possibilitaram o barateamento da produção tipográfica e a difusão da imprensa, “... muitas vezes difundindo os valores e as práticas burguesas. Aqueles que escreviam nas redações dos jornais sentiam-se irmanados por compartilharem da e partilharem a civilização.” (GOODWIN, 2007 p.98). Sobre a atuação da imprensa no cotidiano urbano no Brasil, afirma Goodwin:

... A imprensa produzida pelas elites cultas locais chamou a si a responsabilidade de ser “missionária” e “guardiã” da civilização: a ela caberia interpretar, selecionar, reforçar e criticar os caminhos seguidos para que a cidade se modernizasse. (GOODWIN, 2007, p. 98)

James Goodwin Junior elenca como fontes de pesquisa jornais das cidades mineiras Diamantina e Juiz de Fora, com especial atenção para os anúncios (de casas comerciais, serviços e produtos), pois nesses estariam estampados produtos, valores e hábitos relacionados com o urbano. O autor constata que em termos variados, mas com uma mensagem comum nos jornais de ambas as cidades têm-se a afirmativa: as publicações mesmo as pagas deveriam estar de acordo com “o espírito do periódico”. Assim, ainda que indiretamente os anúncios foram selecionados pela redação, logo, podem ser analisados como integrante “... de um discurso sobre a cidade que os homens de imprensa queriam construir - ou, no caso, vender.” (GOODWIN, 2007, p.100)

Nos jornais pesquisados pelo autor, tem-se a associação entre civilidade e certos produtos e serviços oferecidos pelos comércios locais: maquinários e equipamentos, produtos e serviços ligados à área cultural, vestuários, remédios e serviços médicos. Desse modo, “... os

homens de imprensa em Diamantina e Juiz de Fora deixaram no papel suas impressões, sua representação de uma cidade moderna, da tecnologia e do progresso.” (GOODWIN, 2007, p.115).

O semanário *O Lidador* em Jacobina desenha uma cidade em modificações urbanas: construção da Ponte Manoel Novaes, Hospital Antonio Teixeira Sobrinho e o prédio escolar. Cidade sintonizada com o cinema e o rádio. Cidade cercada pelos fios do progresso: fios elétricos, meios-fios, fios telegráficos. O concreto traduz os ares da modernidade que chega, ainda tímida, nas espacialidades de Jacobina. Para essa cidade, os tipos⁸³ da imprensa e as “canetas” da lei buscavam pedagogizar os corpos, de modo a torná-los higienizados e privativos que não tomassem banho e escovassem os dentes nos rios.

Na narrativa do *O Lidador*, os homens da ciência e das letras, com seus bisturis e canetas contribuiriam para o progresso da mesma. Ao integrar certos estabelecimentos comerciais, como consultórios médicos e farmácias com o progresso da cidade, a imprensa desenha uma cidade próspera e atrativa. A cidade ofereceria a possibilidade de minuciosos cuidados médicos com o corpo. Cidade-Sã, com corpos sem dores, sem fraturas, sem vermes, em suma corpos saudáveis e ágeis. Cidade-Utopia.

A cidade em progresso e civilidade deveria exibir também corpos belos, com dentes limpos, pele perfumada, de textura de cetim...

3.1 Sorriam: “... cuidar dos dentes equivale a cuidar da saúde”

Em abril de 1935, Bráulio Alves começou atender como dentista na cidade de Jacobina e em agosto a anunciar seus serviços no periódico local. Seu primeiro reclame está estampado na edição 99⁸⁴, esse possui apenas informações básicas como a localização do consultório e o nome do dentista, e uma pequena frase bastante objetiva: Trabalhos sem dor.

É ofertada a possibilidade de tratar os dentes, sem o assombro da dor. Nesse sentido, embora não diretamente, o anunciante relaciona a saúde dos dentes ao conforto, buscando atrair clientes ao seu consultório. Talvez provocando mudanças nas sensibilidades - na

⁸³ Em relação à impressão tipográfica no início do século XX, os tipos eram letrinhas, símbolos e outros caracteres em alto relevo fundidos em metal (chumbo ou estanho) utilizados na impressão de textos diversos.

⁸⁴ Anúncio do dentista Bráulio Alves. *O Lidador*, Ed. 99, p. 02 (04/08/1935)

maneira das pessoas lidarem com seus dentes e se relacionarem com cirurgiões dentistas. Assim, os cuidados com os dentes são sugeridos como algo necessário e confortável.

Bem antes da divulgação do pequeno anúncio do dentista Braulio Alves, *O Lidador* divulgou em primeira página um texto sobre a instalação do gabinete dentário do dentista, em abril de 1935⁸⁵. Nesse texto é proclamada a instalação do consultório de próteses e clínica dentária, no centro da cidade, na Praça Rio Branco, assim como é aplaudida a chegada do dentista como distinto elemento para o progresso da cidade. E o gabinete como um local para completo tratamento dentário, pois seria clínica de próteses e estaria organizado com ferramentas aperfeiçoadas a ser utilizadas nos trabalhos odontológicos. Portanto, os aparelhos e a experiência do dentista garantiriam um tratamento sem dor. Conforme o articulista, Braulio já desempenhava suas atividades profissionais com talento e competência e por isso já contava com um bom número de clientes. Ao apresentá-lo assim a imprensa imputa-lhe uma legitimidade técnica e afirma que tal reconhecimento é tão somente por méritos do próprio dentista.

Oito de dezembro de 1936. Era uma tarde festiva de terça-feira, com música, macieira e cerveja fria. Não faltou a presença do padre com uma bênção e nem dos músicos para abrilhantar a festa. A rua era a Coronel Teixeira, no centro da cidade. O local foi o edifício Gabinete dentário Braulio Alves, recém-construído na cidade. A festa foi de inauguração do consultório do dentista Braulio, que atendia na cidade desde 1935.

Os músicos eram da Filarmônica 2 de Janeiro e em nome desses, discursou Liberato Barreto, com votos de prosperidade a Braulio. E por sua vez Braulio Alves fez seu discurso de agradecimento pela estima da 2 de Janeiro, aos amigos presentes e a população jacobinense. Os burburinhos da festa nos chegam pelas letras do *O Lidador* que noticiou: Braulio Alves em público afirmou que dirigentes da cidade com sua política de realização e patriotismo muito o animaram a estabelecer seu gabinete dentário.

Após o palavreado de agradecimento, vieram às palavras e gestos de bênçãos no novo edifício, enfeitado por um quadro religioso: "... O revm^o padre Justiniano Costa benzeu o edifício e um lindo quadro religioso."⁸⁶ Em seguida para se refrescarem os presentes serviram-se de macieira e cerveja fria, retirando-se, quem sabe a comentar sobre o quadro religioso, as instalações do gabinete, etc.

⁸⁵ Um gabinete dentário. *O Lidador*. Ed. 82, p.01. (07/04/1935)

⁸⁶ Inaugurado o Gabinete Dentário Braulio Alves. *O Lidador*, Ed. 164, p.01. (13/12/1936)

Possivelmente, o Gabinete Dentário com seus equipamentos foi para Braulio Alves um investimento importante. Um investimento de alto valor, tanto econômico quanto profissional. E o momento da inauguração foi oportuno para comemorar a conquista e também para garantir a bênção divina. E por isso a inauguração do estabelecimento comercial contou com a presença do padre Justiniano Costa. A presença do padre numa festividade de inauguração de um estabelecimento comercial indica que o dentista, assim como a maioria das pessoas na cidade era católico. Assim, boa parte das festas se relacionava com o calendário religioso, a exemplo dos dias comemorativos de santos: Festa de Reis, festa do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora da Conceição, dentre outros. (SANTOS, 2001)

Em primeira página *O Lidador* estampa a fotografia de Braulio Alves e adjetivos favoráveis (moderno, confortável, higiênico) ao seu gabinete dentário. Eis a reprodução da fotografia:

Figura 19: fotografia de Braulio Alves



Fonte: *O Lidador*, Ed. 164, p.01. (13/12/1936)
DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; *O Lidador*


Parece-nos que há um desejo dos redatores do *O Lidador* que a cidade possuísse espaços de consumo, cujos estabelecimentos fossem na concepção dos mesmos modernos e bem aparelhados. Conforme o texto o Gabinete Dentário estava organizado com uma excelente cadeira moderna, porta detritos, ferramentas para todos os procedimentos odontológicos, além da higiene e apartamento para espera do atendimento. O estabelecimento repleto de clientes evidenciaria o progresso da cidade, pois “... bem sentenciam os cientistas:

<pelos dentes se conhece o grau de civilização de um povo>”. Então o Gabinete estaria em conformidade e promoveria o progresso da cidade. O prédio embelezaria a cidade, ofereceria conforto, refrigério e higiene aos corpos de carne e dentes e ao corpo de pedra e sonhos, a cidade.

Ao longo dos dez anos de circulação do periódico *O Lidor* vários cirurgiões dentistas⁸⁷ anunciaram seus serviços. Os reclames circularam de maneira pontual, alguns dois anos e outros mais. Nos reclames geralmente os consultórios são nomeados de Gabinetes dentários e os dentistas de cirurgiões-dentistas.

Em 1939, por meio de um anúncio no *O Lidor* o cirurgião dentista Alano V. Araujo “Lembra que cuidar dos dentes equivale a cuidar da saúde”. Reproduzimos abaixo o reclame do Gabinete do mesmo:

Figura 20: Anúncio Gabinete dentário de Alano Araujo

	<p>Gabinete dentario</p> <p>Alano V. de Araujo</p> <p>Cirurgião- dentista</p> <p>Formado pela Faculdade de Odontologia, anexa à Faculdade de Medicina da Bahia e com pratica nos hospitaes da Capital.</p> <p>Garante realizar o seu trabalho com técnica e cientificidade</p> <p>Promete oferecer preços módicos</p> <p>Lembra que cuidar dos dentes equivale a cuidar da saúde.</p> <p>Gabinete à rua Dr. Pedro Lago nº 13 – Jacobina</p>
--	--

Fonte: *O Lidor*. Ed. 305, p.03. (19/11/1939) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; *O Lidor*

Alguns dos verbos contidos no anúncio estão no presente do indicativo: garante, promete, lembra e conjugados na terceira pessoa do singular: ele. Sugerem que alguém elaborou o anúncio para Alano Araujo, talvez a pedido ou pagamento deste. De qualquer modo, o reclame dispõe de informações possivelmente atrativas aos que desejavam cuidar dos dentes: formado na capital, com experiência, trabalhos com técnica e cientificidade e ainda a preços econômicos. Assim, àqueles que desejassem exibir um belo sorriso com uma boca e

⁸⁷ Murilo Melo Maffei (1933, 1934-1935); João Belo do Nascimento (1935, 1942,1943); Bráulio Alves (1935, 1936-1938); Adonel Moreira de Freitas (1935, 1937, 1938-1943). E Alano V. Araujo (1939 – 1940).

dentes saudáveis, poderiam contar com os serviços do dentista formado na capital. Desse modo, as Julietas podiam ficar mais bonitas para a arte da conquista.

Este reclame ratifica a narrativa da imprensa que relaciona o progresso urbano a estabelecimentos comerciais que ofertassem atenções médico, odontológico e de embelezamento aos corpos. Os cuidados relacionados à saúde deveriam ser pautados nos saberes acadêmicos: médico e odontológico. Evidenciemos a frase “Lembra que cuidar dos dentes equivale a cuidar da saúde”. Ao vincular os cuidados dentários a técnica e cientificidade, afirma-se a necessidade de consumir serviços odontológicos para se obter um corpo saudável e civilizado.

Podemos inferir pela assiduidade no *O Lidador* de publicidades de consultórios dentários na cidade, que muitas pessoas se importavam em sarar as dores de dentes, limpá-los e perfumar a boca. Tudo em nome da boca saudável, da beleza e da estética do sorriso. Porém, esses cuidados não eram somente nos consultórios dentários ou no âmbito dos lares, como pretendiam os homens das letras, lei e ciência, mas também nas barras do Rio do Ouro e Itapicuru: os redatores do *O Lidador* se queixaram de que pessoas “... amanhecem a beira do rio escovando os dentes...”⁸⁸

Saúde, técnica, cientificidade, cirurgião dentista, dentes e civilidade. Um corpo civilizado na urbs devia exibir uma boca cheia de dentes tratados com o aval de dentistas. A sugestão de cuidados com os dentes, os relacionando à saúde está presente também em anúncios de circulação nacional, como nos reclames do creme dental Colgate e no texto “Para a mulher- Os dentes e a beleza física”. Nestes é mais nítida a relação entre boca e dentes saudáveis e o embelezamento.

3.2. Sorria: “sinto-me tão feliz” com meus dentes limpos e fortes

No texto “Os dentes e a beleza física”⁸⁹, de Patricia Lindsay, bem nos reclames do creme dental Colgate, cuidar dos dentes equivale às mulheres cuidar de sua beleza e felicidade. Inclusive a beleza é concebida como atributo e necessidade por excelência do feminino. Eis a reprodução de trechos do escrito de Lindsay:

⁸⁸ Comentários Água potável. *O Lidador*, Ed. 317, p.01. (18/02/1940). Ver sobre no capítulo I, página 44.

⁸⁹ Para a mulher- Os dentes e a beleza física. *O Lidador*. Ed. 377, p.02 (18/01/1942)

Os dentes e a beleza física
Por PATRICIA LINDSAY

Uma jovem que gasta dinheiro no tratamento da pele e do cabelo e não compra o necessário para o cuidado dos dentes, comete um erro do qual se arrependerá dentro de poucos anos. O cuidado diário é mais importante para a beleza física que qualquer batom para os lábios ou pó de arroz para cútis.

[...]

A mulher deve ter sempre em uso duas escovas de dentes, fio de sedas para os dentes, uma pasta ou pó para limpá-los e um líquido antiseptico para a lavagem da boca. Convém ter duas escovas, para guardar uma em casa e outra no local de trabalho, a-fim-de limpar os dentes depois do almoço, quando está refeição não é feita em casa

[...]

A-pesar-de de todos os cuidados com os dentes, convirá visitar de seis em seis meses o dentista, para uma limpeza que poderemos chamar <<profissional>>.

[...]

Todas as mulheres devem saber igualmente quais os alimentos que dão força aos dentes, a-fim-de inclui-los nos seus cardápios.

Para a autora, gastar dinheiro nos cuidados com a pele e cabelos e não comprar o necessário para o cuidado com os dentes, era um erro que em poucos anos causaria arrependimento à jovem mulher. Nesse texto a jovem deve cuidar de si, a beleza é um atributo feminino natural, mas pode e deve ser buscado e conservado. Assim, o embelezamento é indispensável.

É interessante que o texto é endereçado a uma jovem que gasta dinheiro para embelezar-se: “... no tratamento da pele e do cabelo...”, usa batom e pó de arroz. De modo que o embelezamento é legitimado enquanto prática de mulheres jovens. Conforme Denise de Santana na década de 1920, no Brasil o embelezamento tinha idade certa para começar e terminar. Às jovens de 15 anos era aconselhado o comedimento em suas vaidades, também eram bem vistas as viúvas que deixavam os artifícios do embelezamento. Quanto ao uso da maquiagem Sant’Anna afirma “... Enquanto a maquiagem foi considerada uma máscara para encobrir defeitos, seu uso permaneceu envolto por muitas suspeitas...” (SANT’ANNA, 2014, p.44).

E pouco a pouco, o tema das idades virou *slogan* para produtos destinados a apagar as marcas da passagem do tempo sobre o corpo. A jovialidade conquistou espaço não só na publicidade, mas também na imprensa da década de 30. A partir dessa década, “... a velhice virou um assunto mais presente nas revistas femininas. Foi quando algumas brincadeiras confirmaram a negatividade atribuída às quarentonas: ‘ a mulher aos 15 anos é sorvete, aos 25 é refresco, aos 40 é água morna.’...” (SANT’ANNA, 2014, p.45)

Juventude e beleza seria um par perfeito. E para tal seria necessária à sábia ação de cuidar dos dentes, pois uma boca perfumada, dentes limpos e fortes são importantes na beleza física. Portanto, a mulher deveria ter em seu arsenal de produtos de beleza escovas, antissépticos bucais, fios de sedas e pastas ou pós para limpeza dos dentes mais do que batons e pós de arroz. E para fortalecer os dentes a mulher deveria saber quais os alimentos provedores de forças aos dentes.

Nesse sentido, seriam ações sábias e necessárias: a limpeza e o fortalecimento dos dentes. Inclusive também a jovem que trabalhasse fora não deveria se descuidar dos dentes. Segundo Michelle Perrot, em grande parte do século XIX, nas cidades francesas, muitas mulheres do povo percorreram o espaço urbano e ganharam algum recurso com a venda de hortaliças, frutos, flores, etc. A dona-de-casa além do trabalho não remunerado feito em casa, se esforçava para obter para o lar recursos monetários, com a venda de artigos variados em bancas ou em domicílios. Afirma Perrot:

...Esse salário de trocados provém essencialmente de atividade no setor de serviços: faxina, lavagem de roupas, entregas (a entregadora de pão é um exemplo dessas mulheres de recado, e as crianças são de preferência puxadores de carrinho, outra forma importante de transporte das mercadorias)... (PERROT, 1988, p. 214)

Em Jacobina, na década de 30, muitas mulheres trabalhavam não só no espaço doméstico, mas também em espaços públicos: lavadeiras⁹⁰, prostitutas⁹¹, professoras⁹², costureiras⁹³ e servidoras públicas⁹⁴. E a partir da década de 30 no Brasil, tornou-se comum na propaganda nacional a figura da mulher sorridente em locais de trabalho considerados mais masculinos do que femininos, como no comércio e nos escritórios. Conforme Sant'Anna:

... A propaganda dos anos 1930 divulgou várias imagens de datilografas, secretarias, professoras, aeromoças, comerciárias, em suma, mulheres que trabalhavam não somente em casa ou nas fábricas. De fato, como o desenvolvimento do setor

⁹⁰ Lavadeiras, banhistas e animaes que se preparem. O Lidorador, Ed. 242, p.01. (26/06/1938)

⁹¹ Sobre prostituição feminina e suas redes de sociabilidades conferi dissertação de Ricardo Batista: Lues Venerea e as Roseiras Decaídas (2010)

⁹² Nos domínios do ABC. O Lidorador, Ed.103, p.8 (07/09/1935)

⁹³ Aula de Corte. O Lidorador, Ed. 208, p. 03 (24/10/1937)

⁹⁴ Em 28 de abril de 1938, o prefeito Reynaldo J. Vieira nomeia Theodora Macedo para o cargo de escriturária interina da prefeitura da cidade. Portaria nº 8. Folha 144. Código de Posturas - 1933

terciário, as mulheres passaram a exercer funções “no comércio e na burocracia de escritórios”. (SANT’ ANNA, 2014, p.87).

No texto de Landsay, a jovem que trabalha fora, batalha não só pelo sustento. Deve travar uma guerra contra os micróbios causadores de danos bucais. Escovas, fios, antissépticos e pastas dentais. Eis as suas armas bélicas para combater o mal que se instalava na boca. E no combate aos micróbios a jovem deve: efetuar uma limpeza geral com a escova munida de creme dental, retirar com o fio de seda as minúsculas partículas de alimentos e lavar a boca com antisséptico.

Após prescrever cuidados diários com os dentes, sugere Landsay a ida semestral ao dentista para realização de uma limpeza minuciosa. Também nos reclames do creme dental Colgate a presença de um profissional para recomendar cuidados com a higiene bucal, é um dado marcante. O dentista é concebido como aliado indispensável nos cuidados com os dentes. A minúcia que se busca no modelamento do corpo feminino, traçando – o enquanto corpo belo é tal que são especialistas que recomendam os cuidados higiênicos com o corpo.

3.3. Estava triste, tristonha... mas uma semana depois com meu hálito primaveril o amor e a felicidade chegaram

Principalmente a partir de 1930, percepções de beleza e juventude presentes na imprensa e na publicidade se diferenciaram significativamente das “... concepções existentes sobre os cuidados com o corpo desde o século XIX.” (SANT’ ANNA, 2014, p.47). Como por exemplo, a marcante presença de corpos juvenis e sorridentes nos anúncios de cremes dentais, sabonetes e cosméticos (embora já aparecessem, desde os anos 20, de forma mais tímida, nos anúncios de periódicos). Conforme Sant’ Anna, a ênfase no sorriso presente nas publicidades na década de 30, vinha “... acompanhada da expectativa de exibir dentes alvos e bem alinhados...” (idem, p.48). O incentivo a sorrir aparecia também em anúncios de batons.

Desse modo, o arsenal de publicidades impressas oferecia produtos de higiene e embelezamento e gerava concepções de beleza. Novos dispositivos pedagógicos de embelezamento emergiam socialmente. Um corpo feminino belo seria, por exemplo, um corpo limpo, cheiroso e risonho. Beleza em traços físicos e comportamentais. Com a boca

limpa e corada, o amor e a felicidade se achegam. É o que nos “diz” Sabel, personagem de um dos anúncios do creme dental da Colgate expostos no *O Lيدador*⁹⁵.

Figura 21: Anúncio Colgate: Mau hálito, o grande empecilho

	<p>Mau hálito, o grande empecilho!</p> <p>Comumente o mau halito é causado pela decomposição de alimentos entre os dentes.</p> <p>- Tu comece a usar colgate .</p> <p>E sua boca (ilegível) [ficará]</p> <p>Limpa completamente e cora a boca</p> <p>Perfumada!</p> <p>- UMA SEMANA DEPOIS...</p> <p>- Sabel, estás tão amorosa!</p> <p>Que sejas minha por toda a vida!</p> <p>-Certamente que sempre...</p> <p>Te amo...!</p> <p>[...]</p>
--	--

Fonte: O Lيدador, Ed. 227, p.04 (13/03/1938) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lيدador


Neste anúncio, a personagem Sabel não estava contente, pois o mau hálito colocava em xeque seu romance. Por isso, Sabel procurou um dentista, um profissional para diagnosticar o seu problema. Esse lhe explica que a causa mais comum do mau hálito seria a decomposição de alimentos e lhe sugere a escovação com o creme dental Colgate. Na primeira cena observamos Sabel um tanto apreensiva e atenta às recomendações do profissional.

Na segunda cena temos a frase em caixa alta “UMA SEMANA DEPOIS...” a indicar a passagem do tempo. Pelo conjunto dos discursos imagéticos e verbais, podemos inferir que nesse ínterim Sabel seguiu as sugestões do dentista e usou Colgate, logo o produto seria eficaz na limpeza bucal. E mais deixaria a boca perfumada e bonita. Seu uso retiraria o grande empecilho do caminho do amor. Na segunda cena Sabel está contente e amorosa: o companheiro lhe diz: “*Sabel, estas tão amorosa!*”, em tom entusiástico (!). Despertando o desejo no personagem masculino de querê-la para sempre.

⁹⁵ Os anúncios do creme dental Colgate e do sabonete Palmolive foram veiculados no O Lيدador apenas nos anos de 1938 e de 1939.

Os anúncios da Colgate-Palmolive inscrevem um corpo feminino que necessita de cuidados higiênicos e embelezadores para estar bem e amoroso nas relações afetivas. Indiretamente a publicidade prescreve a ida ao dentista, o consumo de escovas, enxaguantes e diretamente uso do creme dental Colgate para se ter uma boca saudável. Mas se caso as mulheres que sofriam com mau hálito não pudessem ir ao dentista, que seguissem os exemplos das personagens e usassem Colgate. Vejamos o que aconselha a personagem Helena num anúncio de 1938:

Figura 22: Anúncio da Colgate: O mau hálito causa grande desgosto

	<p>O. Mau Halito causa desgosto</p> <p>- Estou muito triste [ilegível]</p> <p>- Toma o meu conselho, Lurca, use Colgate e esse mau halito desaparecera como por encanto!</p> <p>UMA SEMANA DEPOIS...</p> <p>Helena, que diferença!</p> <p>Sinto-me tão feliz! O meu mau halito desapareceu e Alfredo fez as pazes comigo!</p> <p>-Agradece a Colgate.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Depois de escovar os dentes <p>Disolva um contimento de creme Dental Colgate com um copo d,agua e faça um bochecho</p> <p>[ilegível]</p> <p>Para perfumar o halito</p> <p>Creme dental em fita3\$000</p>	

Fonte: O Lidador, Ed. 229, p. 03. (27/03/1938) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidador

Novamente a frase “uma semana depois” funciona como nexos temporal e atesta os efeitos positivos do produto. A personagem Lurca que sofria com mau hálito seguiu o conselho de Helena. E Lurca, com o frescor de um hálito cheiroso, consegue de volta o

encanto de Alfredo pela mesma. Nesse sentido, a mercadoria é então envolta numa espécie de magia, com propriedades que solucionaria o mau hálito e os desentendimentos afetivos como que por encanto.

Nesses anúncios, a beleza é relacionada à boca saudável e ao sorriso radiante, ao sujeito que se cuida e cumpre o ritual do embelezamento dos dentes. A propaganda sugere que o consumo poderia reabilitar a chama da alegria do viver, do estar bem consigo mesma e possibilitar cativar o amado. “No meio do caminho tinha o mau halito, o entrave ao amor. Mas no meio do caminho brilhou o sorriso de frescor com Colgate.”⁹⁶ Se por um lado, os personagens femininos participam ativamente da conquista: ao procurar o dentista, por outro se tem a continuidade da ideia que a realização feminina está na companhia de um homem. Ninguém é feliz sozinho. Ou melhor, nenhuma mulher é feliz sem um homem. E para conseguir chegar ao altar e manter o apreço do homem, a mulher deveria ser considerada bela. Portanto, boca limpa e cheirosa, expressões felizes: sorridente e amorosa.

3.4. “Se você procura amor?": cuide-se!

Nos anúncios de Palmolive e Colgate⁹⁷, mesmo que os personagens tenham traços de preocupação, sobressaem os rostos sorridentes, de modo que a relação entre beleza e bem estar é uma constante nesses anúncios. Conforme Denise de Sant’Anna, ao longo da década de 30, a alegria e o bem-estar iniciaram uma carreira de sucesso na propaganda. (SANT’ANNA, 2014, p.87)

Bem-estar e êxito amoroso foram constantes nas publicidades do sabonete Palmolive presentes no *O Lidador*. Vejamos num desses anúncios o diálogo entre os personagens a jovem Auce e o seu “querido”.

⁹⁶ Aqui brincamos com o poema No meio do Caminho de Carlos Drummond de Andrade

⁹⁷ Em 1927, a empresa norte americana Colgate-Palmolive foi instalada no Rio de Janeiro. A empresa foi à pioneira em inserir e comercializar em larga escala produtos de higiene bucal no país. Ainda em 1927, foi distribuído o sabonete Palmolive e dois anos depois seria a vez do creme dental Colgate. Informações disponíveis em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-colgate/historia-da-colgate-8.php> Acesso: 06 de março de 2016.

Figura 23: Anúncio Sabonete Palmolive.

<p>AUCE, QUERIDA, COMO TENS MUDADO! A TUA PELLE ESTA ASSETINADA, MAIS JOVEM E MAIS DELICADA!</p> <p>PALMOLIVE, O SABONETE FEITO COM O SUAVE ÓLEO DE OLIVA, TEM SIDO UM CONSTANTE PROTETOR DA MINHA CÚTIS... A ELLE DEVO TUDO ISSO E TAMBÉM A MAIOR AFEIÇÃO QUE HOJE TU ME TEM!</p> <p>O ÚNICO SABONETE EMBELLEZADOR!</p>	<p>Auce querida, como tens mudado! A tua pelle esta assetinada, mais jovem e mais delicada!</p> <p>Palmolive, o sabonete feito com o suave óleo de oliva.</p> <p>Tem sido um constante protector da minha cútis...</p> <p>A ele devo tudo isso e também a maior afeição que hoje tu me tem!</p> <p>Palmolive</p> <p>O único sabonete embellezador!</p>
--	--

Fonte: O Lidador, Ed, 243, p. 04 (03/07/1938) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidador

O querido de Auce elogia lhe. Percebe as mudanças de sua pele: acetinada, mais jovem e delicada. Uma pele de textura acetinada nos faz lembrar o cetim, tecido feito de seda. Pele de cetim: macia, luminosa, suave. E mais, a pele de Auce estaria com mais viço e delicadeza. E a resposta da jovem a todos esses adjetivos positivos é “Palmolive, o sabonete feito com o suave óleo de oliva.” O diálogo prossegue entre os personagens sorridentes do anúncio. E Auce parece falar também ao público consumidor: tenha você também uma pele jovial e afeição de um querido.

Desse modo, a empresa Palmolive-Colgate afirma que o uso do sabonete Palmolive proporcionaria à mulher a proteção e exuberância da pele e também a afeição masculina. Com a pele cheirando a palmolive, os homens se encantariam pelas mulheres! A propaganda educa corpos para o consumo não só de produtos, mas também para o desempenho de comportamentos fixados socialmente como inerentes ao feminino e masculino. No conjunto de publicidades Colgate-Palmolive as personagens que usam os produtos são mulheres, de modo a sugerir que a mulher deveria se cuidar, fazer-se bela e manter a afeição do namorado ou esposo pela mesma. Portanto, o dispositivo publicitário almeja disciplinar os corpos, enquadrá-los na busca da beleza e normatização sexual através da mediação das mercadorias.

Beleza e jovialidade, ambição de toda mulher. Eis o que os anúncios sugerem. E a garantia para se alcançar esse anseio estaria em usar “Palmolive o único sabonete

embelezador”. Nesse sentido, um corpo feminino belo seria um corpo limpo (o sabonete limparia e protegeria), com uma pele de aparência jovial: macia e lisa.

Uma das figuras femininas dos reclames do Sabonete Palmolive lança o alerta e convoca as mulheres a agirem em favor da manutenção de uma pele encantadora: “Cuidado, meu bem! Qualquer moça pode ficar com a pelle de ‘Meia Idade’”

Figura 24: Anúncio do Sabonete Palmolive: Cuidado, meu bem!

	<p>Cuidado, meu bem!</p> <p>Qualquer moça pode ficar com a pelle de “Meia idade”</p> <p>Eu costumava rir... até minha cútis começou a ficar resequida, áspera, sem vida... com a aparência de “Meia Idade”. Então passei a usar o Sabonete Palmolive, que é feito com uma especial mistura dos óleos de Oliva e Palma, os mais preciosos elementos naturaes da beleza. E logo a sua espuma rica e macia tornou a minha cútis delicada, fresca e vigorosa.</p> <p>Feito com óleo de Oliva. – converse-se a cútis juvenil</p>
--	---

Fonte: O Lidador, Ed. 270, p.03 (22/01/1939) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidador

Portanto, as mocinhas mesmo sendo jovens em idade biológica, poderiam ter a pele com aparência envelhecida: áspera, rugosa e ressecada. Conforme David Le Breton, existe uma equação complexa entre as influências sociais e a história pessoal do sujeito na elaboração da imagem de seu corpo. E o olhar do outro é significativo nessa relação. No que se refere à depreciação da velhice, Le Breton afirma que essa é um juízo social antes de ser pessoal. E “... a velhice marca desigualmente, no juízo social, a mulher e o homem...” (LE BRETON, 2013, p. 233; 236). Sendo que nessa desigualdade tem-se a permanência da imagem do corpo feminino como objeto de encanto, passível de se degradar. Desse modo, é nítido nos anúncios da Colgate-Palmolive essa permanência e a associação entre corpo feminino, sedução e juventude.

Logo é imputada a todas às mulheres a necessidade de vigilância e cuidados com a pele. Poucos dias depois, no início de fevereiro de 1939, encontramos outro reclame com a

assertiva de ser o sabonete fonte de rejuvenescimento da pele. Vejamos a reprodução do anúncio com um chamativo bem sugestivo “*Se você procura AMOR*”

Figura 25 Anúncio do sabonete Palmolive: Se você procura Amor

	<p>Se você procura AMOR</p> <p>Não se aprouve a ter a pelle sem viço.</p> <p>De “<u>Meia Idade</u>” [grifo do próprio reclame]</p> <p>Em seus [ilegível] conserve a pele moça e [ilegível]</p> <p>Até [ilegível] o sabonete palmolive</p> <p>Palmolive é puro com uma preciosa mistura de óleos de oliva e de palma, possuindo elementos de beleza e por isso que tem sua espuma rica e macia tornou minha cútis tão delicada, fresca e viçosa!</p> <p>Feito com óleo de Oliva. – converse a cútis juvenil</p>
--	--

Fonte: O Lidador, Ed. 272, p. 03 (05/02/1939) DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidador

Se a mulher desejava um amor, lhe era indispensável ter boa aparência física, que se apresentasse com os cabelos bem penteados, com bom hálito, com os lábios corados e expressasse alegria. E sua pele deveria mostrar vivacidade e exuberância. E o sabonete Palmolive poderia com sua composição de preciosos e especiais elementos naturais (óleos de oliva e palma) propicia-lhe a maciez e juventude. O argumento que a seleção e uso de elementos naturais na composição de produtos propicia efeitos desejáveis como o frescor e potencializa a beleza, é bem presente nos reclames analisados do Sabonete Palmolive. Notamos a permanência desse argumento nas atuais propagandas da empresa, especialmente na linha *Palmolive Naturlis*. Tal estratégia para vender mercadorias também é utilizada pela Natura, mais enfaticamente na linha *Natura Ekos*, acresce no seu discurso a afirmação que

tais produtos através dos sentidos reconecta o corpo com a natureza, seu discurso e publicidades pauta-se ainda na ideia de sustentabilidade.

A pele é o maior órgão do corpo humano, reveste-o por completo. Mas nas publicidades Colgate-Palmolive o enfoque é no rosto. Os rostos das personagens apresentam uma composição harmônica entre cabelos bem penteados, olhos com cílios alongados, sobrancelhas simétricas, nariz afilado, boca corada e com um sorriso. Então, não seria o suficiente uma pele macia, toda a face deveria apresentar-se bela. De acordo com Le Breton, com o nascimento do individualismo ocidental, promoveu-se o rosto como sinal de singularidade do indivíduo. (LE BRETON, 2013, p.29). Assim, pensamos que esse o enfoque da face nos anúncios promove a afirmação do indivíduo, cada mulher deveria cuidar-se. Agenciar sua beleza e sair do anonimato. No entanto, o rosto belo e comportamentos não deveriam destoar da beleza sob medida, instituída socialmente.

Nesse conjunto de publicidades fora estabelecida uma relação estreita entre beleza, saúde e alegria. São notáveis tênues indícios de uma atribuição da responsabilidade ao indivíduo por sua aparência corporal. Parece nos ser que nesse o momento têm-se elementos de invenção da força de vontade individual para modelar o corpo. No entanto, é necessário salientar que os cuidados corporais nas primeiras décadas do século XX, no Brasil “... não eram ainda amplamente aceitos como um meio de conhecer a si mesmo, de sentir o próprio corpo ou de refletir sobre a psicologia individual...” (SANT’ANNA, 2014, p.98).

Para os dias atuais podemos afirmar: Ah, a beleza, pode e deve ser conquistada! O indivíduo, ponto central, nas práticas de embelezamento é responsável pelo seu bem-estar. Pode pelo brilho, cores vibrantes e/ou pela discrição afirmar seu eu. Mas nem tudo são glamour e elegância, pois “... O tema do fracasso paira sobre as praticas de embelezamento...” (VIGARELLO, 2006, p.142). Surge o sentimento de impotência frente a padrões de beleza e ao bem estar como verdade absoluta. Afirma Georges Vigarello “... O mal-estar ameaça sempre surgir, e até se aprofundar, quando o bem-estar é promovido como única e última verdade.” (idem, p. 142).

Nota-se, em linha geral, que os reclames Colgate-Palmolive são destinados às camadas médias urbanas, jovens, de cor branca e cabelos lisos. Parecem sugerir que os corpos, concebidos enquanto corpos esbeltos e limpos, são mais potentes nas relações afetivas. Sobre a relação corpo e afetividade no que se refere a padrões de beleza, assim afirma De Sant’Anna: “... Numa sociedade que, desde pelo menos a década de 1920, começou a nutrir

uma franca aversão pelos gordos, a paixão tende a se transformar num bem exclusivo daqueles considerados esbeltos...” (SANT’ANNA, 2001, p.20).

Devemos considerar que as imagens publicitárias marcam o corpo pelo o que exibem, mas também pelo o que ocultam, os reclames de embelezamento silenciam mulheres com cabelos crespos, gordas e idosas, dentre outras. Portanto, sugerem um padrão de beleza excludente.

O público-alvo nos anúncios de produtos de embelezamento, não é o mesmo dos anúncios medicamentosos já analisados anteriormente, que no seu conjunto apresentam mulheres mais maduras, no ambiente rural ou de trabalho, com exceção do *Fluxo Sedatina* indicado também para adolescentes, os demais são indicados aos incômodos de senhoras.

O diálogo com os anseios de homens e mulheres é utilizado como chave mestra nos reclames Palmolive – Colgate para abordar aos consumidores. Segundo Denise de Sant’Anna: “... Os anunciantes dos anos 30 e 40 [século XX] passaram a trabalhar diretamente com os desejos humanos e a psicologia do consumidor...”. (SANT’ANNA, 2014, p. 88).

Desse modo, o dispositivo publicitário agencia os anseios pelo sucesso afetivo e os direciona ao consumo como meio de atingir a felicidade. Pois, um corpo belo seria um corpo feliz, aprazível e sociável. Então, essa investida sob o corpo liga o prazer ao consumo de mercadorias específicas e ao mesmo tempo constrói uma imagem e normaliza o corpo feminino. Ao apresentar os corpos femininos, delineiam-se também representações de corpos masculinos. É a beleza feminina que atrai os homens, como se esses estivessem naturalmente interessados e atraídos pelas belezas femininas e como se somente a beleza fosse o que lhes interessava no feminino.

Nesse sentido, os corpos e identidades de gênero foram pedagogizados pelas imagens e pelo consumo/uso de produtos, mas não necessariamente precisasse consumir designadamente os produtos anunciados para que os valores chegassem aos consumidores. Por exemplo: poder-se-ia ter o desejo de usar o sabonete Palmolive para obter uma pele macia, mas na inviabilidade deste, poder-se-ia utilizar outros sabonetes, inclusive caseiros.

Nesse trópico ao Sul do Equador, na cidade de Jacobina, cercada por serras e cortada pelos rios do Ouro e Itapicuru, na luz da aurora carregadores enchem seus barris⁹⁸ para nas

⁹⁸ No Brasil: Recipiente de madeira, de formato cilíndrico ou aproximadamente cilíndrico, usado. para armazenar produtos, especialmente líquidos ou alimentos. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/barril>. Acesso: 21 de março de 2016.

cangalhas⁹⁹ de seus jumentos abastecerem casas no centro da urbs. Mulheres com latas d'água na cabeça margeavam os rios, subiam e desciam ladeiras, a fim de abastecerem seus lares. E nos lares a água seria usada para várias coisas, como o asseio corporal.

E nos lares e ateliês de costuras mulheres cozem roupas e suas vidas com suas próprias mãos, obtendo o ganha pão e bricolando modelos franceses com fazendas de algodão brasileiro. Jacobina nas décadas de 30 e 40, contou com a presença de ateliês de corte/costura e oferecimento de aulas de corte, costura e bordado. Bem como de bordadeiras e alfaiates. E estabelecimentos comerciais que vendiam tecidos.

3.5. Corpos vestidos de sedas e crepes: anúncios de lojas jacobinenses de roupas, tecidos, calçados e acessórios

Em 1936, Eurycide Farant anunciou¹⁰⁰ seus serviços de corte e costura ao público em geral e em especial às distintas senhoras e senhoritas oferecia curso “... completo pelos methods pratico e teórico.” Um interessante detalhe no reclame: Farant era Diplomada em Corte e Alta Costura. Isso poderia fazer a diferença e atrair clientes na escolha de quem costuraria suas roupas. A partir de 1937, várias costureiras divulgaram seus serviços de costuras e bordados e de aulas de corte e costura para mulheres. Lourdes Almeida - costureira e aulas de corte; Iris Alcantra - costureira; Eurydice Farant, Diplomada em Corte e Alta Costura; *Novo Salão* - Ana Barberino de Carvalho/modista; Atelier elegante - costuras e bordados para mulheres; Oraide de Andrade Almeida - bordados e costura e aula de corte.

Também às mulheres foram direcionados os anúncios presentes no *O Lidador* referentes às publicações sobre moda, bordado, tricô e moldes para roupas. Esses anúncios realçam corpos femininos desposados e maternos. No reclame da publicação *Anuário das Senhoras*¹⁰¹, afirma-se que a mesma é uma joia por abordar vários temas “que interessam a todos os espíritos femininos.” Dentre esses destacamos: Moda, bordado e tricô. E o reclame da revista *Moda e Bordado* aconselha “A senhora faça os seus vestidos e dos seus filhos por *Moda e Bordado*”¹⁰². A publicação *Moda e Bordado* ofereceria variados e os mais recentes modelos de roupas. Esses anúncios talham o corpo feminino para o matrimônio e a maternidade. A

⁹⁹No Brasil: Armação que se coloca em lombo de animais com recipientes laterais para alojar cargas. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/cangalha> Acesso: 21 de março de 2016.

¹⁰⁰Anúncio Eurydice Farant. *O Lidador*. Ed. 150, p.04 (09/08/1936)

¹⁰¹ Anúncio. Uma joia Anuario das senhoras. *O Lidador*. Ed. 28, p.04. (16/03/1934)

¹⁰² Anúncio. *Moda e Bordado*. *O Lidador*, Ed. Ed. 78, p.03 (10/03/1935)

excelência do feminino estaria em sua destreza no desempenho dessas funções: corpo hábil com a tesoura, linhas, agulhas e tecidos.

A publicação Anuário das Senhoras poderia ser adquirida por 5\$, por meio postal: S. A <<O MALHO>>, travessa do Ouvidor – 34-Rio. Em 1935, as costureiras profissionais, as solteiras e casadas poderiam adquirir as revistas O Malho¹⁰³ (semanário diversificado, possuía seção de moda) e Moda e Bordado com Manoel Grassi agente de vendas dessas revistas na cidade. Em 1942, àqueles que desejassem inspirar-se em moldes das vitrines de papel para confeccionar ou mandar costurar suas roupas, poderiam encontrar várias revistas na agência de jornais e revistas de Jaime Néri¹⁰⁴, que anunciava a venda de várias revistas em sua banca: A Cigarra-Magazine, O Guri, Jornal das Moças e aguardava a chegada da Fon-Fon.

E se nas vitrines de papel as moças quisessem modelos da estação, de preferência da Moda da Cidade-Luz poderiam encomendar via postal (ao Malho distribuidora dessas revistas no Brasil) a alguma das seguintes revistas: De Verão Figurinos Franceses: Star, Iris, Smart, Stella, L' Elegance, Feminine, L' Efante, Record e Três Elegant.¹⁰⁵

A cidade contava também com alfaiatarias. O alfaiate Abdias Francisco Chagas (Alfaiataria 1º de Janeiro¹⁰⁶) anunciou em 1940, que dispunha de oficiais competentes na arte da costura. Além de cozer roupas masculinas, a alfaiataria 1º de Janeiro confeccionava capotes sob medida para senhoras e crianças e mais “... Tem em stock casimiras e brins de linho ou algodão, das mais modernas padronagens, aviamentos para alfaiates, etc...”.

Desse modo, o apelo a vestir-se sempre na moda é lançado também aos homens. Os outros alfaiates que anunciaram no *O Lidador* foram: Antonio Almeida¹⁰⁷ (Alfaiataria Jacobina) e Agenor Nunes¹⁰⁸ (Alfaiataria Nunes De Agenor Nunes). Assim, homens e mulheres que pudessem pagar pela confecção de indumentárias dispunham da possibilidade de escolha do alfaiate ou costureira que teceria sua roupa. E dispunha de escolha entre as bordadeiras para dar o toque final nas vestes de trabalho, nos enxovais de casamento, na fantasia do Bloco Assassinos da Tristeza para bailar na Micareta, nas roupas domingueiras: da missa e do passeio na Praça da Matriz.

¹⁰³ Anúncio. O Malho. O Lidador, Ed. 78, p. 02 (10/03/1935)

¹⁰⁴ Anúncio Agencia de Jornaes e Revistas de Jayme Neri. O Lidador, Ed. 381 p.02(22/02/1942)

¹⁰⁵ Anúncio De Verão Figurinos franceses. O Lidador, Ed. 170, p. 03 (24/01/1937)

¹⁰⁶ Anúncio Alfaiataria 1º. O Lidador. Ed. 336, p. 04 (30/06/1940)

¹⁰⁷ Anúncio Alfaiataria Jacobina. O Lidador Ed.139, p. 04 (17/05/1936)

¹⁰⁸ Anúncio Alfaiataria Nunes. O Lidador, Ed.412, p.03 (25/10/1942)

E para o passeio vespertino na Matriz e conversas no coreto, vestidos ou saias leves de tecidos frescos e flexíveis. As moças poderiam escolher cortes de seda e/ou de crepes de seda na Loja Arizi ou na Loja Jacob. O Coreto da Matriz foi o cenário escolhido por algumas moças para registrar na fotografia seus corpos sorridentes e bem vestidos. No coreto, o corpo se tornava espetáculo para as lentes das câmeras fotográficas. Eis a reprodução da fotografia de autoria desconhecida:

Figura 26: Pessoas no Coreto da Matriz



Fonte: Autor: não identificado - Década: de 1930. DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Fotografias; Jacobina; Cenas urbanas

Nesta fotografia, são focalizados em primeiro plano algumas mulheres, um homem e o coreto. A figura masculina está bem trajada, em calças compridas e sapatos. As moças mostram-se arrumadas em vestidos compridos e sapatos de saltinho, cabelos curtos e bem modelados.

Em segundo plano visualiza-se parte da Igreja Matriz e o último plano é marcado pelas linhas serranas. Entre o enfoque fotográfico que ressalta mulheres adornadas e último plano adornado pelas serras, o fotógrafo registrou duas construções arquitetônicas. A cor do sobrado contrasta com a clara cor celeste. Assim, a cidade adornada por serras mostrava seu progresso no concreto de sua arquitetura e na civilidade de seus corpos saudáveis e bem adornados.

Como já nos referimos os tecidos poderiam ser comprados na Arizi e na Loja Jacob. Vejamos quais tecidos e artigos de vestuário eram vendidos nessas lojas. Numa tarde de 1936, na última segunda feira do mês de maio, a cidade ganhava mais uma casa de tecidos, um “... novo estabelecimento de modas...”¹⁰⁹, situado no centro da cidade à rua Cel. Teixeira.

Nesse dia o estabelecimento foi muito visitado e a cerveja servida aos visitantes foi abundante. No domingo, dia 31, *O Lidador* noticia a instalação da loja de Raimundo Arizi e reitera votos de felicidade ao mesmo. No domingo seguinte, em 07 de junho, Raimundo Arizi¹¹⁰ anunciava dispor de grande quantidade de artigos da moda a preços sem competidores. No anúncio, além dos tecidos, não fora exposto o que compunha a grande quantidade dos artigos da moda. Os tecidos anunciados foram: rendas e rendas de seda; Crepe mongol- tecido tipo seda macio; Étamine- tecido para bordar; Cretone- tecido grosso e resistente, feito de algodão ou linho; Camisira - tecido encorpado de lã; Brim- tecido grosso e comumente feito de lã. Quanto às rendas talvez fossem utilizadas como detalhes em várias indumentárias e em especial em roupas de batizado e casamento. E como hoje fossem tidas como um indicativo de pureza, delicadeza e sensualidade.

Vinte e um de julho de 1936. Talvez, essa terça-feira, estivesse ensolarada e o poente serrano espetacular no fim da tarde. Nesse dia, o Sr. Jacob Schulman desembarcou do trem na Estação de Jacobina. Chegou da capital com muitas mercadorias para sua loja em Jacobina. E no domingo, 26, *O Lidador* em com entusiasta título textual *Jacobina nadando em novidade!* (!) informou que a cidade estava nadando em novidade, pois chegou pelo trem de terça-feira Jacob Schulman (pelo nome e sobrenome, possivelmente era um judeu comerciante) proprietário da *Loja Jacob*. Os artigos que o comerciante trouxe são apresentados pelo articulista “como grande sortimento de novidades, sedas lisas e estampadas, enxovais para noivas, cerca de 2.000 pares de calçados para homens, senhoras e crianças...”¹¹¹


O comerciante foi um assíduo anunciante no *O Lidador*, ao longo do ano os reclames da Loja Jacob eram bastante objetivos, informando quais artigos à loja dispunha à venda como calçados, perfumarias, tecidos, bem como afirmavam que a loja tinha um variado sortimento e os melhores preços. No final de 1937, Jacob Schulman fez circular no anúncio de sua loja a fotografia de um edifício, possivelmente da Loja Jacob.

¹⁰⁹ Mais uma casa de tecidos na praça. *O Lidador*, Ed. 141, p.01 (31/05/1936)

¹¹⁰ Anúncio Atensão Raimundo Arizi. *O Lidador*, Ed. 142, P.02 (07/06/1936)

¹¹¹ Jacobina nadando em novidades. *O Lidador*, Ed 148, p.04 (26/07/1936)

Figura 27: Anúncio Loja de Jacob.

 <p>LOJA DE JACOB</p> <p>Calçados para senhoras, homens, crianças. Chapéus de feltro e palha. Fazendas finas: crepes e sedas de toda qualidade</p> <p>Brins de linho e cazimiras especiais</p> <p>Artigo para presente de aniversário e para noivas</p> <p>Tudo mais barato do que na capital</p> <p>Vendas a dinheiro e a curto prazo</p> <p>Jacobina- Bahia.</p>	<p>LOJA DE JACOB</p> <p>Calçados para senhoras, homens, crianças. Chapéus de feltro e palha. Fazendas finas: crepes e sedas de toda qualidade</p> <p>Brins de linho e cazimiras especiais</p> <p>Artigo para presente de aniversário e para noivas</p> <p>Tudo mais barato do que na capital</p> <p>Vendas a dinheiro e a curto prazo</p> <p>Jacobina- Bahia.</p>
---	---

Fonte: O Lidador, Ed.213, p.02 (28/11/1937). DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina: Jornais; O Lidador

O Sr. Jacob Schulman expressa nesse anúncio que sua loja estaria dotada com calçados, tecidos finos como sedas, “peles de ovo” e crepes diversificados, artigos para presentear aos aniversariantes e às noivas e tudo a preços baixos. Os artigos anunciados como disponíveis à venda são elementos que compõem o vestuário e acessórios como chapéus, portanto, a loja configurava-se num espaço de consumo de mercadorias a serem agregadas aos corpos, para prover-lhes necessidades e embeleza-los.

Por ocasião das festividades de final e início de ano, o comerciante Jacob veiculava anúncios relacionados às três festas desse período: Natal, Ano-Novo e Reis. Como podemos verificar nos versos-reclame¹¹² de dezembro de 1938:

¹¹²Anúncio Loja Jacob Natal, Ano-Bom e Reis. O Lidador, Ed.265, p.04 (18/12/1938)

<p>Loja Jacob Natal, Ano-Bom e Reis - Alô, freguez! -:</p>	<p>Moça bonita, daquelas Que teem jeito no andar, So na loja Jacob Tem costume de comprar. Calçados, crepes, enfeites Da meia fina ao batom E os mais distintos presentes Para o Natal e o ano – bom. Sedas lindas, estampadas, Da mais alta novidade, - Só tem na Loja Jacob A campeã da cidade [...]</p>	<p>É a ditadora da moda Com seu sortimento novo É a loja que tem o nome De campeã, na voz do povo</p>
--	--	---

Nesse anúncio, o comerciante estabelece como público-alvo: as moças, assim nos sugere o trecho do reclame “Moça bonita daquela que teem jeito no andar so na Loja Jacob em costume de comprar”. A figura da mulher jovem e bonita enquanto freguesa da loja é usada como recurso para atrair consumidoras desejosas por enfeitarem-se com as novidades da moda: calçados, enfeites e tecidos. Desse modo, insinua-se que mercadorias como calçados e tecidos (crepes, sedas lisas e estampadas) seriam de interesse feminino. O reclame proclama em “alto e bom som” que a loja “É a ditadora da moda Com seu sortimento novo”. E sutilmente sugerem modos às mulheres: deveriam portar-se com jeito no andar, adornarem-se e se prepararem para o casamento.

Dias de festas. Dias de fotos. Dias de flashes. Dias que muitos sujeitos procuravam mostra-se apumados. Tais dias poderiam coincidir, como nos dias de Micareta. Arruma-se para festejar a chegada do Rei Momo, celebrar o riso e “tirar retrato”, como podemos verificar em fotografias do Bloco Assassinos da Tristeza. (Ver fotos em anexo)

De acordo com Vanicléia Santos, tanto nos desfiles dos cordões pelas ruas, quanto nos bailes privados “... a elite caprichava na fantasia...”. (SANTOS, 2001, p.90). Os bailes noturnos eram realizados principalmente no salão nobre do Paço Municipal “... que era cedido

para um grupo de famílias da cidade, simpáticos ao prefeito; ou também nas residências dos coronéis ou dos presidentes das sociedades filarmônicas ou dos diretores das bandas de música.” (SANTOS, 2001, p.93).

Mas nem todos os foliões festejavam no Bloco Assassinos da Tristeza. Ainda segundo Santos, o momento da festa ressalta a normatização a que estavam submetidos cotidianamente os grupos populares. Também nos dias festivos a movimentação passava por tentativas de normatização “... Os mascarados e o uso de trajes maltrapilhos na Micareta de Jacobina eram sinais de ‘atraso’ diante da proposta de ‘civilidade’ da elite, que exigiu, através do jornal, que a policia não permitisse cordões formados por populares, pois ‘deprimiam a imagem da festa.” (idem, p.105). Dessa forma, aqueles que não queriam ou não podiam pagar por uma fantasia e brincar num cordão, usavam a imaginação e participavam da festa.

Mas *O Lidador* também elogia organizados cordões populares como o das Sertanejas Alegres, organizado por Marcolina, essa e “... as moças que faziam parte de seu bloco eram todas negras. Tinham as mesmas origens sociais, geralmente trabalhavam em serviços domésticos prestados às famílias mais abastadas de Jacobina. Para se fantasiarem nos festejos de momo, encomendavam ‘peças de fazenda’ nas lojas de tecido da cidade” (SANTOS, 2001, p.111). Eram as moças que escolhiam o tecido e a cor e costuravam suas roupas de acordo com o modelo escolhido pelo grupo.

E para completar o *look* dos dias festivos, de missa, dias de trabalho, dentre outros tantos dias as pessoas podiam adquirir seus calçados na cidade. Não sabemos se nas décadas de 30 e 40, foi comum que todos usassem sapatos durante dia-a-dia, mas pelas fotografias o uso de sapatos era importante em dias de festas e dias de “tirar retrato”. Em Jacobina, os sapatos poderiam ser confeccionados na Tamacaria minerva de Jaime Neri¹¹³, especialmente tamancos para homens e tamaquinhas para mulheres e crianças e venderia a preços especiais a revendedores; na Sapataria Menezes¹¹⁴ de Lafaitte Menezes e na Sapataria Jeronimo¹¹⁵ de Raimundo Jeronimo. E calçados poderiam ser comprados na Casa Pequena¹¹⁶ de Ubaldino Mesquita Passos, que dentre outras coisas vendia tecidos, chapéus e perfumes e os calçados podiam ser também escolhidos na Loja Jacob.

¹¹³ Tamancaria Minerva. *O Lidador*. Ed. 348 p. 02. (15/05/1941)

¹¹⁴ Sapataria Menezes. *O Lidador*, Ed. 201, p. 06 (07/09/1937)

¹¹⁵ Anúncio Sapataria Jeronimo. *O Lidador*, Ed. 297, p.03 (24/09/1939)

¹¹⁶ Anúncio Casa Pequena. *O Lidador*, Ed. 201, p.02 (07/09/1937)

3.6 Julietas delinquentes: “abrasando” no cais do Rio do Ouro e “brincando” com a honra

No tecido social cheio de nós e fios, foram muitas as sugestões de modos de portar e vestir os corpos femininos. Um dever ser mulher pautado no matrimônio e na maternidade. Corpo civilizado e civilizador. Corpo - útero sujeito a reparos de saúde. Corpo saudável a parir vida. Corpo belo e embelezado. Tecido social cheio de nós, multicolorido e matizado. Muitas mulheres trabalhavam, namoravam, festejavam, estudavam, brigavam, tramavam, amavam, infringiam códigos morais e leis. E por falar em cores lá estavam elas: ... pintadinhas e batonizadas a noite no cais do Rio do Ouro ... agindo livre e desembaraçadamente...

“Três amas foram presas, ontem”¹¹⁷. Esse foi o burburinho que correu pela cidade num sábado, 21 de julho de 1940. O repórter correu para verificar e chegando a cadeia, “... aonde deveriam estar as julietas delinquentes”. O repórter encontra “... dois romeus jovens e alegres, um sapateiro, outro pedreiro...”¹¹⁸. A ação policial parece não ter prendido a alegria de José e Armindo, alegria da conversa com as julietas, suas conhecidas. Ou algo mais, no entanto, os rapazes não disseram. O repórter assim transcreve sua conversa com os rapazes:

... que assim cantaram a sua desventura:

-- Estavamos a conversar com as garotas, quando o soldado apareceu e deu voz de prisão, conduzindo-nos para essa mal cheirosa enxovia.

-- E vocês eram namorados das meninas?

-- Não senhor. Apenas conhecidos.

-- E que e feito delas?

-- Na hora hora elas correram e entraram numa casa de família, enquanto nos éramos trazidos para aqui.

José e Armindo e três mulheres conversavam num sábado à noite pelas ruas da cidade, quando o soldado chega e dá voz de prisão e interrompe a conversa. As moças, cujos nomes o articulista não publicou, saíram correndo e entraram numa casa familiar. Mas afinal que infração os romeus e julietas cometeram às letras da lei e dos costumes?

Vejamos a transcrição que fez o articulista de sua conversa com o soldado Pedro:

¹¹⁷ A polícia e os policiados da cidade. O Lidador, Ed. 339, p.01 (21/07/1940)

¹¹⁸ A polícia e os policiados da cidade. O Lidador, Ed. 339, p.01 (21/07/1940)

“Deixamos, então o José Bispo e Armindo Souza, para ouvir o soldado Pedro Martins, autor da batida, que tanto interesse despertou à imprensa e à cidade.

-- Por que encanou aqueles gajos soldado Pedro?

-- Ora, surpreendi-os correndo atrás das amas, pela rua, mais de nove da noite, e trouxe-os para cá... E [é] ordem geral.”

Para o articulista, as moças também infringiram a ordem de recato que lhes era devida. Para o soldado Pedro, os infratores eram os rapazes que já mais de nove horas da noite corriam atrás das jovens. Então, Pedro agente da lei, cumpriu seu dever e encerrou os rapazes. E o que faziam ou fizeram as moças, Pedro não conta. Estariam às indefesas julietas correndo dos rapazes? Pensamos que as moças “correram” mesmo foi do soldado, com um jeitinho arteiro ou correndo literalmente “pernas para que te quero?”

A pouco menos de um mês, em junho, o Delegado Vivaldino Jacobina Vieira publicara um edital que dentre outras coisas proibia namoros no Cais do Rio do Ouro à noite:

DELEGACIA DE POLICIA DA CIDADE DE JACOBINA¹¹⁹

EDITAL

Vivaldino Jacobina Vieira, Delegado de Policia da cidade de Jacobina, no uso de suas atribuições, faz saber a quem interessar, que fica desde essa data, terminantemente proibido:

...

i) – NAMORADOS, à noite, no cais do rio do Ouro.

Aos infratores serão aplicadas penas policiais.

Jacobina, 17 de junho de 1940

Vivaldo Jacobina Vieira

1º Sup. Em Exercício

Possivelmente a ordem do delegado se estendeu às conversas entre rapazes e moças pelas ruas da cidade, depois das nove. O articulista não só noticia o evento, também o comenta como mais um exemplo do descumprimento por “pessoas de segunda” da proibição

¹¹⁹ Edital. O Lidador, Ed. 334, p.04 (16/05/1940)

policial de namoro no cais do rio do Ouro. Mas pelo exemplo citado pelo articulista, pela omissão dos nomes das moças e sendo os rapazes apresentados como sapateiro e pedreiro, sem adjetivo do tipo marmanjos e mulheres de maus bofes. Pensamos que os envolvidos fossem de famílias bem vistas socialmente e a prática fosse recorrente.

Diante disso, o redator requer mais policiamento em especial no cais do rio do Ouro, pois de dia os moleques diriam deboches às mulheres que por ali passavam ou pegavam água. E a noite vários casais de namorados se abrasavam ao murmúrio das águas correntes: “os inúmeros casais de apaixonados, cujos corações pegando fogo demandam a beira d’agua.”¹²⁰.

Segundo o articulista, o repórter foi além e encontrou no cartaz do dia “... os celebres bailes da sociedade dos Artistas, que quase sempre terminam em pancadaria pesada. Numa dessas festividades, e mais recente, cousas do arco da velha foram ditas, dentre os quais a fugida de duas damas.”¹²¹ Cedendo seus salões para tais cenas a Sociedade União dos Artistas, “... cai no conceito do público e o seu Presidente esta disposto a não alugar mais a casa.” A medida é louvada pelo redator. Guardemos essa cena do filme *Julietas delinquentes* no Cine/Cidade Jacobina: moças se abraçam com rapazes no cais do rio do Ouro, moças conversam entre si e com homens depois das nove, mulheres dançam nos bailes e damas fogem.

Nos anúncios de embelezamento da Colgate-Palmolive os corpos femininos anseiam pela felicidade pautada no sucesso hetero - afetivo. São corpos expostos muito mais como objeto de desejo de outrem, do que como corpos desejantes. Corpos que desejam sem ferir os brios da moralidade: desejam atrair o olhar masculino e o matrimônio. A beleza e a higiene seriam, pois as fadas madrinhas do êxito afetivo.

Corpos femininos desejantes, corpos aflorados causam medo: prostitutas, Isabel-envolvida pelas fitas matrimoniais deseja outro homem. Francisca que vivia maritalmente com um homem mais novo, sem passar pelo rito religioso e civil do casamento¹²². Conforme Georges Vigarello a sexualidade e a beleza muito trabalhadas são fontes de medo, pois dão a ideia que a mulher pode escapar de seus tutores: “... A pintura do rosto poderia sugerir uma maneira de seduzir escapando do tutor de quem a mulher depende: uma prova de capricho, a confissão de uma liberdade...” (VIGARELLO, 2006, p.68).

¹²⁰ A polícia e os policiados da cidade. O Lidador, Ed. 339, p.01 (21/07/1940)

¹²¹ A polícia e os policiados da cidade. O Lidador, Ed. 339, p.01 (21/07/1940)

¹²² Conferir tópico Corpos aflorados no capítulo II da presente dissertação

Voltemos à cena das julietas a dançar nos bailes da Sociedade dos Artistas, a conversar e namorar no cais do Rio do Ouro. Agindo desembaraçadamente embaraçam as tênues linhas do recato. Quanto ao Presidente da Sociedade dos Artistas está disposto não mais alugar o salão para festa, o redator afirma ser uma boa medida. “... Os viciados protestam, os sensatos aplaudem. O recato, antes de ser questão de dignidade, é a defesa do sexo fraco.” Quanto aos bailes o comentarista expõe:

... alguém que prestava informações ao repórter: as amas fazem como as gatas, de dia na se vê uma, de noite... E prosseguiu: Não encontra mais quem sirva em casa. Das sete à onze estão elas pelas ruas, no cais debaixo das árvores, nos becos, nos muros, em toda a parte, pintadinhas, batonizadas, agindo livre e desembaraçadamente, convencidas do amparo do título 8: da Consolidação das Leis Penais.¹²³

O comentarista da notícia estava empenhado em cobrar o policiamento em defesa da honra feminina, que a polícia repremissem tais práticas, pois somente os editais não produziram resultados satisfatórios “... Uma rondasinha, pelo menos duas vezes por semana, acabaria com muito costume ruim que a cidade aceita a contra gosto.”

Muitas mulheres destoavam das vozes presentes nesse texto. Vozes que dizem que mulher é o sexo frágil. Que seu lugar é servindo no recôndito do lar, não de caras pintadinhas passeando a noite pelas ruas e ainda desacompanhadas de um responsável, conversando embaixo das árvores e muito menos namorando. Mas lá estavam elas, seduzindo e sendo seduzidas com ou sem seus batons e pós de arroz. Interessante que diz ao repórter que as moças “... fazem como as gatas, de dia se vê uma, de noite...” Durante o dia, possivelmente, estivessem envolvidas no novelo das atividades domésticas. Mas à noite saíam ruas afora. Arranhavam a imagem de “dóceis e frágeis” servidoras do lar, se divertiam no espaço público sob o céu noturno.

Concepções de feminilidade que insistem em inscrever a fragilidade sobre as carnes e comportamentos femininos, como algo que lhes é inerente, interdita a presença feminina no espaço urbano, como se esse fosse às mulheres somente um emaranhado perigoso. Questionar tais naturalizações é reivindicar o usufruto da cidade de forma mais igualitária, de uma cidadania plena.

Então, a maquiagem poderia ser um artifício para cativar a quem a mulher desejava. A mulher não seria exclusivamente objeto de desejo masculino, mas seria também desejante e

¹²³ A polícia e os policiados da cidade. O Lidador, Ed. 339, p.01 (21/07/1940)

provocante. De cores encarnadas na pintura do rosto, a mulher realçaria sua beleza, não para bem servir ao homem. Mas para provocá-lo. Tomar o controle.

De dentes brancos, lábios corados, hálito perfumado para festejar o Rei Momo na micareta. As moças belas, porém *arreliadas*, não se guardaram no recato, na sobriedade dos passeios vespertinos na Praça da Matriz, à vista de todos. Na década de 1920, noutras paragens no Brasil, na Parahyba do Norte, Anayde Beiriz foi considerada “... arreliada, extrovertida demais para uma época em que o corpo da mulher é trabalhado pela sociedade e pela escola para a resignação.” (BURITI, 2015).

A década de 1920 é colorida por vivas cores das ideias vanguardistas dos intelectuais ligados ao Grupo Modernista de São Paulo e também pelo emergente Movimento Feminista. Esses movimentos oferecem “... um novo modo de sentir o corpo, uma nova sensibilidade corporal e erótica, uma nova concepção de gênero e de relações entre os sexos...” (idem) Mesmo que não provoquem uma brusca ruptura, tais movimentos proporcionam deslocamentos e

... assustam, pois muitas certezas em torno do sexo e da sexualidade são postas de ponta à cabeça. É um momento delicado, principalmente para as cidades mais provincianas, como a Parahyba, que vive um momento de tensão política e de transição para uma nova cartografia político-eleitoral. (BURITI, 2015)

A jovem Anayde Beiriz: um corpo marcado e escrevente de discursos que circularam nos anos 20 paraibanos. Foi educada para o exercício do magistério. Mas rasgou o verbo da tradição, segundo o qual política não diz respeito às mulheres. Anayde defendia o sufrágio feminino e a liberdade feminina. Mulher desejante e desejada, questionava as tramas opressoras, segundo as quais os desejos sexuais femininos estão naturalmente voltados para maternidade. Segundo Iranilson Buriti:

Através de falas, de roupas extravagantes, de decotes arrojados, vai inscrevendo em seu corpo marcas de transgressão e produzindo textos que mostram sua insatisfação quanto ao projeto de vida que a família tradicional-oligárquica reservou para a figura da mulher e que foi corroborada pelas escolas de formação de professor. (BURITI, 2015)

Em Jacobina na década de 30, moças pintam os rostos e mostram-se sujeitos desejantes, desejam a brisa em noites de luar, desejam o calor de outros corpos. E foram ao encontro de beijos, no murmúrio das águas no cais do Rio do Ouro, encontraram-se com rapazes.

Talvez as jovens antes de colorir os lábios com batom, lavaram o rosto com um sabonete Palmolive ou um sabonete caseiro, para limpar a pele e sentir o frescor da água numa bacia esmaltada ou numa gamela de madeira. Talvez alguma estivesse com pressa e levou consigo o batom e no momento apropriado coloriu os lábios. Talvez o mesmo batom coloriu todos as bocas momentos antes das moças chegarem aos cais. Elas marcaram presença e borraram o traçado disciplinar. No esconderijo das árvores, estalaram beijos nos Romeus.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que o corpo enquanto objeto de pesquisa permite várias abordagens analíticas de campos temáticos distintos, desde a medicina até a arte. Mas uma premissa fundamental nas pesquisas históricas é considerá-lo enquanto emergência histórica. Dessa forma, a presente pesquisa que versou sobre imagens do corpo feminino em Jacobina na década de 1930, contribui para o enriquecimento do campo de estudo sobre corpo e cidade, porém não esgota as possibilidades de investigação com o objeto, temáticas e fontes empregadas.

Com o desenvolver da pesquisa constatamos a viabilidade metodológica de se trabalhar com o jornal impresso como fonte de pesquisa, e, sobretudo, evidenciamos a possibilidade de pesquisa com as publicidades do jornal, como uma importante fonte para história das mulheres no Brasil. Faltou-nos analisar mais detidamente outros gêneros textuais no *O Lidador*, bem como outra documentação com o intuito de verificar com mais detalhes as práticas e comportamentos das mulheres em relação às investidas dessa rede discursiva-disciplinar.

Quanto às publicidades presentes no *O Lidador*, verificamos um conjunto de anúncios relacionados mais especificamente ao universo masculino, pelo menos no período mencionado: Gasolina e óleo lubrificante energina, óleo mobiloil e barbeador Gillette. Todavia, os objetivos da pesquisa não abarcaram a análise desses anúncios. Apontamos os aqui como uma possibilidade de pesquisa sobre imagens do corpo masculino no jornal *O Lidador*.

No decorrer da escrita, notamos que os textos literários presente no *O Lidador*, são uma profícua fonte de pesquisa sobre corpo e cidade. No entanto, não tivemos como analisa-los de modo mais criterioso. Notamos no periódico a existência de alguns textos de cunho religioso e nesses tem-se a delimitação de papéis de gênero e sexualidade, porém tais escritos foram pouco problematizados na presente pesquisa. Eis, portanto, possibilidades para outras pesquisas.

Para o recorte temporal em análise, a imprensa, comerciantes, médicos e dentistas (textos e publicidades no *O Lidador*) e gestores (prefeitos, vereadores, delegados, médico higienista), tecem os filigranas de uma rede discursiva sobre a cidade, os corpos e os comportamentos. E por meio da investigação do Código de Posturas (1933) e de textos do *O*

Lidador, identificamos que especialmente as letras das leis e da imprensa local procuraram conduzir as modificações urbanas, não só no sentido de ordenamento e da estética da cidade, mas também de um controle do cotidiano urbano.

Desse modo, a cidade é objeto de disputas simbólicas e enunciativas, a imprensa e os gestores públicos anseiam por um tipo de cidade e atuam na tessitura social, de acordo com suas concepções de cidade. Porém, nas tramas do cotidiano, as tentativas de ordenamento técnico racional do espaço urbano se esbaram em práticas heterogêneas. Os usos que muitos jacobinenses faziam dos seus corpos e dos equipamentos urbanos destoavam dos usos prescritos como civilizados.

Então, apresentamos algumas intervenções materiais na cidade e pontuamos sobre algumas práticas nesses espaços. Tentamos assim problematizar que no corpo a corpo do cotidiano urbano ocorrera um embate entre as estratégias, muitas vezes institucionais: médico, imprensa, leis... de disciplinamento da cidade e os usos que os sujeitos comuns faziam da cidade, como os tropeiros, meninos, feirantes (ao expor vísceras bovinas à venda), lavadeiras, banhistas e escovadores de dentes nos rios Itapicuru e Rio do Ouro, fumantes e beijadores no cinema.

Discutimos que na narrativa do *O Lidador* uma cidade em progresso ofereceria estabelecimentos comerciais para se cuidar da saúde e higiene corporal. Uma cidade em progresso exigia corpos civilizados, esquadrinhados pelo saber médico e odontológico. Uma Cidade-Sã, com corpos sem dores, sem fraturas, sem vermes, sem dentes podres, em suma corpos saudáveis e ágeis. Cidade-Utopia. Desse modo, demos especial atenção aos textos e publicidades de medicamentos e às referentes aos cuidados médicos e dentários.

Identificamos que no *O Lidador* principalmente nas publicidades de serviços médicos e de medicamentos direcionados ao público feminino, tem-se a preponderância do útero, o que implicava na explícita sugestão de medicalização dos corpos femininos e prescrição de comportamentos. Mesmo nos anúncios direcionados ao consumidor em geral e suas dores de cabeça, dentes, doenças decorrentes de impurezas no sangue, articulações e resfriados há indicações específicas ao tratamento de “incômodos de senhoras, inflamações do útero, enxaquecas de certos períodos”, incluindo assim, o público feminino como potencial consumidor dos medicamentos, como verificamos nos anúncios de *Elixir de Nogueira* e *Cafiaspirina*.

O corpo feminino além da possibilidade de ser acometido por dores de cabeça, de dentes, ouvidos, etc. necessitaria ser reparado, acalmado, remediado. Pois teria como órgão

central o útero. Assim, em especial os anúncios: *Vitor Uterino*, *Fluxo Sedatina* e *Regulador Gesteira* aludem ao caráter nervoso da mulher como característica do feminino, sobre as mulheres se abate o fantasma da dor e da histeria.

Esses anúncios inscrevem uma composição do corpo feminino em que o útero e os ovários são os órgãos mais importantes, bem como os que mais depressa inflamam. E tal composição interna implicaria em desarranjos em todo o corpo feminino e em seus comportamentos psicológicos e sociais. Nesse sentido, possuir útero implicaria numa sintomatologia feminina, tendo como patologia predominante o nervosismo. Portanto, o corpo feminino deveria ser medicalizado.

Notamos uma normatização dos desejos e práticas dos corpos femininos, dentre elas as sexuais enquadradas no casamento. Esse seria o momento de celebração e realização feminina e a maternidade a expressão de uma verdadeira feminilidade. Esses controles marcam o corpo feminino, prescrevendo - lhes certos comportamentos como corretos e condenando outros.

Também nos reclames de serviços médicos oferecidos na cidade notamos uma preocupação com o útero como órgão primordial da mulher, órgão propenso às doenças. Logo o corpo feminino demandaria cuidados minuciosos. Nesses reclames, item educador de comportamentos, tem-se a naturalização da maternidade. Nesse sentido, percebe-se uma normatização do corpo feminino e uma inscrição social que o marca com a função da maternidade, (nos anúncios de médicos a preocupação com o parto e aleitamento) como peça fundamental num projeto de cidade e de nação pautado nos ideias de ordem, progresso e civilidade.

Pela análise do *O Lidador* verificamos que mesmo tendo várias prescrições de um dever ser feminino, as mulheres nas tramas do cotidiano: no subir e descer serras, nas lavagens de roupas nos rios, ao namorarem no cais do rio do Ouro, ao atuar nos cabarés compunham seus arranjos de feminilidades.

Notamos que na atualidade têm-se a permanência da afirmação da maternidade como realização feminina por excelência. De modo que a completude feminina concretiza-se com a maternidade. Porém, pensamos que a maternidade e a paternidade no complexo palco da vida é uma das atuações/experiências na vida de mulheres e homens. Sendo possível inclusive a plenitude, sem tal experiência.

Com a análise dos textos da redação do *O Lidador* e dos anúncios de dentistas que atendiam na cidade notamos que um corpo civilizado na urbs devia exibir uma boca cheia de dentes tratados com o aval de dentistas. Relacionando esses dados com a análise dos anúncios

do creme dental Colgate percebemos que a relevância investida aos dentistas nos cuidados com a boca e a relação entre cuidados com os dentes, ligando-os aos cuidados com a saúde não se restringe aos anúncios locais, mas é marcante também nos reclames de circulação nacional.

Ressaltamos como singularidade nos anúncios do Creme dental Colgate a ênfase no gênero feminino. Nos anúncios do creme dental Colgate e o do sabonete Palmolive é mais nítida a relação entre boca e dentes saudáveis, o embelezamento e bem estar femininos. De modo que são geradas concepções de beleza e feminilidade. Os anúncios circunscrevem corpos e papéis de gênero. O êxito feminino estaria atrelado às relações amorosas heterossexuais. E o sucesso dessas relações passaria pelo crivo da beleza e higiene dos corpos femininos. Portanto, as mulheres deveriam cuidar-se e embelezar-se.

Com a análise de anúncios de revistas relacionadas à moda, anúncios de serviços de corte e costura oferecidos na cidade e lojas de vestuários e sapatos observamos que esses sugerem como as mulheres deveriam se portar: com beleza e recato no vestir. Deveriam almejar e se preparar para o matrimônio. No entanto, muitas mulheres destoavam desse perfil de corpo belo, desposado e materno inscrito pelos anúncios e os textos do *O Lيدador*. Arranhavam a imagem de “dóceis e frágeis” servidoras do lar, se divertiam no espaço público sob o céu noturno: estrelado, nublado ou de luar.

FONTES

Código de Posturas da Cidade de Jacobina, de 30 de dezembro de 1933. DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina. Menezes, Adriano e Oliveira, Valter (Org.) Acervos Digitalizados da Microrregião de Jacobina. DVD. Uneb: Jacobina, 2010. Seção: documentos diversos

Fotografias. MENEZES, Adriano; OLIVEIRA, Valter (Org.) Acervos Digitalizados da Microrregião de Jacobina. DVD. NECC/UNEB – CAMPUS IV. Jacobina, 2010. Seção: fotografias.

O Lidador (1933-1943). DVD: Acervos Digitalizados da Micro Região de Jacobina. Menezes, Adriano e Oliveira, Valter (Org.) Acervos Digitalizados da Microrregião de Jacobina. DVD. Uneb: Jacobina, 2010. Seção: O Lidador.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Ano 4, Nº19, Rio de Janeiro, 2009 [ISSN 1981-3384].

AMARAL, Marivaldo Cruz do. Mulheres, imprensa e higienização: a medicalização do parto na Bahia (1910-1927). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008. (p.927-944)

ARAÚJO, Erick Assis de. Cap. 4 Moralidade pública; cap.5 Vigilância e repressão: diversões e práticas religiosas afro-ameríndios. In: **Nos Labirintos da Cidade: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza**. Fortaleza: INESP, 2007. (p.175-214; 215-249)

BATISTA, Ricardo dos Santos. **Lues Venerea e as Roseiras Decaídas: biopoder e convenções de gênero e Sexualidade em Jacobina - BA (1930-1960)** / Ricardo dos Santos Batista. – Dissertação de Mestrado- Salvador, UFBA, 2010. 119 f.: il.

_____. **Condições de saúde e luta pela institucionalização do saber médico: o discurso médico nas serras jacobinenses (1930 -1940)**. IV encontro estadual de história - ANPUH-BA. História: sujeitos, saberes e práticas. 29 de julho a 1º de agosto de 2008. Vitória da conquista - BA.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos. Imagens da cidade: memória da modernidade no sertão. Jacobina, BA, 1920-1950 In: MENEZES Adriano; OLIVEIRA Valter de. **Culturas urbanas na Bahia: estudos sobre Jacobina e região/ (org.)** Salvador: EDUNEB, 2009. (p.15-30)

BUENO, Eduardo e TAITELBAUM, Paula. **Vendendo Saúde: história da propaganda de medicamentos no Brasil– Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária**, 2008.

BURITI, Iranilson. **Façamos a família à nossa imagem: A construção de conceitos de família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível**: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império. Campina Grande: EDUFPG, 2011.

BURITI, Iranilson. Fissuras femininas: a anatomia de anayde beiriz. In: BARBALHO, Ivamilson. **Foucault e subjetividades**. Maceió: UDUFAL, 2015.

CAJÉ, Marcielle. **“Até onde uma mulher honesta pode ir sem se perder?”**: discurso e papéis femininos no jornal O Lidador em Jacobina (1933-1935). –Monografia em História-Jacobina, UNEB, 2012.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação In: PANDOLFI, Dulce (org.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. (p. 167- 178)

CIRO FILHO, Marcondes. Introdução. In: **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986. (p.131-163)

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, PUC, nº 35, p. 253-270,

Dez. 2007.

DE CERTEAU, Michel. Caminhadas pela cidade; Economia Escriturística. In: **A Invenção do Cotidiano**. Tradução: de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis RJ: Vozes, 2012. (p.157-177; p. 209-224).

DIEZ DEL CORRAL, Florentina Santos. Anexo 5 – concluintes do curso de farmácia de 1836 A 1851. In: **Do Boticário Ao Farmacêutico**: O Ensino De Farmácia Na Bahia De 1815 A 1949 / Florentina Santos Diez Del Corral, Mirabeau Levi Alves De Souza, Odulia Lebereiro Negrão. - Salvador : EDUFBA, 2009. (p. 111- 184)

DONTTI, Orsoni Mereille. VII- “Dos pés a cabeça feita para o amor”; IX- A amiga dos médicos. In: **A mulher que eles chamavam fatal**: textos e imagens da misoginia fin-de-siécle; trad. Ana Maria Scherer- Rio de Janeiro: Rocco, 1996. (p.154-192; p.220-247)

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. **Ditos e escritos: Vol. II.** Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Manoel. B. da Motta (Org.). Elisa Monteiro (Trad.) (2ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008. (p.260-281)

_____. IX Poder-Corpo; XIV O Olho do Poder; XVI Sobre a história da sexualidade. In: **Microfísica do Poder.** Org. e trad. Roberto Machado.- Rio de Janeiro: Edições: Graal, 1979. (p.145-153; p. 209-227; p-243-276).

GOODWIN JUNIOR, James William. Anunciando a civilização: imprensa, comércio e modernidade fin-de-siècle em Diamantina e Juiz de Fora, MG. In: **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 97-117, dez. 2007.

HOSSEINI, Khaled. **O Caçador de Pipas.** Tradução Maria Helena Rouanet- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

JACQUES, Berenstein Paola. **Experiência errática.** Revista Redobra N° 9. Ano 3. 2012. BERENTEIN, 2012. (p. 192-204)

JESUS, Zeneide Rios de. **Eldorado sertanejo:** garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940). Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 2005.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo na Modernidade.** Petrópolis: Vozes, 2013

LIMA, Nísia Trindade & HOCHMAN, Gilberto. "Condenado pela Raça, Absolvido Pela Medicina: O Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República". In: MAIO, Marcos Chor; Santos, Ricardo V. (Org.). **Raça, Ciência e Sociedade.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CCBB, 1996, (p. 23-40)

LUZ, Adriana de Carvalho. **Mulheres e doutores:** discursos sobre o corpo feminino. Salvador, 1890-1930. Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 1996.

MATOS, Maria Izilda Santos de Matos. **Sorria: mulher, publicidade e dentes.** IN: Anais eletrônicos: Fazendo Gênero. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos - 23 a 26 de agosto de 2010. Santa Catarina. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278004976_ARQUIVO_MariaIzilda.pdf. Acesso em 22 de abril de 2013.

MARINS, Paulo Cesar Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no**

Brasil 3 – República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (p.131-214 e p. 684-686)

MILLÁS, Juan José. **O Mundo**. Tradução de Marcelo Barbão. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009.

MENEZES Adriano. **Eurycles Barreto**: a poesia da Chapada Diamantina nos anos 30. DESENREDOS - ISSN 2175-3903 - ano II - número 05 - Teresina - Piauí – abril, maio e junho 2010. 2 v. Disponível em: www.dEsEnrEdoS.com.br

_____. **A imprensa sertaneja**: uma busca de identidade cultural no Piemonte da Chapada Diamantina. In: Anuário de pesquisa da Uneb– edição 1. Salvador, BA, novembro de 2009. Disponível em: <http://www.ppg.uneb.br/wp-content/uploads/anuario2009.pdf> . Acesso 20 de março de 2015.

NÉRET, Gilles. **August Rodin**- esculturas e desenhos. Lisboa: Editora Taschen, 1997.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: **História do Corpo no Brasil** (Org.) Mary Del Priore, Marcia Amantino. São Paulo: Editora Unesp, 2011. (p. 477- 506)

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. **Revelando a cidade**: Imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina 1955-1963). Dissertação de mestrado, Salvador, UFBA, 2007.

_____. **Cultura Fotográfica na Bahia**: Osmar Micucci e a fotografia em Jacobina (décadas de 1950 e 1960). In: Domínios da Imagem, Londrina, ano III, n. 6, p. 129-146, maio 2010.

_____ **“Vivemos identificados com a civilização, dentro da civilização”**
Autoimagens urbanas nos sertões da Bahia. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social, Natal, RN, 2013.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

REZENDE, Antônio Paulo. Cap. 01: A cidade: olhares, tramas, tensões. In: **Desencantos Modernos**: Histórias Da Cidade Do Recife Na Década de XX- Recife: FUNDARPE, 1997. (p.21-105)

ROCHA, Heloisa Pimenta. A exposição dos comportamentos exemplares. In: **A higienização dos costumes**. São Paulo: Mercado das Letras, 2003, p. 165-230.

RONCAYOLO, Marcel. **Transfigurações noturnas da cidade**: o império das luzes artificiais. Tradução: Eveline Bouteiller Kavakama. Projeto História, São Paulo, maio de 1999. (p. 97- 101)

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. È possível realizar uma história do corpo? In: **Corpo e história**/ Carmem Lucia soares (org.) – Campinas, São Paulo: Autores Associados. 2006- 3. Ed. (coleção educação contemporânea) (p. 3-23)

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Higiene e Higienismo entre o Império e a República**. In: História do Corpo no Brasil (Org.) Mary Del Priore, Marcia Amantino. São Paulo: Editora Unesp, 2011. (p. 283-312)

_____. **A conquistada da água**. Projeto História, São Paulo, maio, 1999. (p- 295- 300)

_____. **Propaganda e História**: antigos problemas, novas questões. Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1997. (p.89-112)

_____. **História da beleza no Brasil**. – São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Corpos de Passagem:** ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, Vanicléia Silva. **Sons, danças e ritmos:** A Micareta em Jacobina-BA (1920-1950). Dissertação de mestrado, São Paulo, PUC, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1997, vol.3, p. 7-48.

SILVA, Edson. **Modernização, sanitarríssimo e cotidiano (Jacobina – BA 1955-1959)**. – Campina Grande. Dissertação de mestrado, Campina Grande, UFCG, 2015.

SILVA, Neemias Oliveira da. Mulheres em *O Lيدador*: Múltiplos enunciados, discursos uniformes In: MENEZES Adriano; OLIVEIRA Valter de. **Culturas urbanas na Bahia: estudos sobre Jacobina e região/ (org.)** Salvador: EDUNEB, 2009. (p.109-131)

SOUZA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Campina Grande:** cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945) *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 46, pp. 61-92 – 2003.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza:** O corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ANEXOS

A) Fotografias do cordão Assassinos da Tristeza:



Assassinos da Tristeza-
Micareta em Jacobina

Fotografo: Juventino
Rodrigues

Data: 1936

Disponível: DVD:
Acervos Digitalizados da
Micro Região de
Jacobina.



Assassinos da Tristeza
Micareta em Jacobina

Fotografo: Juventino
Rodrigues

Data:1937

Disponível: DVD: Acervos
Digitalizados da Micro
Região de Jacobina.



Assassinos da Tristeza
Micareta em Jacobina

Fotografo: Aurelino Guedes

Data: 1941

Disponível em:

<https://www.facebook.com/JacobinaBahia/photos/a.242255249139175.63385.208075982557102/242257385805628/?type=3&theater>

no álbum: Cidade do Ouro na
página do face book: Jacobina
Bahia.

Acesso: 17 de novembro de
2011